



Caminhos

PELA CIDADE: EXPLORANDO A
ESCRITA CRIATIVA COM O FLÂNEUR

Organizadora
Tais Turaça Arantes

EDITORA
**BORDÔ
GRÊNA**

CAMINHOS PELA CIDADE
EXPLORANDO A ESCRITA CRIATIVA COM O
FLÂNEUR

Comissão Editorial

Ma. Juliana Aparecida dos Santos Miranda

Ma. Marcelise Lima de Assis

Conselho Editorial

Dr. André Rezende Benatti (UEMS*)

Dra. Andréa Mascarenhas (UNEB*)

Dra. Ayanne Larissa Almeida de Souza (UEPB)

Dr. Fabiano Tadeu Grazioli (URI) (FAE*)

Fernando Miramontes Forattini (Doutorando/PUC-SP)

Dra. Yls Rabelo Câmara (USC, Espanha)

Me. Marcos dos Reis Batista (UNIFESSPA*)

Dr. Raimundo Expedito dos Santos Sousa (UFMG)

Ma. Suellen Cordovil da Silva (UNIFESSPA*)

Nathália Cristina Amorim Tamaio de Souza (Doutoranda/UNICAMP)

Dr. Washington Drummond (UNEB*)

Me. Sandro Adriano da Silva (UNESPAR*)

*Vínculo Institucional (docentes)

Tais Turaça Arantes
ORGANIZADORA

CAMINHOS PELA CIDADE
EXPLORANDO A ESCRITA CRIATIVA COM O
FLÂNEUR



Catu, BA

2024

© 2024 by Editora Bordô-Grená
Copyright do Texto © 2024 Os autores
Copyright da Edição © 2024 Editora Bordô-Grená

TODOS OS DIREITOS GARANTIDOS. É PERMITIDO O DOWNLOAD DA OBRA, O COMPARTILHAMENTO E A REPRODUÇÃO DESDE QUE SEJAM ATRIBUÍDOS CRÉDITOS DAS AUTORAS E DOS AUTORES. NÃO É PERMITIDO ALTERÁ-LA DE NENHUMA FORMA OU UTILIZÁ-LA PARA FINS COMERCIAIS.

Editora Bordô-Grená
<https://www.editorabordogrena.com>
bordogrena@editorabordogrena.com

Projeto gráfico: Editora Bordô-Grená
Capa: Keila Lima de Assis
Edição: Editora Bordô-Grená
Revisão textual: Editora Bordô-Grená

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez - CRB-1/3129

Caminhos pela cidade [livro eletrônico] : explorando a escrita criativa com o Flâneur / organização

Tais Turaça Arantes. -- 1. ed. -- Catu, BA : Bordô-Grená, 2024.

PDF

Vários autores.

ISBN 978-65-80422-47-0

1. Crítica literária 2. Escrita criativa 3. Literatura brasileira - Crítica e interpretação 4. Literatura brasileira - História e crítica

I. Arantes, Tais Turaça.

24-226616

CDD-808

Índices para catálogo sistemático:

1. Escrita criativa : Coletâneas : Literatura 808

Os conteúdos dos capítulos são de absoluta e exclusiva responsabilidade dos autores.

S U M Á R I O

APRESENTAÇÃO	13
--------------	----

PARTE I – PROSA

CAMINHANDO PARA O FIM	17
<i>Ana Paula Santos Côrte</i>	
O ERRANTE	19
<i>Andrya Ramos</i>	
19A RAZÃO DOS OLHOS	24
<i>Julia Sant’Ana Aniceto</i>	
O COTIDIANO	27
<i>Asafê Marques Rodrigues</i>	
PRISIONEIRO DA CIDADE	31
<i>Mariana da Maia Dias Ramos</i>	
A ALGUNS PASSOS DO NÚMERO 35 DA FERREIRA VIANA	34
<i>Alice Quedo Rocha</i>	
OS SONS DA CIDADE	38
<i>Ana Clara Cobra Pio</i>	
A GAROTA E O METRÔ	42
<i>Giulia De Lucca Cardoso Sassone</i>	
OS MEIOS JUSTIFICAM OS FINS!	44
<i>Gabriel Quindelher Britto Pereira De Souza</i>	
QUALQUER PRAÇA	51
<i>Leonardo Souza Lima de Carvalho</i>	

TUDO QUE EU FIZ, FOI PELA SELVA DE CONCRETO	56
<i>Luiza Helena Fiuza Espindola Da Cruz</i>	
UM OLHAR DIFERENTE	62
<i>Antonia Sumara Sousa Araujo</i>	
O ESPECTADOR INSONE	65
<i>Brenda Messias Archangelo De Souza</i>	
CIDADE MARAVILHOSA	68
<i>Breno Henrique Dos Santos Ferreira</i>	
O CAMINHO ATÉ A ESCOLA	69
<i>Tais Turaça Arantes</i>	
MONOTONIA E AMOR	72
<i>Bruno Rego Diniz</i>	
PENSAMENTOS DESVAIRADOS DO PASSAGEIRO DO ÚLTIMO TREM PARADOR	75
<i>Isabelle Ramos Macedo Carvalho</i>	
QUINTA-FEIRA DE UM TRABALHADOR CARIOCA	78
<i>Heraldo De Souza Alves</i>	
ANDANDO PELA CIDADE	81
<i>Silvio Lucas de Lima</i>	
A CARTA PARA JOÃO DO RIO	84
<i>Robson de Oliveira Alves Júnior</i>	
A CURIOSIDADE	90
<i>Ivan Carlos Silva</i>	
ANDAR NA CIDADE ONTEM E HOJE	94
<i>Luzia Angélica Alves Guimarães</i>	

ROTINA DA VIDA DUPLA: DUAS FACULDADES E NENHUMA VIDA	98
<i>Stephanie Vieira Machado Dias</i>	
AMOR: DO INÍCIO AO FIM	100
<i>Saenny Lucio de Araujo</i>	
UM DOMINGO NO LEBLON	103
<i>Roberta de Moraes Correa</i>	
CLARISSA DALLOWAY NÃO ACREDITAVA ABSOLUTAMENTE EM DEUS	106
<i>Carolina Goldfarb Cobbett</i>	
AS RUAS, A CIDADE E EU	108
<i>Fernanda Ginu Ribeiro</i>	
MEU TÊNIS E A CIDADE	111
<i>Karolina Costa Mattos</i>	
SERES DE LUZ	113
<i>Marina Vale Ferreira</i>	
FOI SÓ MAIS UM DIA	117
<i>Meidson Mauro Cantalejo Da Silva Aguiar</i>	
OS DOIS LADOS DA CIDADE	123
<i>Maria Eduarda de Andrade Almeida</i>	
DENNIS	126
<i>Emmanuel Moura</i>	
DESSALGUE	132
<i>Julia Cussa Peixoto Mello</i>	

A ESSÊNCIA DO RIO DE JANEIRO	134
<i>Juliana da Silva Ferreira</i>	
UMA ESCRITA E VÁRIAS VOZES	138
<i>Izabelli Cristine Aguiar Barbosa De Azevedo</i>	
AGOSTO NO RIO DE JANEIRO	141
<i>Marcelo Barbosa Rebello</i>	
RIO DE JANEIRO, UM DIA QUALQUER DE UM MÊS DO ANO DE 2023	145
<i>José Maria Gomes da Silva Júnior</i>	
MAIS UM DIA DE AGOSTO	149
<i>Raphael Miguel da Silva</i>	
PAVÃO PAVÃOZINHO E CANTAGALO	153
<i>Nicolly Costa Martins</i>	
MESA TREZA	155
<i>Murilo Ruy de Souza Menezes Almeida</i>	
MESA TREZA	159
<i>Murilo Ruy de Souza Menezes Almeida</i>	
UMA MULHER E UMA CIDADE	163
<i>Raquel Silva dos Santos M. Goulart</i>	
AS RUAS DA CIDADE... AS RUAS DA VIDA	166
<i>Ricardo Luiz Ferraz Almada</i>	
A CAMINHADA	172
<i>Rebecca Vitoria P. Veiga de Freitas</i>	

CENTRAL DO BRASIL, REALIDADE BRASILEIRA	174
<i>Vitória Machado da Costa</i>	
PRÓXIMA ESTAÇÃO: DEODORO	178
<i>Rafaela Barroso</i>	
FLANANDO PELOS DIAS NO RIO	180
<i>Tadeu Franco da Fonseca</i>	
PRINCIPALMENTE, ME SINTO CANSADO	184
<i>Yuri do Nascimento Marques</i>	
PRINCIPALMENTE ME SINTO CANSADO	186
<i>Yuri do Nascimento Marques</i>	

PARTE II - POESIA

FLANERIE	189
<i>Álvaro Claro De Paiva Dias Negrão</i>	
O EXTINTO RAMAL DEODORO	190
<i>Luiza Firmino Coelho</i>	
CIDADE	192
<i>Gabe Carvalho Falci</i>	
ANSIEDADE	193
<i>Caio Fialho Barros Silva</i>	
TRANSUMÂNCIA	194
<i>Emilly Menezes Gomes</i>	

CAMINHADA DA ESPERANÇA	196
<i>Carlos Gustavo Camillo Pereira</i>	
FACETAS DA CIDADE	197
<i>Julia Hela Schorr de Oliveira Lima</i>	
MINIANTOLOGIA POÉTICA	199
<i>Victoria Mariana Oliveira</i>	
SOMENTE SONHADORES	202
<i>Rute Nascimento de Macedo</i>	
ÁGUAS QUE SE ESCONDEM	203
<i>Maria Cláudia Silva</i>	
VAMPIRO FLÂNEUR	205
<i>Álvaro Claro De Paiva Dias Negrão</i>	
A ALMA DA ANDARILHA	206
<i>Anna Gabriella Dias de Moura</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	207



APRESENTAÇÃO

Durante o ano letivo de 2023, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), foi desenvolvido um projeto sob minha orientação, cujo objetivo era explorar a escrita criativa por meio da atividade do flâneur. Inspirados pelas reflexões de Walter Benjamin sobre a cidade e o ato de caminhar, os alunos foram incentivados a se tornarem observadores atentos do ambiente urbano, capturando suas impressões e experiências em narrativas criativas. Este projeto visava não apenas estimular a expressão literária dos estudantes, mas também promover uma conexão mais profunda com o espaço urbano e suas complexidades.

Por isso, apresenta-se com entusiasmo o livro "Caminhos pela Cidade: Explorando a Escrita Criativa com o Flâneur". Esta obra representa o fruto do árduo trabalho e da expressão artística dos alunos da disciplina de Teoria da Literatura II, durante o ano de 2023.

Ao longo do curso, os estudantes foram convidados a explorar os conceitos da literatura através de uma abordagem única: a atividade do flâneur. Inspirados pelas reflexões de Walter Benjamin sobre a figura do flâneur na modernidade, os alunos foram encorajados a mergulhar nas ruas da cidade, observar o mundo ao seu redor e traduzir essas experiências em textos criativos.

Assim, cada página deste livro reflete não apenas a compreensão dos estudantes sobre os conceitos teóricos discutidos em sala de aula, mas também sua capacidade de interpretar e reinventar o ambiente urbano através da escrita. Os trabalhos presentes aqui são uma celebração da imaginação, da sensibilidade e da habilidade literária de



cada autor, enquanto exploram temas como a solidão na multidão, a alienação urbana, a beleza do cotidiano e as complexidades da vida moderna.

Navegando por entre as páginas deste livro, o leitor será convidado a caminhar pelas ruas movimentadas da cidade, a observar os detalhes aparentemente insignificantes do cotidiano e a contemplar as nuances da existência humana. Cada conto, poema ou ensaio oferece uma nova perspectiva sobre o mundo ao nosso redor, convidando-nos a refletir sobre a nossa própria relação com a cidade e com a arte da escrita.

"Caminhos pela Cidade: Explorando a Escrita Criativa com o Flâneur" é mais do que um simples livro; é um convite para uma viagem através da mente criativa dos nossos estudantes, uma jornada que nos leva além dos limites da sala de aula e nos convida a descobrir a beleza da vida e da arte, onde quer que estejamos.

Tais Turaça Arantes

PARTE I
P R O S A



CAMINHANDO PARA O FIM

Ana Paula Santos Côrte

A maldição ou, neste caso, o dom de ser invisível em meio a sociedade me trouxe o hábito de observar esses seres caóticos tão absortos em suas próprias realidades hostis. Os ternos, regatas e vestidos coloridos se misturam em meio ao cinza frio da cidade - Rio de Janeiro -, que outrora fora uma cidade feliz com músicas carnavalescas que preenchiam os vazios, crianças que brincavam em parques, idosos que se sentavam nas varandas e fofocavam a tarde inteira, o clima amigável que pairava sobre o lugar se foi dando espaço para a miséria, o choro de milhares que imploraram por misericórdia. Aos poucos, a cidade perdeu sua cor, os seus habitantes perderam suas casas, seus motivos para sorrir e, alguns, preferiram tirar suas próprias vidas a viver, ou melhor, sobreviver num mundo onde não se há liberdade para o mínimo.

Sendo invisível, eu consigo transitar das partes mais perdidas até aquele pequeno lugar privilegiado onde ainda há um pouco de riqueza. Eu tenho a felicidade de desfrutar de pequenos prazeres como a mínima gota de felicidade de uma família na qual o patriarca conseguiu um emprego depois de anos, mas também sofro com a dor de ver um jovem cometer um suicídio ao descobrir que sua esposa engravidou e ter a certeza de que não conseguiria dar uma vida digna ao filho.

Caminhar pelo calçadão de Copacabana, aquele que em tempos dourados era um dos cartões-postais dessa cidade, é se deparar com uma onda de tristeza que cisma em tomar conta de nossos corpos. Olhar para onde ficava o mar e se deparar com um chão árido, seco, sem qualquer



espécie de vida, não ter mais a visão verde deslumbrante que tomava conta dos arredores, os hotéis, casarões em pedaços.

Metade da população desistiu de viver aqui. Aos poucos, eu assisti amigos indo em busca de algo melhor, e eu espero que tenham encontrado, assisti conhecidos e desconhecidos tirando a própria vida por não aceitar a realidade que estamos vivendo e ao futuro que estamos fardados. Aqueles poucos que sobrevivem, que se autointitulam fortes, utilizam de ternos e gravatas mesmo aos 50 graus num dia de inverno, matam a sangue-frio aqueles que tentam subir de condições, matam por alimento. Estamos caminhando para o fim e não há nada que se possa fazer.

Aqueles engravatados nos observam ruir perante seus olhos, do alto de suas coberturas que insistem em resistir a toda destruição que o planeta vem sofrendo. Eles olham para nós e zombam, como se fosse nós o motivo de toda tragédia, como se apenas a gente fosse sumircom o tempo, sequer conseguem olhar para o próprio umbigo e perceber que eles estão tão ferrados quanto nós, meros pobres lixos que buscam restos nos entulhos para sobreviver. A invisibilidade é um dom, de fato, mas me destrói aos poucos.



O ERRANTE

Andrya Ramos

Laetiësgârth, Reino da Bogárdia

34º dia do 2º mês do 81º ano da 17º era solar.

Há um bêbado sentado no chão do bar, e ele canta, entre um gole e outro na caneca de latão visivelmente imunda, uma cantiga estranha. Embora meu arassio não seja capaz de traduzi-la, é possivelmente do período *haikkëriano*, há cinco ou seis eras solares, eu acho. A voz do homem é embargada e triste, e certamente ele não é nenhum bardo, mas a letra diz:

“Uz berrön-yek, vess bër’yon tak.

*Bom amigo meu, não deixe de me
enterrar.*

*Não na cidade nem na colina, mas de
onde eu possa ver o mar.”*

É, acho que *Gölin* vai gostar de ouvir essa. As eras marítimas são as preferidas dele. Epor falar em mar, melhor eu ir vê-lo antes que todo o mar Báscaro comece a cair do céu.

As ruas do meu vilarejo são bem melhores do que as dessa cidade. Laetiësgârth parece ter cem vezes mais cidadãos e mil vezes mais sujeira. Cada viela estreita comporta adequadamente cerca de dez latrinas imundas de cada uma das casas, fora o que os cães, porcos, galinhas e



gatos deixam para trás. Eu odeio as cidades, mas adoro conhecê-las bem para poder contar cada detalhe pútrido para *Maksým*. Toda vez que eu volto para casa, ele me pede para narrar tudo que vi pelo caminho, desde a última moda em termos de chapéus até o aspecto nojento das ruas e, principalmente, da comida do lugar. É o meu trabalho: observar e narrar.

Mas Laetiës tem algo de diferente de todas as outras cidades. É o mais perto que eu já estive da Capital e parece que o tempo aqui salta alguns números do relógio. É que todos andam tão apressados que você, se não correr também, parece paralisar no lugar enquanto vultos e vozes formam um corredor ao seu redor. Se prestar bastante atenção, pode-se sentir até uma leve brisa mover seu cabelo, só pelo movimento da multidão à sua volta; se fechar os olhos, e principalmente, ignorar o cheiro, você é capaz de jurar que está em um pequeno barco em meio aos grandes lagos escondidos de Ausbãrg.

Uma pena que essa sensação não chegue a durar nem um minuto. Logo uma *'sai do caminho'* ou um esbarrão proposital despertam você do transe. Nas cidades não se permite sonhar. Especialmente quando se está a trabalho e seu mestre é um velho rabugento, como é o meu caso. Mas no caminho para a livraria, ainda há muito para ser observado.

Há, por exemplo, ao fim de um beco estreito, um templo a *Arasset*. As pessoas depositam pães e flores aos pés da imagem que brota da parede. O mito da idosa grávida do mundo, surgidora segunda era, provavelmente. As velas derretem por sobre os alimentos e escorrem por um caminho sujo e lamacento que se estende até o meio da humilde



viela. Junto aos animais que passam e comem as ofertas, homens e mulheres se ajoelham, acendem uma vela e cantam. Cantam tão alto como podem. O som é ensurdecedor até do lado de fora, mas há uma cativante beleza em ver alguém cantar com tanto fervor enquanto as lágrimas descem-lhe as bochechas. É mórbido, mas lindo.

Não só o tempo parece ser distinto, mas o espaço também. No meu vilarejo, pode-se caminhar por horas sem ver nada além de plantações e espantalhos. Mas aqui, há poucos passos de um lugar sagrado, em meio a barracos de madeira e pano, a cidade dá lugar ao erótico. Jovensaltos e corpulentos exibem sorrisos e faixas de pele nua a todos que passam espremidos. Uma mulher mais velha e voluptuosa me sorri, eu olho para baixo e ela passa ao próximo transeunte: uma moça que sorri de volta e, assim, ambas adentram a construção precária encoberta em lençóis.

É interessante perceber como a rua tem seus próprios códigos, sua língua. Não é preciso esforço algum, a linguagem da cidade adentra-lhe o sangue sem pressa. Um sorriso, um canto, um assobio ou apenas um olhar. Para aprender cada signo, basta apenas observar. É magnífico falar um idioma tão naturalmente. Espero que Maks também o aprenda, quando tiver idade.

A comida também é um caso à parte. Mais à frente, seguindo o movimento rastejado das ruas, chega-se à Praça Central, onde tudo acontece. O entardecer não é impedimento, como no interior; aqui a luz vem dos postes a óleo e permite que a vida continue até a noite. Há todo o tipo de comida e de cliente que se possa imaginar. Crianças correndo



derrubando pipoca pelo caminho e marinheiros recém-chegados atacando bacias de um alimento duvidoso. Os que não comem, como eu, observam os que o fazem, pois embora a aparência assuste, o cheiro e a fome atraem.

Isso, é claro, para os que podem pagar, pois a cidade dá lugar desde os mais ricos mercadores aos mais miseráveis pedintes, que se arrastam aos pés dos que caminham. Idosos, mães e animais, todos dividem a sarjeta em busca de alguma migalha. Uma criança em particular, no entanto, chama a minha atenção desde o outro lado da praça: ela está chorando, com as lágrimas escorrendo negras pelo seu rosto empoeirado e ela olha, fixamente, em meio ao caos da praça, para um barco de papel caído em uma poça d'água barrenta, dentre as tantas da cidade. Mas a visão a dissipada quando uma senhora agarra a mão da menina e segue o ritmo incansável da cidade.

E atravessando a praça, mais bêbados, mendigos e prostitutas por cada saindo de cada rua, sentado em cada banco ou protegendo da chuva que vem debaixo de cada marquise. Há certamente muita dor. No entanto, observando bem, também se vê o vendedor de pipoca a conquistar o soldo do dia, ou o fiel fervoroso agradecendo as bênçãos de Arasset com um canto forte, ou um professor de história antiga com ênfase em literatura arassia do período haikkëriano, que está me chamando através da vitrine para me mostrar o livro que o trouxe a essa cidade.

De qualquer maneira, é instigante notar que toda cidade, vila e vilarejo, independentemente do tamanho ou de quanta sujeira possa



comportar, carregam marcas próprias, escondidas por entre suas ruas, dentro de seus moradores, e esperam pacientemente até que um simples desconhecido, um transeunte qualquer lhes dê um pouco de tempo para que possam se revelar. Espero ser capaz de me lembrar bem cada peculiaridade para o pequeno Maks – e, do contrário, que Arasset me ajude.



A RAZÃO DOS OLHOS

Julia Sant'Ana Aniceto

O barulho ensurdecedor toma conta do cômodo deixando óbvio o sentido, quatro horas da manhã, hora de trabalhar. Chega à preguiça juntamente com o cansaço, toma conta do corpo como se estivesse colado na cama, porém as obrigações forçam a levantar para seguir mais um dia. Os pensamentos são interrompidos ao abrir a porta, automaticamente os olhos caem em Valentyna, uma bulldog francês acinzentada e serelepe, que estava se coçando em cima do sofá. Engraçado que ela tem sua própria caminha com lençóis confortáveis, mas toda oportunidade, se deita no sofá para dormir, enfim, ela é uma fofa. No banheiro, em frente ao espelho, já observo o olhar cansado acompanhado com olheiras fundas e escuras, o rosto amassado demonstrando mais uma noite bem dormida e com isso, a satisfação toma conta da alma. A água morna cai nas costas, aliviando o cansaço e dando disposição para o corpo, essa é a melhor hora do dia em que todo o descarregado vai junto com a água e indo direto para o ralo, realmente, tudo fica mais leve.

Morar na Zona Oeste do Rio de Janeiro tem suas desvantagens, acordar de madrugada para ir até seu compromisso, se arrumar quatro horas do horário previsto para ter a possibilidade de chegar na hora certa, andar de madrugada na rua olhando para todos os lados com medo de ser violada. Criada nas ruas, mas não é por isso que deixa de ser medonha, o caminho é silencioso e assustador, nenhuma alma se quer na rua, mas o cenário melhora quando chega no centro do bairro,



onde ocorre toda movimentação. Ali se vê todo tipo de pessoa e espaço, começa com o trabalhador adiantado que escolhe o conforto para seguir seu caminho na tranquilidade, esses normalmente estão sempre sentados esperando o famoso "frescão" chegar, a passagem é mais cara e o caminho mais longo, porém tem assentos confortáveis que se deitam e ar-condicionado. Os que normalmente estão atrasados compram seu café da manhã e vão andando e comendo o mais rápido possível para chegar no determinado serviço rodoviário ou ferroviário.

Dentro do trem é aquela coisa de sempre, os camelôs trabalhando promovendo suas mercadorias com bordões e promoções e quem consome já separou seu dinheiro.

A realidade é completamente diferente do que se possa imaginar, ficar mais de duas horas em um transporte público amplia sua mente de forma que vai conectando com seu conhecimento de mundo. Se depara com situações bizarras como parar o tráfego pois está tendo guerra entre policiais e bandidos em estações que o trem é obrigado a passar, o desespero é tão grande que os passageiros precisam deitar-se no chão do transporte em sinal de sobrevivência, lutando todos os dias para colocar comida na mesa de casa e ainda precisa lidar com a morte de perto. É assustadora a insensibilidade que o mundo à volta tem com essas pessoas.

Chegando ao Maracanã e mais um dia de estágio, andando pela rampa ao sair da estação, vem aos pensamentos alguma forma de lidar com todos os problemas na mente de uma só vez, é aluno analfabeto no nono ano, é aluno brigão, os que só visitam indo uma vez na semana, os



que respondem e apresentam sua visão de forma clara e justa. Adentro pelo portão com uma única certeza, preciso lutar por essas crianças e mudar sua realidade de acordo com o ensino e educação transmitidos em sala de aula, o objetivo está sendo alcançado aos poucos dando esperanças e modificando os planejamentos. É o sentimento mais puro que carrego em meu peito.



O COTIDIANO

Asafe Marques Rodrigues

Acordo com o som do meu despertador, ignoro, durmo por mais meia hora. Levanto-me após o segundo toque. Como de costume, me visto, escovo os dentes e saio de casa apressado. Não faço minha primeira refeição (seria melhor ter acordado meia hora mais cedo). Ao sair na rua percebo que o sol está mais quente. Minha vizinha me cumprimenta de forma simpática, até demais. Eu não esperava por isso. Ontem mesmo ela tinha vindo reclamar dos latidos do meu cachorro. Ignorei essa estranheza e prossegui. Me sentia disposto, parecia um dia diferente. Ao virar a primeira esquina uma moça sorriu para mim, e eu, claro, sorri de volta. Não parecia uma terça-feira qualquer... Já na metade do caminho ao ponto vejo um artista de rua performando na calçada (às 6:30 da manhã?), o que me deixou curioso. Eles costumam se apresentar no centro da cidade onde é muito mais movimentado... Caminho mais... Passo em frente à casa do meu melhor amigo, o único. Por muita coincidência ele abre a porta, me cumprimenta e segue comigo. Conversamos, falamos sobre a nossa vida, sobre nossos momentos. Até que somos surpreendidos por uma sequência de estouros. Olhamos para cima e vemos um transformador caindo em nossa direção. O susto foi tanto que me fez despertar.

Acordo antes do despertador. Vejo as horas, e ainda faltam 35 minutos. Assustado, decido não voltar a dormir. Levanto-me, me visto, e dessa vez, tomo meu café. Após escovar os dentes, com muito sono (seria melhor ter dormido por mais meia hora), saio de casa. O tempo



está chuvoso. Não volto para pegar meu guarda-chuva, não chove tanto. Na calçada, minha vizinha mal-encarada. Depois de um bom dia mal correspondido, comecei minha caminhada até o ponto. Viro a esquina e vejo um morador em situação de rua com uma placa. Não o conhecia. Colocando as mãos nos bolsos só encontro moedas de cinco centavos. Dou a ele essas moedas. Em retribuição recebo um palavrão dito com tanta vontade que, se não fosse para mim, eu o repetiria diversas vezes durante o dia. Uma moça que passava, vendo a cena, sorri. Que vergonha... Ao passar em frente a uma casa de muro verde me recordo dos bons momentos que passei com meu melhor amigo que ali morava. Hoje sou só eu e os colegas que tolero até o final do meu turno. Prossigo. Já posso ver o ponto. Olho para trás e vejo meu ônibus se aproximando, mas não me apresso. Não estou atrasado, me falta adrenalina. Faltando cinquenta metros me deixo levar pelos pensamentos que chegam sem avisar.

Ando me sentido apático. Às vezes vem a tristeza acompanhada da culpa por me faltar motivos para me sentir assim. Uma doença? Uma traição? O que me perturba minha paz é a falta de novidades... Todos os dias a mesma rotina, os mesmos trajetos, as mesmas caras, as mesmas coisas ruins e as mesmas coisas boas. Por que não um dia inteiramente ruim? Por que um pequeno desastre não vem e me resgata dessa cotidianidade? Não estou desejando o mal para os outros, só fico imaginando uma quebra roteiro. Talvez uma batida entre um ônibus e um carro que não cause nada além do susto, que apenas atraia uma roda de pessoas curiosas, uma roda em que eu participaria, tentaria me



informar sobre o ocorrido, compartilharia minha opinião acerca de quem estava errado. Nenhuma fatalidade, nem mesmo um ferido. Enfim... Tudo isso é só um devaneio. Não o desejo de fato. Não desejo algo bom ou ruim. Só quero o diferente.

Faltam poucos passos para chegar até o ponto. Tudo ainda muito normal. Posso quase prever o que ainda vai acontecer. Com certeza aquele senhorzinho ali vai me dar um bom dia e fazer algum comentário sobre o tempo. Errei. Um bom dia e nenhum comentário. Finalmente chego. Vejo seis ou sete pessoas. Não reconheço nenhuma delas. Mesmo vivendo neste bairro há seis anos ainda sinto bastante dificuldade em guardar os rostos dos moradores. Ando sempre muito distraído. Apenas respondo, quase nunca pergunto. Meu ônibus passa de vinte em vinte minutos, agora é só esperar. Sento-me, e ao invés de tirar meu celular da cintura, começo a observar os que usam o celular. Agora tenho certeza, são sete pessoas e não seis. Quatro mulheres e dois homens. Fico imaginando qual o destino deles. Olho para cada um e fico imaginando com o que trabalham, o que fazem no tempo livre, o que gostam de ouvir, de assistir. Sou uma pessoa que se apega facilmente as coisas e as pessoas. Costumo observar famílias na rua e fico triste em saber que se eu tentasse aproximação provavelmente seria enxotado. Por que não me chamam para um jantar? Só por que nunca me viram na vida? Não conhecem minha índole. Me sinto tão desprezado...

Voltando a minha realidade concreta, passo a imaginar como seria uma amizade com cada um deles (velho hábito de idealização). Até onde será que eles me acompanharão? Soltarão quantos pontos antes ou



depois de mim? Divago, divago, e um ônibus chega, é o 327. Entro, e três dos sete me acompanham. Um deles se senta ao fundo, já os outros dois na minha frente. O motorista acelera bastante, vou chegar rápido. Sento-me no banco ao lado da janela e passo a observar a rua. Distraído observando os pedestres, os carros, as motos, acabo me esquecendo um pouco dos meus companheiros do ponto. Volto a pensar neles. Checo se todos ainda estão comigo. Sim, estão. Volto a olhar pela janela. Vejo uma farmácia, um mercado, uma loja lotérica e... uma loja de penhores? Se ainda existem? O problema não é esse! Não tem loja de penhores. Nesses sete anos eu nunca vi essa loja. Desesperado começo a me lembrar que a rota dessa linha de ônibus foi alterada. Me levanto e aperto o botão de parada. Tá aí a quebra de expectativas que eu desejava? Por muita coincidência dois dos três companheiros desceram comigo. O que eu menos esperava e, no fundo, desejava aconteceu. Perguntei para um deles como eu poderia chegar até o meu destino final. Todos os dois acabaram respondendo. Tive que pegar o 223. Acabei chegando uma hora atrasado no trabalho. A rua é muito dinâmica. Eu me distraio fácil. No final das contas, um dia normal teria me satisfeito mais.



PRISIONEIROS DA CIDADE

Mariana da Maia Dias Ramos

A primeira vez que entrei no metrô achei que encontraria o *glamour* do sucesso profissional. Pessoas bem-vestidas, maletas e bolsas em cores sólidas nas mãos e salto alto nos pés. Hoje pego a Linha Um do metrô em direção ao Flamengo. Eu me sento e observo todo o *glamour* empresarial se perdendo em rostos cansados, olhos que se fecham em um sono rápido de quinze minutos e, ainda, aqueles que não largam o celular. Ninguém olha para os lados, para os outros e muito menos para as janelas que somente mostram o escuro da terra. Quando saio do metrô, a cena é ainda pior. Um mar de gente séria anda em direção a prédios altos que impedem a luz do sol de chegar ao chão. Tudo é cinza, branco, metálico e frio aqui. A vida parece condicionada a rotina enquanto as pessoas se movem para a cidade existir.

Tem uma menina que sempre vejo correndo em direção ao trabalho. Ela carrega uma mochila grande e uma bolsa com comida. Todo dia, no mesmo horário, ela passa na rua Marquês de Abrantes e se não fosse de carne e osso eu poderia confundir com uma das engrenagens de uma máquina. Todo dia o mesmo caminho, as mesmas ruas, a mesma bagagem, o mesmo metrô, as mesmas atitudes. Correndo contra o tempo como se ele pudesse acelerar, como se o mundo fosse acabar amanhã porque o trabalho chama, a necessidade clama e a cidade não perdoa quem não produz.

Ela entra num portão de ferro. É uma escola branca, sem graça e sem vida, mas lotada de crianças. Ela parece aliviada. Olha para o



relógio e sorri um sorriso de canto de boca como quem parece ter ganhado a corrida contra o tempo. Eu, porém, sigo andando e olhando as varandas vazias de apartamentos caros, árvores espremidas em cantos ignorados, pedintes tentando ganhar qualquer coisa dos pedestres e parece tudo normal. A cidade é assim, as pessoas são assim.

Mais tarde nesse mesmo dia, caminho por outras ruas. Distante da zona sul, parece sobrar apenas a zona. Lixo, rostos mais cansados e maltratados, roupas simples e ruas sem beleza. Tudo é cinza, sujo, líquido e borbulhante. Aqui, a cidade é de fato uma aglomeração humana e parece ser ela quem dita as regras. Na minha frente, caminha a mesma menina. Toda a pressa de hoje mais cedo passou, agora ela anda com calma, quase que se arrasta desviando dos montes de sujeira na rua com a mochila grande nas costas que parece enfim pesar. Ela olha para o relógio, mas não corre, seu rosto se contorce como quem perdeu a corrida contra o tempo. E continua andando, sem notar a beleza do céu noturno, da lua que brilha com intensidade, apenas os horrores ao seu redor lhe chamam a atenção. Ela chega em casa, um portãozinho pequeno e cinza e eu já não posso mais saber o que aconteceu.

As ruas são as mesmas, os prédios também, independentemente se aquela garota venceu ou perdeu este dia; a cidade parece não se importar desde que amanhã ela saia novamente por aquele portão, com pressa, com a mochila e com disposição para entregar mais um dia da sua preciosa vida nas ruas e prédios da cidade. Isso faz sentido?

Nós somos a cidade, nós a construímos e a mantemos de pé. Nós a planejamos, sonhamos e decoramos à nossa maneira. Mas a verdade é



que não somos a cidade, não temos esse controle sob as ruas, as empresas, as escolas... É a cidade que nos governa, como governa aquela garota, dita os seus dias, seu trajeto, seus sonhos, a hora que ela vai acordar, comer e dormir. O *glamour* do metrô, dos prédios da zona sul e a tristeza daquele outro lugar são, afinal, o senhorio da cidade.



A ALGUNS PASSOS DO NÚMERO 35 DA FERREIRA VIANA

Alice Quedo Rocha

A trinta e seis passos do número 35 da Ferreira Viana há o primeiro de quatro vasos de flores. São quatro vasos grandes de cimento, sendo os dois do meio ornamentados, com azaleias rosa-choque. Minha mãe conta que, quando éramos menores, meu irmão e eu nos escondíamos atrás dos arbustos das flores e dávamos – ou tentávamos dar – sustos nela. De forma genuína, realmente acreditávamos que tínhamos a assustado, mas não, ela apenas fingia espanto oito vezes ao dia. Enquanto observo os vasos, que antes pareciam maiores, do outro lado da rua, na frente do número 36, passam as duas senhoras gêmeas. Eu as vejo andando pelo bairro a bastante tempo, devem morar por aqui a mais tempo do que estou viva. Não muito tempo atrás, há uns dois meses, duas senhoras foram assaltadas por um motoqueiro, com apenas duas horas de diferença entre as abordagens, na frente do 40. Será que as vítimas foram as senhoras gêmeas? Não, não foram. Elas nunca se separam. Pelo menos eu nunca as vi separadas. Se vejo uma, vejo a outra: ou andam lado a lado ou uma anda um pouco à frente da outra (imagino que seja quando estão brigadas). Mesmo estando brigadas, elas ainda têm de sair juntas, porque um gêmeo só é gêmeo se existe outro gêmeo. Mas voltando ao lado do 35, o lado pelo qual eu ando, as flores dos vasos, que agora não são tão grandes como me lembrava, se encontram murchas. Imagino que seja por conta do velho do segundo andar do 53 e dos seus cuspes catarrentos. Nunca vou me esquecer da sensação do



catarro dele colidindo com o meu cabelo. Eu fiquei incrédula. Era de noite, eu estava voltando da faculdade e observava os losangos da calçada. De repente, algo acertou em cheio a minha cabeça. Levei minha mão até meu cabelo e senti algo pegajoso. Olhei para cima e vi um senhor na janela, com quase todo o torso para fora. Ele também me viu e nos encaramos por alguns segundos até ele sair da janela. Eu fiquei ali parada por algum tempo, não sei ao certo quanto, tentando raciocinar o que tinha acabado de acontecer. Andei vinte e oito passos e cheguei na porta dos fundos do número 35. Preferi entrar por ela porque não queria que as câmeras de segurança me filmassem naquele estado. No elevador dos fundos, que a câmera só funciona de dia, me olhei no espelho e agradeci. Felizmente, o que o senhor expeliu não era o que eu achei que seria. Era só cuspe, um cuspe catarrento no meu cabelo lavado de manhã. No banho, além de ter chorado um pouco, passei *shampoo*, *shampoo*, condicionador e *shampoo* de novo. Nunca contei sobre o ocorrido com a minha mãe, acho tudo humilhante demais.

Mais adiante, cinquenta passos do primeiro vaso de tamanho mediano, há uma pichação – grafite? pintura? arte? – na fachada do número 57 escrito “FE TE AMO”. Quem escreveu a declaração deve ter feito de madrugada, quando só havia ratos e baratas na rua, porque a porteira do prédio nunca deixaria alguém fazer aquilo. Sempre que eu passo por ela nós nos cumprimentamos. Uma simples afirmação com a cabeça e um bom dia – ou boa tarde, dependendo do horário – mental. Acho que nunca troquei uma palavra com ela. A cor da tinta spray usada é verde, talvez seja a cor favorita da Fe – do Fe? de Fe?. Não conheço



essa pessoa. Sei que ela existe, mas nem sei como é. Ela – ele? elu? – pode não morar no 57. Talvez more no 46, do outro lado da rua. Se for assim, tem uma visão melhor da mensagem, podendo todo dia de manhã ir a sua janela, olhar para rua e receber o afeto de seu amado – sua amada? sue amade? Talvez Fe nem more mais aqui. Talvez Fe e a pessoa que se declarou não estejam juntos. Talvez nunca tenham ficado juntos. Afinal, não conheço nenhum dos dois. A única pessoa que eu conheço – palavra forte demais – que tem alguma ligação com o prédio 57 é a porteira a qual nunca ouvi a voz. O prédio é charmoso, eu acho. Desde pequena sou apaixonada por ele. Faz parte de um conjunto dividido em três edifícios pequenos – números 57, 59 e 61 – que se conectam com uma área comum no centro, cheia de vasos de flores e plantas. Sempre que passo por ali, além de acenar com a cabeça para a porteira, olho para dentro. Dezenas de janelas viradas uma para outra em um pequeno pátio fechado.

Algumas dezenas de passos à frente e já consigo ver o hotel da esquina. Na verdade, é possível o ver de longe porque é uma construção moderna gigante composta por vidro espelhado, um completo oposto da construção da outra esquina da rua. Antes das reformas, o hotel era bonito e convidativo, parecia um prédio residencial. Agora é uma obra sem vida, que reflete toda luz que recebe. Próximo ao hotel, do outro lado da rua, perto de uma das entradas do metrô, há a Barraca do Batista – isso quando a viatura da polícia não está ali. Desde as senhoras assaltadas, alguns PMs do Bairro Presente aparecem, ocasionalmente, na esquina. Nunca fazem nada. Quando não estão mexendo no celular



dentro da viatura, estão ou extorquindo camelôs e vendedores ambulantes ou lanchando de graça em alguma barraquinha de comida. Só na região, isto é, entre o Largo do Machado e a Glória, há mais cinco barracas de esquina: Barraca do Batista (Ferreira Viana), Espetinho Mineiro (Catete), Duda Lanches (Correia Dutra), Matuto (Correia Dutra), Marcelo Lanches (Buarque de Macedo) e Angu do Lula (Dois de Dezembro). Sempre tem pessoas comendo e bebendo nelas. Uma felicidade momentânea daqueles que vivem por aqui. Infelizmente, não comi ou bebi em todas elas.

Depois da esquina é a Rua do Catete, área a qual já não consigo contar a quantidade de passos que dou enquanto perambulo.



OS SONS DA CIDADE

Ana Clara Cobra Pio

Os freios do metrô arranham os trilhos quando ele para na estação. Por um momento, os corpos se apertam próximo a porta, prontos para empurrar quem quer que seja que esteja no caminho. Todos aqui estão com pressa, mesmo os que tem os relógios adiantados. Todos têm algum lugar para ir.

Você não vai a lugar algum, mas é inútil tentar tomar seu tempo. A porta se abre, e os corpos te impulsionam para frente, não importa qual velocidade você tente manter. No caminho da plataforma até a porta de saída para a superfície, seu andar se assemelha mais a uma onda, onde todos os passos em volta pisam em ritmo indistinguível, te carregando até a rua lá fora.

O sol na superfície não te afeta; os prédios aqui são altos demais para permitir que qualquer raio caia em você a esta hora do dia. Por um momento, você para, tentando respirar o ar da cidade e prestar atenção no barulho dos carros. Ninguém fala a não ser os camelôs nas esquinas.

“Com licença,” uma voz pede, e você se move para o lado, deixando a horda de pedestres que havia se acumulado atrás de você seguir em frente.

O sinal não fecha, mas eles atravessam a rua mesmo assim, mais preocupados em não desperdiçarem cinco minutos do que em desperdiçarem suas vidas. O som alto das buzinas não parece afetá-los. Pelo contrário, apenas os encoraja, fazendo com que andem mais rápido até o outro lado.



A luz do semáforo muda, e você finalmente volta a andar, devagar agora, pois tem tempo de sobra. Os carros parados no sinal já parecem demonstrar impaciência, mesmo sendo objetos inanimados. Você olha por um segundo, tentando imaginar rostos em cada um deles. Tentando imaginar as expressões nas faces de seus motoristas, que com certeza também arriscariam suas vidas para adiantarem seus preciosos cinco minutos.

O barulho aumenta na rua seguinte. Vendedores te param a cada porta de loja, tentando te vender produtos que você até então nunca havia precisado. Gritos de preços abaixando e grandes promoções surgem a sua volta, e você permite que seu corpo se sintonize com essa melodia caótica, com os sons diversos das vozes em volta.

Uma mulher está no chão da calçada mais adiante, deitada sobre uma fina caixa de papelão. Você ouve sua voz enquanto se aproxima, pedindo a cada pessoa que passa: “Você tem uma moeda? Só uma moedinha...”

Suas roupas são finas e parecem sujas do tipo de poeira de asfalto que uma lavada simples não consegue remover. Ela tem um cachorro ao seu lado, e todos que passam ignoram ambos, mulher e animal igualmente, nem sequer virando seus rostos em sua direção.

Você observa a cena, e quando finalmente chega nela, ela te faz a mesma pergunta. “Você tem uma moeda?”

Mas você apenas sacode a cabeça, passando por ela e focando os olhos em algo a frente. A voz da mulher implorando por ajuda é só mais um dos sons comuns, aqui no Centro da cidade.



Outras pessoas te pedem licença ao passar, enquanto algumas apenas te empurram, indignadas com sua aparente falta de pressa. Nada disso adianta, pois todas elas param no próximo cruzamento, uma rua tão movimentada que a tentativa se atravessar com o sinal ainda aberto certamente se converteria rapidamente em um acidente grave.

Você chega ao mesmo tempo que a pessoa que te empurrou, e ela mal te olha, já tendo esquecido do ocorrido.

Algo peculiar chama sua atenção, uma movimentação diferente do normal. Mais adiante, no meio da rua, você vê uma pequena multidão parada. A quebra do movimento dos pedestres te intriga, e você anda em direção ao círculo de pessoas de forma automática, entorpecida, como se levado pelo mesmo magnetismo de curiosidade que as puxou para lá.

No centro do círculo, deitado no chão, está um homem cujo rosto você não consegue ver. Ele está obscurecido pelo corpo do filho, que se deita sobre ele de forma desesperada.

“Pai!” o menino grita, sacudindo o homem desmaiado. “Pai!”

Em algum lugar na confusão de pessoas a sua volta, alguém pergunta o que aconteceu. “Foi encomendado,” alguém responde. “Um homem passou com uma moto, atirou, e então foi embora.”

Você entende de uma vez que o homem no chão está morto. O menino em prantos continua gritando por ele, sua voz rouca soando mais alta do que o som dos carros e da multidão se movendo em volta.

Com uma última olhada na direção do corpo, você sai do círculo de pessoas paradas e continua seu caminho pelas ruas do Centro. Você



já viu isso antes, afinal. Um menino gritando pelo seu pai, barulhos de tiro em plena luz do dia.

Isso também faz parte dos sons da cidade.



A GAROTA E O METRÔ

Giulia De Lucca Cardoso Sassone

A garota passou a mochila das costas para a frente do corpo e deu um passo hesitante em direção a plataforma do metrô. Ela ainda não tinha certeza se valia a pena o risco. O brilho dos faróis tirou a garota de seu devaneio. Ela não precisava ver, mas sabia que o metrô viria cheio. O vento quente bateu em seu rosto e ela respirou fundo uma última vez, tentando juntar o máximo de ar possível. Ela ainda estava atrás da faixa de segurança amarela, é claro. Não, ela não teria coragem de ir além dela, não como as outras pessoas faziam. Ela as observava caminhando até a borda, chegando bem perto da beirada. Mais um passo e elas despencariam em direção aos trilhos eletrificados, uma morte certa esperando por elas. E ainda havia a chance de ser empurrada. Essa possibilidade a deixava apavorada, por isso ela fazia questão de que estivesse atrás da faixa. Ela quase tinha visto um homem cair um dia. Mais de uma vez, na verdade. A primeira foi quando um cara tinha passado na frente de todo mundo que estava esperando na fila (se é que aquilo podia ser considerado uma fila). A garota realmente achou que ele acabaria caindo por causa do empurra-empurra, mas felizmente o trem chegou antes que o estrago fosse feito. A segunda foi algum tempo depois. Foi uma situação parecida. Um casal havia começado a discutir e um homem acabou sendo pego no fogo cruzado. No final, ele tinha conseguido se espremer para dentro do vagão, mas na pressa acabou deixando seu chinelo para trás. Ela tinha percebido, como a observadora que era, mas as portas já tinham se fechado na



frente dela, separando o calçado para sempre de seu dono. Eram dias e dias, e ela se lembrava de detalhes de todos eles. Uma vez ela tinha decidido que ficaria sentada nos banquinhos azuis enquanto esperava o horário de pico passar. Ela gostava. Ela gostava de observar os momentos. Para ela, o mundo era um espetáculo, a cidade sendo o palco e ela sendo a espectadora. As outras pessoas eram os atores, cada uma atuando em sua própria peça que era sua vida, que por vezes cruzava com a de outra e formava uma história infinita e conectada. Ela adorava assistir tudo isso em primeira mão. Algumas histórias ficavam incompletas. As pessoas que não pegavam o metrô todo dia, as pessoas que pegavam em um horário diferente. Era como se ela tivesse ganhado o primeiro livro de uma série literária, mas não sabia onde nem como achar a continuação, então teria que ficar por conta da imaginação. As portas à sua frente se abriram como as cortinas antes de uma apresentação, e a garota se perguntou sobre o que a peça de hoje seria, o que ela observaria ao longo do trajeto.



OS MEIOS JUSTIFICAM OS FINIS!

Gabriel Quindelher Britto Pereira De Souza

Depois de ponderar muito como ia fazer o trabalho, decidi fazer um poema sobre um lugar que eu tenho muito apreço desde que comecei a trabalhar, a Gávea. Então, tirei um dia de folga do trabalho e assim que saí da aula que tinha pela manhã, almocei e fui em direção a Gávea. Saindo da estação de metrô, sentei-me em um banco na praça e comecei a tentar decidir como eu ia fazer esse processo criativo. Nesse momento acabei lembrando de um bar que eu frequentava bastante com amigos quando saía do expediente na época que trabalhava ali na Gávea. Era um bar simples, estilo português, mesas de madeira maciça, cadeiras acolchoadas e azulejo português pelo bar inteiro. O atendente era um senhor de idade muito simpático que virou um amigo depois de tanto frequentar esse bar nas horas após o trabalho. Infelizmente perdemos o contato quando sai da Gávea, mas agora seria um bom momento para vê-lo novamente e contar as novidades antes de fazer o trabalho.

Enquanto eu ia caminhando em direção ao bar, que era um pouco longe da estação, decidi que o que eu iria fazer era sentar no bar enquanto tomava algo, comia petiscos e analisaria as pessoas que passavam na rua - já que a parte de alimentação do bar era praticamente fora, assim eu teria bastante visão do ambiente externo - vendo o dia a dia das pessoas passavam por aquele local.

No entanto, quando cheguei ao local onde era o bar, tinha uma farmácia - o que me fez pensar que obviamente o bar tinha fechado -. Esse momento quase me desestabilizou e me fez ficar um pouco perdido



no meu objetivo, mas lembrei que na Gávea tem diversos bares e mesmo que aquele me trouxesse um sentimento nostálgico, não quer dizer que tinha que ser obrigatoriamente aquele já que a ideia de ser um bar me traz um pouco de tranquilidade eu podia simplesmente procurar outro bar.

Comecei a caminhar pela Gávea procurando um bar adequado para que meu eu criativo pudesse aflorar novamente dando espaço para o poema ser criado. No caminho eu fui lembrando o porquê que eu gostava tanto desse lugar, não sei se é só impressão minha, mas a Gávea sempre me trouxe uma sensação de clima meio boêmio, uma sensação tranquila e segura. Todo o ambiente das ruas parecia conter uma trilha sonora por conta das músicas tocadas nas lojas, restaurantes e bares, realmente parecia ser um ambiente de novela do Manoel Carlos. Ainda estava cedo, um pouco depois do almoço, poucos carros passavam nas ruas e poucas pessoas andavam pelas calçadas, os bares não estavam tão movimentados ainda, mas ainda havia um certo número de pessoas.

Comecei minha jornada indo de bar em bar procurando um local ideal. Foi quando encontrei o primeiro bar. - Sinceramente eu não lembro o nome dos bares e nem parei para prestar atenção nisso, então eu não os citarei aqui nesse texto -. O primeiro bar não era um espaço muito grande e mesmo sendo cedo as mesas eram disputadas, tinham muitas pessoas bebendo *chopp*, - que por sinal tinha um colarinho perfeito e parecia ter uma espuma muito cremosa - cheguei a salivar e cogitei pedir um, e sentar ali mesmo, mas continuei vendo se aquele local era ideal. A maioria das pessoas eram senhores na casa dos 50/60



anos de idade, pelo fato de ser o primeiro bar que eu tinha visitado e ainda ser cedo me pareceu fazer sentido a imagem dos famosos “tiozão de bar” estarem tão presentes e amontoados ali antes das outras pessoas. Como eram muitos senhores gritando e jogando cartas imaginei que não seria um bom local para pensar direito, então decidi seguir em frente

Voltei a caminhar pelas ruas e lembrar das pequenas lojinhas que frequentava. Teve até uma loja que eu decidi passar logo depois do meu primeiro pagamento daquele primeiro emprego onde eu simplesmente queria comprar algo, mesmo sem ter o que comprar, nesse dia comprei uma máscara de bobo da corte feita de cerâmica que até hoje não tem sentido nenhum eu a ter comprado já que nunca tive a chance de usá-la, mas foi uma boa experiência e até hoje ela está pendurada no meu quarto. O clima era gostoso O sol estava para se pôr, o que deixava as ruas levemente iluminadas deixando um clima muito tranquilo e aconchegante, a brisa era boa e carregava um cheiro de perfume doce que vinha das muitas perfumarias existentes na rua principal onde eu andava.

Andei por mais uns 40 minutos aproximadamente e cheguei em um segundo bar, foi ali que comecei a achar que o horário não fazia muita diferença quando se tratava da quantidade de pessoas que estariam no estabelecimento, pois este também estava lotado. Era bonito e simples, não tinha muito espaço interno, mas era bem elaborado. Nesse lugar tinham pessoas de diversas idades, mas tive a impressão de ter mais jovens que o comum, além disso ele estavam quase todos do lado de fora e mesmo estando cheio, sem lugar para sentar eles



acomodaram-se nas muretas que rodeavam o espaço externo do lugar e pareciam não se incomodar nem um pouco, muito pelo contrário estavam rindo e conversando coisas do dia a dia - que mesmo sendo pequenos perrengues eram contados como histórias divertidas de um conto qualquer -. Ali, para mim, de fato se constatou a ideia de que se o jovem tem uma bebida na mão, realmente não parece ter um momento ou ambiente ruim. Bom, como aquele bar também estava cheio, apesar de ser um local que parecia divertido de se estar, fui obrigado a seguir adiante, uma vez que ambas as muretas e as mesas não possuíam espaço para mais ninguém.

Prosegui pela mesma rua, já que era a única que eu conhecia e ela me trazia um certo sentimento de nostalgia me fazendo lembrar dos tempos do primeiro emprego. Lembrei o quão mesmerizado eu ficava na época com aqueles prédios antigos e aquelas casas não muito altas, mas ainda assim muito bem elaboradas. Naquele bairro as senhoras de idade ainda tinham hábito de andar com seus cachorros de pequeno porte pela rua enquanto faziam suas caminhadas diárias de fim de tarde, e durante o caminho eu acabei conversando com duas ou três que me pararam para pedir informação, mesmo não tendo informação nenhuma acabei engatando numa conversa de aproximadamente 10 minutos com cada uma delas, como não tinha pressa e até que estava curtindo o momento e o ambiente não me importei em conversar um pouco.

Avistei um bar mais a frente e decidi dar uma chance. Esse bar parecia ser um bar novo, bem atual, o que é incomum naquela área, ao menos pelo que eu me lembro. Ele tinha um estilo bem brasileiro, com



uns dois quadros do Zé Pulintra e pinturas na parede bem coloridas, muitas cachaças e bebidas expostas atrás do balcão. O cargo chefe desse bar parecia ser a caipirinha já que quase todos estavam com uma na mão ou na mesa. Não muito diferente dos outros bares que eu tinha visto até agora, esse também estava lotado, mas uma coisa me chamou muita atenção - o que realmente me fez quase relevar o fato de estar cheio e cogitar ficar ali mesmo -. A conversa ali era alta e bem animada, as mesas conversavam entre si mesmo que parecessem não se conhecer. O cheiro de comida e tempero eram bem fortes, chegou a me dar fome mesmo já tendo almoçado. Tinha uma mesa onde tinham mais de 10 pessoas aglomeradas, mesmo que ela só tivesse quatro lugares e no centro dessa mesa tinha uma cumbuca de barro enorme com feijoada e pequenos pratinhos com torresmo, farofa e couve ao redor da cumbuca, o que parecia ser o motivo daqueles desconhecidos estarem todos interagindo e rindo juntos sem se importar com nada. A TV estava ligada passando um jogo de futebol aleatório que não parecia ter muita relevância para os que estavam ali já que eles estavam todos virados um para os outros conversando na maior felicidade. Porém pela altura da conversa, apesar de ter muita animação e felicidade envolvida, não me pareceu um bom lugar, já que meu objetivo era arrumar um local para pensar direito, por isso prossegui a minha jornada em busca de um lugar que é onde eu pudesse escrever.

Andei por mais um bom tempo, aproveitei para passar numa sorveteria e comprar um açaí, porque o bar anterior me deixou com fome. Acabei diminuindo o passo, pois já estava levemente cansado de



ter andado tanto e fui aproveitando o ambiente. As ruas eram limpas e bem bonitas, sem lixo no chão e com vários arbustos com pequenas florezinhas nas calçadas, até os postes de luz de rua - não aqueles de fiação, mas sim aqueles metais que são mais baixos - tinha pequenos adornos e floreios, o que era bonito de ver, chegou a me lembrar um pouco da estrutura urbana presentes em filmes ingleses dos anos 80.

Depois de andar bastante, já eram por volta das 19 horas. Eu acabei encontrando outro bar. Por conta do horário já havia muitas pessoas na rua e agora os bares estavam mais cheios que antes, comecei a me arrepender de não ter escolhido um e sentado lá mesmo. Comecei até a cogitar voltar e parar em algum dos que eu já havia visto, mas como já estava longe do último, mudei de ideia e desisti. Indo em direção ao bar, eu comecei a perceber que a caminhada estava na verdade bem agradável, o clima estava ameno, as músicas diversas eram boas e local em si passavam uma boa sensação de relaxamento e tranquilidade, por isso decidi continuar com a fé de que esse fosse talvez o bar ideal, mas assim que eu o avistei de perto mudei de ideia. A mudança de ideia não veio pela música, já que estava tocando Diogo Nogueira em uma roda de samba e eu particularmente amo Diogo Nogueira, o astral do ambiente também era animado e mesmo que parecesse que várias pessoas ali tivessem acabado de sair do trabalho - pois muitos ainda estavam de gravata e alguns até crachás tinham nos pescoços ainda - o clima era de diversão e descontração. Ali eu percebi que mesmo eu não conseguindo um bar “apropriado e ideal” para a produção do poema, eu já tinha material mais do que suficiente para fazer um trabalho direito.



Essa foi uma das caminhadas mais tranquilizantes e, se posso dizer, bonitas que já fiz na vida. Relembrar desse lugar me alegrou muito, chegou a me deixar extasiado. Foi assim então que esse trabalho acabou sendo uma narração de como o processo de procura para o meu poema virou uma crônica, contando e descrevendo diversos bares e uma única rua da Gávea.



QUALQUER PRAÇA

Leonardo Souza Lima de Carvalho

No chão de terra fofa as pegadas se formam tortas, replicando seu andar e, atrás dele, a mãe a monitora de uma distância segura. Ele tateia um dos tantos bancos verdes espalhados pela praça. Apoia a mãozinha, onde o braço alcança, para suportar a insegurança da caminhada no chão instável. Um gritinho chama sua atenção. Uma menina da mesma idade que ele, talvez um ano, um ano e meio, acena com uma das mãos enquanto a outra segura firme uma mulher, com uniforme branco e uma sacola nas mãos repleta de bonecas. O menino sorri, quase gargalha e num ímpeto se joga em sua direção. Passos firmes até abraçá-la, um outro grito chama minha atenção: a mãe, ela comemora a primeira vez que ele consegue andar um percurso tão longo, sem cair. Do banco verde, um dos tantos na praça, eu sorrio.

Ergo a cabeça e fico momentaneamente cego. O sol incide diretamente no meu rosto, desvio um pouco para o lado e a sombra me acolhe. Gosto muito deste jogo de sombra e luz que as árvores permitem esta hora da manhã.

Sou capturado pela gargalhada do menino, ele agora está concentrado na amiga, que mostra para ele uma boneca com chupeta na boca. Tobias é seu nome, a mãe já o repreendeu algumas vezes enquanto eu estava de olhos fechados. A menina é Lara, ninguém a chamou hoje, mas já estive aqui em outros dias parecidos com este, ela também. Sempre acompanhada pela mulher de roupa branca. Atrás de mim ouço uma buzina. Tento me virar, mas já não consigo contorcer o corpo com



facilidade. Só um pouco de paciência e já descubro o autor do barulho. Uma das vantagens de estar em um banco, no centro de uma praça redonda, no meio do bairro. É que mais cedo ou mais tarde, todos passam por aqui. Enfim o carro passa acelerando. Não vejo daqui, mas imagino o motorista xingando. Todo dia um motorista xinga os ônibus que param em fila dupla no ponto final. De manhã sempre acontece um acúmulo, sem explicações, da frota na parada final. Talvez seja o trânsito favorável em direção ao bairro, talvez.

Volto minha atenção para as crianças. Tobias está chorando, e pelo jeito que a mãe massageia seu joelho e ele faz beicinho deve ter caído e ralado o joelho no chão. A terra é fofa, mas nem tanto. Lara já não presta atenção no amigo, está futucando um monte de terra, de cócoras. O rostinho sujo de terra, criança adora comer terra.

O sol toca de novo meu rosto. Só o Outono para me permitir ficar em um horário tão avançado da manhã sem sofrer com o calor de uma cidade que no verão torra os miolos da população. Tiro com cuidado, na verdade com dificuldade, meu casaco. Dobro cuidadosamente e o coloco sob minha sacola, que repousa ao meu lado, sobre o banco. Um dos tantos bancos verdes da praça.

Uma bicicleta passa tão veloz por mim que mal vejo quem pilota. Viro o pescoço devagar e identifico um cabelo louro cumprido flutuando sobre a roda traseira. A ciclista freia de repente e para ao lado de um jovem sem camisa. Ele sorri sedutor, não deve ter mais do que treze anos, mas já é idade suficiente para se achar um “Don Juan”. Ela desce da bicicleta e, tímida, permite que ele se aproxime. Ele chega perto, mas



só um olho experiente como o meu poderia perceber seu receio. O jogo se inverte, ela agora já não parece tão acanhada e abre espaço para que ele a abrace, ele avança e a beija de leve. Ela completa o beijo e se afasta rindo, ambos vermelhos e relaxados. De mãos dadas seguem para o outro lado da praça, ele carregando a bicicleta para sua pequena amada.

Volto a vista para o parquinho. Tobias e Lara, assim como seus adultos já foram embora, não pude me despedir. Já deve estar ficando tarde. O sino da igreja não tocou, então sei que ainda não são onze horas.

Uma folha enorme, cor de cobre, cai no meu colo. Num gesto, surpreendentemente rápido, a agarro antes que escape para a terra. Meu dia de sorte, amo as folhas de outono, mas já não posso mais abaixar para pegá-las no chão.

Ouçõ a sirene da escola, seu portão azul se abre e um monte de jovens uniformizados saem em rebuliço para a calçada. Um falatório incompreensível toma conta da praça. Alguns meninos passam por mim correndo, enquanto se batem e se esquivam um nos outros com suas mochilas. Atrás, com olhar de reprovação e admiração vêm as meninas, com passos leves e as mochilas onde deveriam estar: nas costas. Um dos meninos, já adiantado uns bons metros, grita uma gracinha qualquer. As meninas tentam ficar sérias, mas não resistem e sorriem. Em pouco tempo a praça já está calma de novo. O fim da manhã passa lento, estou me sentindo mais fraco hoje. Adultos transitam acelerados de um lado para o outro, homens de terno ou uniforme, mulheres de salto, tênis ou sandálias. O sol começa a ficar mais forte. Está no alto, incide



diretamente no parquinho. Agora o sol só ilumina um canto do meu banco verde, eu estou na sombra.

Ao meu lado, meu casaco e minha sacola. Sinto um pouco de frio, mas estou sem forças para vesti-lo. A folha ainda está aqui, seguro forte com minha mão esquerda. Percebo sua textura no contato com meus dedos. Amo o Outono, mas sempre no sol.

Uma moça me chama atenção. Ela se senta em um banco verde, um de tantos nesta praça, do lado oposto ao meu. Senta-se de frente, em minha direção, mas nem deve me notar. Ninguém mais me nota.

Ela está com um livro no colo e tenta equilibrá-lo enquanto segura um sanduíche. De vez em quando ela dá uma mordida, em um gesto automático, sem se perceber dele, só presta atenção no livro.

Começo a sentir cansaço, já deveria ter ido embora, mas estou sem forças, sinto meus olhos pesarem, foco minha energia na folha em minhas mãos. Olho para a moça mais uma vez e meus olhos começam a fechar.



Sento-me em um banco verde da praça. O bairro parece bem familiar e a praça não poderia ser mais aconchegante. Retiro meu livro da bolsa e pego meu sanduíche. Como meio sem vontade enquanto tento equilibrar o livro no colo. Já estou bem avançada na leitura quando ouço um burburinho. Em geral estou sempre tão concentrada que não percebo nada nem ninguém à minha volta. Levanto a cabeça e vejo umas



quatro pessoas ao redor de um banco verde em frente ao meu. Em um relance as pessoas se afastam e vejo caído, imóvel, um senhor. Ao seu lado um casaco, perfeitamente dobrado sobre uma sacola. Ainda estou meio atordoada com a cena quando noto uma folha, enorme, cor de cobre em sua mão esquerda e em seu rosto, na beirada do banco, sob uma réstia de sol, ele parece sorrir.



TUDO QUE EU FIZ, FOI PELA SELVA DE CONCRETO

Luiza Helena Fiuza Espindola Da Cruz

O silêncio na sala é quase ensurdecador, até que ela se manifesta.

— Agora vamos começar — diz a detetive encarregada do caso.

— Mas eu nem sei por onde começar — responde a suspeita.

— Comece pelo que lhe parecer mais confortável, talvez falando sobre sua infância. Eu farei perguntas conforme necessário. Você nasceu aqui no Rio de Janeiro, certo? — diz a detetive, pegando os documentos relacionados ao caso.

— Sim — responde a jovem, timidamente.

— Em qual parte da cidade você nasceu?

— Nasci e cresci na zona norte, nunca mudei de casa.

— Hum, você gosta de lá? — a detetive pergunta sutilmente.

— Sim, apesar dos problemas, a maioria deles eu culparia a prefeitura e seu descaso com os cidadãos — responde ela, começando a se mexer desconfortavelmente na cadeira.

— Quais são os piores problemas, na sua opinião? — a investigadora desvia rapidamente os olhos dos papéis para fazer contato visual.

— Acho que posso começar falando sobre a enorme falta de segurança na zona norte, e como há uma grande diferença em comparação com a zona sul — começa a suspeita, agora mais aberta e perdendo os traços de timidez.

A detetive continua observando, aguardando que ela continue falando sobre suas experiências pessoais.



— Quando eu tinha 13 anos, comecei a prestar mais atenção no mundo ao meu redor, nas coisas não só do meu dia a dia, mas também nos outros bairros. Eu costumava ficar mais perto de casa, então, mesmo que os outros bairros fossem da mesma cidade, eu ainda não os conhecia muito bem -, diz a jovem como se estivesse divagando, menos preocupada com a presença da outra mulher, que agora estava mais atenta, embora ainda em silêncio.

— Conforme fui crescendo, comecei a observar mais as pessoas e as coisas. Meu bairro até tem algumas árvores, mas com o grande volume de carros na Avenida Dom Hélder Câmara, juntamente com tantos prédios e casas, o calor realmente incomoda as pessoas, principalmente no verão. Muitas pessoas têm ar-condicionado em casa, mas a maioria prefere ir ao shopping mais próximo para escapar do calor. Eu fazia isso com a minha família — termina com uma risada singela.

— As pessoas sempre estão com pressa lá. Lembro-me das vezes em que ia tomar sorvete com as amigas em um *fast-food* próximo e parávamos para conversar e observar a rua, as pessoas; todos estão sempre apressados, tanto os pedestres tentando andar mais rápido quanto os carros de várias marcas e os ônibus lotados com trabalhadores cansados, desesperados para chegar em casa após uma longa jornada. Especialmente na hora do *rush*, os pontos de ônibus ficam cheios, com pessoas descendo e subindo em diferentes linhas com destinos variados.

— É um pouco desesperador ver como muitos parecem viver no piloto automático, e talvez eu também acabasse assim no futuro, apenas



esperando pelo próximo dia, onde acordariam de manhã, pegariam o transporte público lotado para o trabalho e, depois de um longo dia, enfrentariam a mesma situação ao voltar para casa para dormir e repetir o ciclo novamente.

— Quando percebi que a zona sul não tem essa atmosfera, foi meio estranho. Normalmente, as pessoas lá parecem mais relaxadas com as coisas ao seu redor, têm mais conforto. Há mais estações de metrô, por exemplo. A estação mais próxima da minha casa fica a 1 quilômetro e meio de distância, quando não tenho de voltar tarde da UERJ e preciso pegar a estação mais distante, que fica a mais de dois quilômetros de distância porque a estação mais próxima fica completamente escura e é perigoso esperar por um ônibus em um ponto vazio para voltar para casa — diz a garota, agora menos cautelosa com as palavras que saem.

— Realmente, o Rio de Janeiro não é uma cidade muito preocupada com as pessoas e como elas conseguem viver aqui. Fora isso, fale mais sobre o que costumava fazer no seu dia.

—, diz a detetive de forma amigável enquanto volta a mexer em seus papéis.

— Bom, eu também passei a tirar mais fotos das vistas e perceber a diferença entre os bairros que visito, é engraçado como bairros próximos conseguem ser diferentes e até a forma com que as pessoas se comportam é variado. Em lugares mais movimentados como o Méier e Madureira são extremamente interessantes, ver diferentes pessoas com diferentes visões de mundo e perspectivas e destinos aleatórios é meio engraçado.



– Eu também sempre visito a cidade pequena onde minha família extensa mora, e é meio bizarro como todos se conhecem, na minha cabeça é muito estranho que mesmo sendo uma cidade com muito menos habitantes, quando as pessoas param para ver o tempo passar, elas reconheçam quem está passando por elas. Ela diz de forma pensativa.

– Bom, pelo menos eu nunca reconheço os outros quando faço isso lá – termina a frase com risadas curtas.

– Também é engraçado comparar a realidade de lá com a nossa. As pessoas não são exatamente “mais felizes”, mas acho que posso dizer que são menos estressadas e não tão preocupadas em fazer tudo o mais rápido possível... Às vezes me pergunto como seria me mudar para lá, não ia ter grandes comércios e shoppings em cada bairro, mas teria mais liberdade de admirar a vida lá, não teria que me preocupar com minha segurança a cada segundo que gasto a mais andando sozinha. Começa a dizer mais espaçadamente.

– Você chega a sentir medo ao andar sozinha aqui? – pergunta a detetive procurando pela cidade mencionada pela garota no histórico dela.

– Não chamaria de medo, mas com certeza uma insegurança – responde de imediato.

– Meu bairro não é tão policiado e até chegou uma época de assaltos muitos frequentes na minha rua; eu comecei a sair menos de casa e quando saía nem olhava ao meu redor, só tentava economizar o



máximo de segundos possíveis para chegar logo no destino. Era meio triste até.

– Você voltou a fazer o que gostava depois? Voltou a olhar e admirar o seu redor? – a mulher pergunta enquanto se endireita na cadeira.

– Sim! Quando entrei na faculdade e passei a ir de ônibus todo dia passei a ter 40 minutos para admirar as coisas e pessoas ao meu redor todo dia, já que não me sinto segura de ler ou escutar música durante a viagem para não me mostrar desatenta. – A garota diz animadamente, mas descendo alguns decibéis em sua voz quando vai chegando ao final da frase.

– Eu gosto de acompanhar a entrada das pessoas no ônibus e a vida diária de quem passa na rua, mas também é um saco como nunca posso me mostrar distraída... eu odeio esse lugar. Eu não aguento mais ver as desigualdades e como mulheres nunca podem mostrar o mínimo de falta de atenção; a segurança, o transporte público, tudo aqui é péssimo! Eu já estava surtando. – A jovem diz de forma frenética.

– Então com todos esses sentimentos juntos de raiva e repulsa armazenados há um tempo, você passou a se esgotar, e foi por isso que você resolveu matar o prefeito?

– Bom, às vezes dessa forma os outros percebiam a força de quem está revoltado com a situação e passam a ser mais cautelosos – diz a menina com um sorriso de canto.

– Me arrependo do que fiz, mas não me arrependo com quem fiz, só fiz o que deveria ser feito.



– Caso encerrado, obrigada por cooperar – anuncia a detetive com a pasta onde estavam os papéis, já fechada em suas mãos.



UM OLHAR DIFERENTE

Antonia Sumara Sousa Araujo

Acordo atrasada mais uma vez nessa semana, olho para o relógio e vejo que vou me atrasar para a reunião das 10h, torço para que meu gerente se atrase também. Me arrumo correndo e tomo um banho em tempo recorde, desço as escadas correndo e percebo mais uma vez umas tralhas de obra nos degraus, lembro que tenho de falar com o vizinho sobre isso de novo, mas sigo meu caminho para o ponto.

Atravessando a rua correndo, consigo pegar o ônibus e agradeço por conseguir sentar, serão mais 30 minutos de olhos fechados e divagando. Me dou conta que esqueci os óculos, o dia vai ser ruim, penso comigo mesma, agora forçando os olhos para enxergar melhor. Sou dessas pessoas que a depender do dia, acredito que tudo pode ser um sinal de um bom ou mal dia, desde esquecer os óculos em cima da geladeira na hora de trancar a porta até um sinal vermelho que abre quando paramos para atravessar.

O 550 sobe a rua e reparo no mesmo botequim aberto com quatro pessoas bebendo as 09h15, a dona com a cara de impaciência e todas as outras lojas fechadas, dou graças a Deus por não ter que lidar com eles, fico me perguntando como toda quinta-feira essa mesma cena se repete, tanto eles bebendo como eu atrasada reparando neles. Às vezes tenho a sensação de que sempre estou atrasada, que sempre chego depois que já começaram o que quer que tenha que começar, que a vida está correndo com o relógio e eu sigo algumas ponteiras atrás.



Sigo o caminho prestando atenção na padaria que é o próximo ponto e como os salgados navitrine estão com a “cara” ótima, devem ter trocado o padeiro. Noto que a loja de móveis planejados voltou a abrir, que pintaram a fachada da farmácia, que o mercadinho da esquina está com o leite em promoção e como a rua está movimentada e que vão entrar vários estudantes nesse “busão”, vamos ficar um tempo parados neste ponto.

Lembro que a alguns meses começam os rumores sobre a invasão do tráfego na comunidade, que até então era dominada pela milícia, e que logo se mostraram verdade, tendo uma série de conflitos, trocas de tiros e mortes, os lugares começaram a ficar vazios e perigosos, as pessoas não estavam mais saindo a noite e as lojas e botequins fechavam cedo, parecia um acordo mútuo de não sair depois de determinada hora, acho que teve mesmo um toque de recolher.

Não havia tanta gente assim na rua até pouco tempo atrás, mesmo de manhã parecia que as pessoas andavam desconfiadas, lembro que até eu tomei um tremendo susto com o barulho de um escapamento de carro que achei ser um tiro.

Hoje, sem óculos e olhando tudo pela janela do ônibus percebi que talvez as coisas estejam melhorando, ou que talvez tenhamos aprendido a conviver com a violência. No intervalo de três paradas de ônibus, notei que tanta coisa pode mudar e ao mesmo assim parecer que não, me pergunto o quanto essa comunidade já mudou e só estou me dando conta agora. Me pergunto também se é a idade que faz-nos



perceber o que não percebia antes, acredito que nosso olhar sempre muda e os lugares a nossa volta também.



O ESPECTADOR INSONE

Brenda Messias Archangelo De Souza

É apenas mais uma noite em claro em que meu cérebro insiste em me manter afastado do mundo dos sonhos, longe das possibilidades. Nas noites em que consigo fechar os meus olhos pela quantidade de horas consideradas minimamente saudáveis, sou contemplado com o nada.

Quando o alarme toca eu não preciso pensar, minha rotina se consolidou há muito tempo para que tudo seja feito de maneira automática. Tudo sempre igual, tão invariável. Quando percebo já estou no caminho para o trabalho depois de sei lá quantas xicaras de café.

Ao estar na rua envolto a uma multidão é quando tudo muda. É tão fácil me desligar de mim e focar em qualquer outra coisa. Como se eu tentasse me distanciar de tentar viver a minha vida.

Mas alguma coisa está diferente hoje, as pessoas parecem mais apressadas, quase correndo como se precisassem chegar em algum lugar. Bem, a maioria está sempre correndo, nunca param para olhar em volta, o que importa para elas parece estar no final da linha reta que seguem sem se desviarem do caminho. Mas essas pessoas não são realmente as mais interessantes. Não, as que eu mais gosto de observar são as que entendem que existe algo ao redor e param para apreciar e sentir.

Ali estão, os jovens apaixonados, vivendo o seu primeiro amor, criando sonhos para compartilharem juntos, olhos nublados pela paixão que não os deixa serem tocados pela efemeridade da vida. Neste momento, tudo é eterno.



A mãe acalentando o filho em seus braços, prometendo ser o que ele precisa, até quando ele precisar, até mesmo quando ele achar que não precisa, ela sempre estará por perto. Ele sempre vai ter um lugar para voltar.

É como olhar pelo vidro de uma janela, observar de longe um quadro em um museu sem poder tocar, vendo as emoções surgirem naqueles que se aventuram, que se permitem sentir. É absorver sentimentos e sensações através de desconhecidos, nunca por mim mesmo, pois a janela está embaçada, e o quadro, é algo muito raro para ousar aproximar-se e tocá-lo com as mãos.

Talvez seja eu que esteja diferente, que não queira mais do mesmo que tive em toda minha vida. Afinal, o que eu tive? O que eu tenho agora? Eu sou permitido a ter algo? É como se houvesse muito e nada ao mesmo tempo. Eu sou feito de mim ou de partes de cada um deles? O quanto disso é realmente meu, e não daqueles que eu vivi através?

E mais uma vez o tempo passa sem eu me dar conta. É começo da noite e faço meu imutável trajeto de volta para casa. A recém-formada borboleta saindo de seu casulo em uma árvore me chama atenção e eu paro. Suas cores vibrantes são dignas de admiração, seu voo constante como se soubesse para onde ir me despertar inveja, assim como sua liberdade.

Eu não sei quando me afundei nessa conformidade latente de apenas existir, apenas habitar neste mundo, enquanto outras pessoas perpetram mudanças.



Sendo alguém tão desprendido da realidade, sinto que poderia ser como esta borboleta, me envolver em camadas e sair quando me reinventasse, pronto para desbravar o mundo em minha nova forma. Eu poderia ser qualquer coisa partindo do momento em que não sou nada.

Eu quero sair de mim, me jogar para o mundo e esperar que ele me acolha, que me segure em seus braços para que eu possa enfim perceber que faço parte dele, eu quero me perder em sua imensidão, eu quero sentir. Eu quero tudo.

Mas há um peso que me segura aqui, uma força que me empurra para longe, uma corda me amarrando que impossibilita qualquer movimento. Não importa o quanto eu lute, a liberdade está sempre tão distante. Tudo está sempre tão distante.

Então eu permaneço aqui, como uma sombra na multidão, que não seque a linha reta em busca de chegar a algum lugar. Como um admirador da vida daqueles que estão vivendo. Um espectador insone de sonhos alheios.



CIDADE MARAVILHOSA

Breno Henrique Dos Santos Ferreira

Oh, Cidade Maravilhosa!

Teu povo é guerreiro e trabalhador, lutam todos os dias contra as adversidades. Na comunidade, ouvem-se as vozes de um povo clamando por paz. No meio dos fogos de artifício, que deveriam encantar com sua beleza, às vezes perdem seu encanto.

Nas ruas, a insegurança, o medo e a incerteza predominam, os mesmos sentimentos que deixam teu povo descontente e indignados com tamanha truculência.

Tuas mulheres belas, com seus olhares sinceros, revelam não apenas sua beleza exterior, mas também tudo o que guardam em seus corações.

Em uma noite de domingo no Maraca, a torcida do Fogão dá um espetáculo contra o Flamengo, já nos arredores do estádio, as torcidas organizadas apresentam um espetáculo de horror. A polícia intervém com bombas de efeito moral para conter a confusão.

Suas praias magníficas, chamam atenção não só dos brasileiros, mas também de estrangeiros com tantas diversidades de estilos, paisagens e formatos.

Nada é perfeito e você também não é exceção, mesmo assim seu povo te ama com todo o coração. Cidade maravilhosa, meu doce e lindo lar, jamais irei te deixar mesmo se o mundo acabar.



O CAMINHO ATÉ A ESCOLA

Tais Turaça Arantes

Caminhar no morro de Santa Teresa todos os dias para dar aula é um desafio que encaro com determinação, mas confesso que às vezes sinto um pouco de solidão. Parece que ninguém acolhe a dor do lecionar. Enquanto subo as íngremes ladeiras, sou envolvida pela atmosfera única desse lugar, onde o tempo parece ter parado. Ao redor, os antigos casarões erguem-se imponentes, testemunhas silenciosas de uma época passada. Cada passo que dou é como uma viagem ao passado, guiada pela arquitetura marcante e pelos detalhes intrincados dessas construções centenárias. Conforme avanço os meus passos, sinto-me conectada com a história viva da cidade do Rio de Janeiro, absorvendo a essência e o charme desse cenário pitoresco. É nesse ambiente nostálgico que encontro inspiração para minhas aulas, enriquecendo o conteúdo com histórias e lições que transcendem as barreiras do tempo.

Nasci longe daqui, em terras distantes onde tudo é diferente. As ruas não têm a mesma pressa frenética, e o ritmo da vida é mais lento. Chegar ao Rio de Janeiro foi como desembarcar em um mundo novo, repleto de cores vibrantes e uma energia única. Enquanto caminho pelas ruas movimentadas da cidade, é como se pudesse sentir a pulsação do lugar, o constante fluxo de pessoas e histórias que se entrelaçam. Apesar de ter deixado minha terra natal para trás, encontrei neste lugar um lar e uma fonte inesgotável de inspiração para minha jornada como professora.



No bairro de Santa Teresa, parece que a pressa deixou de passar. É um lugar tranquilo nesta cidade agitada, que me faz lembrar da minha cidade natal. As ruas sinuosas e os casarões antigos evocam uma sensação de calma e nostalgia, como se o tempo tivesse desacelerado para permitir que eu apreciasse cada momento. É reconfortante encontrar esse oásis de tranquilidade em meio ao frenesi urbano, um lembrete constante das minhas origens distantes.

No entanto, mesmo nesse refúgio tranquilo de Santa Teresa, as pessoas parecem sempre ocupadas, imersas em suas próprias rotinas e compromissos. Ainda que as ruas sejam mais serenas e os ritmos mais suaves, a agitação da vida moderna ainda encontra seu caminho entre os cantos e vielas deste bairro. Ao passar pelos casarões antigos e decadentes, percebo como alguns deles estão desgastados pelo tempo, suas fachadas mostrando sinais evidentes de abandono. Parece que ninguém mais habita essas construções majestosas, uma vez grandiosas e agora mergulhadas em um silêncio melancólico. Suas paredes descascadas e janelas fechadas ecoam histórias de um passado glorioso, agora esquecido e envolto pela passagem implacável dos anos. “Quem eram as pessoas que moraram aqui? Ainda mora alguém aqui?”, penso sozinha.

Ao chegar à escola, após percorrer as ruas tranquilas de Santa Teresa, sinto-me como se tivesse embarcado em uma viagem no tempo. Os casarões antigos e os becos silenciosos me fizeram refletir sobre a passagem do tempo e a efemeridade da vida urbana. Enquanto admiro a arquitetura histórica, percebo que minha jornada pelo bairro serviu



não apenas como uma oportunidade de contemplar a beleza do passado em meio a agitação do presente, mas também para caminhar dentro de mim mesma.



MONOTONIA E AMOR

Bruno Rego Diniz

Cotidiano é uma palavra que pode ter muitos significados para cada um de nós.

Monotonia? Correria? Estresse? Felicidade poderia ser um dos significados de cotidiano? Acordar cedo, engolir o café da manhã e partir para pegar o transporte público lotado.

Chegar ao trabalho e receber inúmeras cobranças e no quinto dia útil receber um salário que não vale um terço do quanto trabalhamos. No final do dia chegar em casa cansados e estressados para dormir e começar tudo de novo no dia seguinte. Será que existe beleza em meio a isso tudo? É nossa missão descobrir.

Ao caminhar pelas ruas do Rio de Janeiro, vemos centenas e centenas de pessoas indo trabalhar. É possível ver no rosto dessas pessoas a infelicidade, o cansaço e o vazio daquele cotidiano frio e sem sentido. Quem de nós nunca sentiu isso? Parece um sofrimento que não tem fim. Muitas vezes pensamos até que morreremos antes de aposentar. Todos estão cansados e sem energia para outras atividades mais importantes, como dedicar tempo a família. Muitos esquecem do que realmente é importante.

A busca pela felicidade é uma ânsia comum a todos nós. Para alguns, é algo abstrato e impossível de alcançar. Perguntam: como serei feliz trabalhando desse jeito e sem dinheiro? Como encontrar a felicidade no meio de tanto sofrimento e da angustiante monotonia do cotidiano? A resposta eu encontrei em um famoso livro de um Santo



Sacerdote do século passado que dizia: "Há monotonia porque falta Amor" (Caminho, 77). Amor com "A" maiúsculo mesmo e entenderemos o motivo depois.

Quando criança ouvimos sempre alguns jargões dos adultos do tipo "vai estudar para ser alguém na vida" ou "você precisa conquistar um bom emprego para ser feliz" e ainda "você só deve casar depois que você estiver estabilizado financeiramente". O que entendemos com isso tudo? Entendemos que o sentido da vida está em conseguir um bom emprego, ter uma boa remuneração e viver em função do dinheiro. É uma visão materialista passada de geração em geração. Família? Só depois que tiver muito dinheiro. Filhos? Misericórdia, para quê tê-los? Muitos gastos e dá muito trabalho. No fim entendemos que falta Amor. E um Amor que é eterno. Tudo aquilo que tem fim, que estraga e apodrece, não preenche nosso coração. Não traz felicidade!

O coração humano só pode ser preenchido pelo infinito. Nosso coração anseia pelo infinito. E olhando ao nosso redor, o que é infinito? Só conheço uma resposta possível para essa pergunta: Deus. Mas o que isso tem a ver com a monotonia do nosso cotidiano?

Novamente recorro as palavras do Santo Sacerdote que já mencionei, conhecido como São Josemaría Escrivá: "Meus filhos: aí onde estão nossos irmãos os homens, aí onde estão as nossas aspirações, nosso trabalho, nossos amores - aí está o lugar do nosso encontro cotidiano com Cristo. Em meio das coisas mais materiais da terra é que nós devemos santificar-nos, servindo a Deus e a todos os homens. [...] Deus nos espera cada dia: no laboratório, na sala de operações de um



hospital, no quartel, na cátedra universitária, na fábrica, na oficina, no campo, no seio do lar e em todo o imenso panorama do trabalho. Não esqueçamos nunca: há algo de santo, de divino, escondido nas situações mais comuns, algo que a cada um de nós compete descobrir." (Homilia pronunciada no campus da Universidade de Navarra em 8 de outubro de 1967). Encontramos a resposta que buscávamos.

Hoje é difícil entender que é preciso resignificar o sofrimento e não o negar. O sofrimento e as dificuldades estarão presentes na nossa vida até a morte. Vivemos amargurados e reclamando de tudo, buscando apenas os prazeres e a acomodação? Ou buscaremos colocar nosso coração no que realmente importa? A resposta para a felicidade é cumprir com zelo e Amor os nossos deveres diários, sejam eles pequenos ou grandes e aí veremos a vida tomar outra forma, teremos um novo olhar para as situações de aparentes dificuldades e dor.

Fazendo tudo com Amor (buscando esse encontro diário com Deus em nossos deveres) podemos mudar a vida de outras pessoas ao nosso redor. Quem gosta de receber um bom dia com tom de grosseria e mau humor? Às vezes, tudo o que uma pessoa precisa para melhorar o seu dia é um bom dia alegre e generoso. Ninguém gosta de conviver com uma pessoa que reclama de tudo e torna a vida alheia um verdadeiro inferno. Essas situações se estendem a todas as áreas na nossa vida já mencionadas: trabalho, faculdade, no lazer etc.



PENSAMENTOS DESVAIRADOS DO PASSAGEIRO DO ÚLTIMO TREM PARADOR

Isabelle Ramos Macedo Carvalho

Meia noite ainda tem trem?? Ô se “trem” e cheio de gente! Nunca vi isso, noite é para dormir, não é? Não, em nosso mundo pós-industrial, acelerado, moderno, barulhento e invertido não. Eu ouço vozes indefinidas, conversas de tantos teores e simultâneas, andar de trem é um hipertexto. É a senhora cansada que já viajou o Rio de Janeiro inteiro e não liga mais para o tempo, é o jovem que mal conheceu o mundo a fora e tem um tempo disponível tão curto entre a ida e a volta do trabalho ou da faculdade, são os camelôs do que transformam o vagão em um supermercado ambulante, em lojinhas de variados produtos, são eles que conversam sobre suas vidas pessoais num vagão com seus amigos de vagão de trem, eles gostam dessa forma de vida? Tudo é feito no trem. Conversar num café? Não, eles conversam mesmo é no trem de Japeri, PSICÓLOGO? Para que? Eu não tenho tempo para isso... Quando eu chego em casa eu tenho 5 filhos para alimentar e uma ex-mulher muito brava que me liga cobrando a pensão que está atrasada. Aprendi que estar dormindo à meia noite, em um dia normal e comercial, é só para quem tem a vida ganha, ao funesto trabalhador e ao carcomido estudante só restou o extremo cansaço, a pressa, a impaciência permeada de esperas insólitas em espaços desordenados, arquetípicos do mundo evoluído que nós, *homo sapiens*, conquistamos! Que maravilha, que grande conquista a nossa, em vez de entendermos o nosso meio natural de produção, nós criamos uma alternativa, aquela



robótica, “pra facilitar a nossa vida”, para acelerar os meios de produção, para ter mais em menos tempo, sempre assim. Nós seres humanos, dotados de sensibilidade estética, mas sem tempo algum para pô-la em prática, nos falta tempo... tempo na nossa sociedade é para ser utilizado de forma “útil” o tal do utilitarismo. Apreciação? Do que? Como? Você tem que produzir dinheiro, você tem que trabalhar, acordar cedo, correr, pensar, se estressar, “mente vazia, oficina do diabo” é o que eles dizem..., Mas como eu, enquanto um ente sensível, posso apreciar as mais belas paisagens e os quadros naturais deste mundo tão livre, se a minha mente está fisicamente encarcerada em preocupações que transformam a mera apreciação em ato frívolo e inútil? Todos nós gostamos de apreciar o que é belo, o que nos faz sentir bem, mas o mundo entrou em um frenesi coletivo onde nós perdemos completamente a habilidade de apreciação. O homem, hoje, é um ser social imerso no utilitarismo. O que nos resta é apenas mergulhar na realidade e às vezes pairar sobre os nossos pensamentos intangíveis, mas nunca, nunca nos ater ao efêmero. Ah, porque o efêmero passa, e tudo o que passa é esquecimento, precisamos de continuidade na vida, tudo isso é o que objetivamente você escuta enquanto busca ser, enquanto você não está sendo, materialmente e concretamente. Somos uma máquina agora? máquina de pensar, máquina de escrever, máquina de pintar, máquina de falar, máquina de ouvir, de ensinar, de produzir... máquina descansa? máquina sente? máquina enxerga a dor do próximo? Somos máquinas em ser humanos, “humano demasiado humano”, como diria o saudoso Nietzsche... O além do homem, a potência de



vontade, quem se importa com isso? máquina não sabe filosofia apenas aprende conceitos pré-estabelecidos, o material é o que importa. O homem não aprendeu o imaterial ainda e é por isso que esse ciclo é uma cobra que morde a própria cauda, não tem fim afinal, o fim está para o imaterial e nós não o conhecemos. O trem finalmente para, desacelera, a voz robótica anuncia a estação e os pensamentos automaticamente voltam a sua normalidade, agora eu funciono como uma máquina humana: eu desço na próxima estação, tenho que me levantar dentro de alguns instantes... Melhor esperar um pouco até chegar na plataforma, enquanto o trem estiver freando e o meu corpo não precisar sentir a inércia o levar e a aceleração do trem o fazer quase cair, sempre assim... Tantos pensamentos antes mesmo da ação precisar ser feita, já penso. Imagina não pensar antes de agir, talvez eu caísse “no espaço entre o trem e a plataforma”, que horror seria. Melhor nem pensar nisso.



QUINTA-FEIRA DE UM TRABALHADOR CARIOCA

Heraldo De Souza Alves

São exatamente 5h30min, e aqui estou, acordado, contemplando esta bela manhã de quinta-feira. Hoje decidi narrar como será o meu dia, desde a saída para o trabalho até o retorno ao lar. Nos primeiros 30 minutos, acompanharei Zeus, meu cão de guarda, para que ele faça suas necessidades na rua, já que ele fica em casa sozinho aguardando meu retorno ou a chegada de alguém da família para lhe fazer companhia. É importante lembrar que a sujeira que ele produz é recolhida, pois é desagradável pisar em fezes de cachorro. Ao retornar com ele, já se passaram exatamente 30 minutos, e estou me preparando para sair de casa. Caminharei até a estação de trem e embarcarei com destino ao Engenho de Dentro, onde está localizado o Estádio Mário Filho, mais conhecido como Engenhão, onde grupos de pessoas de vários municípios se reúnem todas as semanas para torcer por seus times de coração. Agora, exatamente às 6h40min, estou embarcando no trem com destino a Nova Iguaçu, atravessando 15 municípios até chegar ao meu trabalho. Vou compartilhar algumas recordações das estações pelo caminho: ao passar pela Estação da Piedade, encontramos o mais novo espaço cultural do Rio, o Parque Piedade; em seguida, temos a famosa Estação de Quintino, bairro do ilustre jogador Zico. Mais à frente, temos Cascadura e Madureira: a direita, a grandiosa escola de samba da Portela, e a esquerda, o Terreirão do Samba da Dona Ivone Lara. Continuando, chegamos à Estação de Oswaldo Cruz, terra do famoso Arlindo Cruz. Logo após, a famosa Estação de Bento Ribeiro, terra do



famoso Ronaldo Fenômeno, cria da região. Prosseguindo, encontramos a Estação de Marechal Hermes, famosa pela batata frita que até mesmo o ex-presidente teve o prazer de provar. Depois, a imensa Estação de Deodoro, onde está localizada a oficina dos trens e vários trabalhadores de diversos municípios trocam de transporte para seguir suas viagens, além de diversos quartéis militares. Em seguida, a Estação de Ricardo de Albuquerque, com seu imenso cemitério. Mais adiante, a Estação de Anchieta, com sua lona cultural. Seguindo, a Estação de Olinda, com sua antiga fábrica de fogos de artifício e fábrica de sorvetes. Mais à frente, a Estação de Nilópolis, cidade da maior escola de samba da baixada, a Beija-Flor de Nilópolis. Em seguida, a Estação de Edson Passos, com seu imenso estádio do América Futebol Clube.

Mais à frente temos a estação de mesquita com seu antigo tênis clube. Mais adiante temos a estação de Juscelino Kubistchek com a sua famosa arte pão e o centro de distribuição dos Correios e para finalizar a famosa estação de Nova Iguaçu, com as suas famosas lojas, bares e restaurantes, uma bela via *light*. Nessa viagem que eu faço, reparo que vários trabalhadores estão dormindo ou melhor cochilando devido saírem muito cedo de suas casas aí aproveita-se o momento para curtir um pouco mais o sono e também temos os vendedores ambulantes que ao passarem pelos vagões oferecendo suas mercadorias diversas atrapalha o cochilo dos passageiros, mais isso faz parte do dia a dia de nos trabalhadores. Ficarei aqui nesta bela cidade até as 17h30min.

Nesse momento são exatamente 13h, eu me encontro descansando o almoço. Logo em breve irei para a segunda etapa do dia



de trabalho, lembrando que pela manhã tive um problema com um cliente, mas graças a Deus tudo ficou resolvido.

Agora já são 17h30min, estou saindo do trabalho em direção a estação para embarcar no trem e seguir para o maracanã, não para assistir futebol, mas para estudar até as 22h. Nesse meu trajeto até a universidade há vários ambulantes vendendo diversas mercadorias dentro do trem

Encontra-se produtos de ótimas qualidades a preço populares, claro que não se sabe qual a procedência o que as pessoas visualizam e o preço das mercadorias oferecidas. Lembrando que ao ir para a universidade obrigatoriamente passo por vinte e quatro estações quase sempre o trem lotado tendo que viajar em pé até chegar no meu destino que e na Estação do Maracanã. Agora já são exatamente 18h40min e já estou aqui na estação caminhando para a UERJ e vejo aqui do meu lado esquerdo o imenso Estádio do Maracanã e logo abaixo vários carros com suas buzinas barulhentas, pedintes atrapalhando a passagem das pessoas, algumas caminhando para pegar o metrô outras para pegar o trem para retornarem aos seus lares.

Já são exatamente 22h após um longo dia de trabalho, algumas horas de estudo, eu retorno para o meu lar, para descansar e me preparar para um novo amanhecer.

Aqui fica registrado a quinta-feira de um trabalhador carioca.



ANDANDO PELA CIDADE

Silvio Lucas de Lima

Enquanto caminho pela cidade, começo a perceber tantas coisas que geralmente passam despercebidas. Em uma cidade tão agitada, onde todos estão lutando para cumprir suas obrigações diárias, não saímos com a intenção de observar, mas acabamos observando o cenário ao nosso redor. Vejo pessoas indo e vindo, ocupadas com o trabalho, pagando contas, passeando ou retornando de outros lugares. Algumas arriscam suas vidas atravessando ruas movimentadas, enquanto outras pedalando suas bicicletas, algumas por necessidade, outras por prazer. Observo o intenso movimento de veículos, lojas abrindo, camelôs montando suas bancas nas calçadas, tudo acontecendo tão rapidamente que mal temos tempo para apreciar os grandes prédios e outras paisagens urbanas. Os ônibus lotados e atrasados, pessoas se espremendo em busca de trabalho ou para garantir o sustento, enquanto nas calçadas camelôs vendem uma variedade de mercadorias e pessoas buscam emprego. É uma cena de vida pulsante, com pessoas de diferentes nacionalidades e estilos, refletindo a diversidade da cidade.

Uma cidade tão corrida. Todos lutando para seu dia ganhar. Nunca saímos na rua com a intenção de admirar, nunca podemos parar. Isso acontece, porque quando saímos sempre estão andando de um lado para o outro preocupados em não se atrasar para o trabalho. Outros arriscando suas vidas, atravessando as avenidas, às vezes sem olhar para um lado e para o outro, para o trabalho não faltar.



Prédios e lojas com grandes movimentos de pessoas, e quanto mais você vai andando classes e classes de trabalhos e profissão desfila em minha frente. Mas não dá tempo de detalhar. Às vezes paro em algum lugar, tem coisas que me chamam atenção. Famílias dormindo na calçada, pequenas crianças dormindo no chão, placas de hotéis com muita luz e propaganda. A pessoa que dorme no carrinho é a mesma que cata papel.

O carrinho é muitas vezes sua casa, sua cama, seu meio de transporte e de trabalho.

E com este mesmo carrinho divide a avenida com o comprador, com o transporte de caminhão e com pessoas que anda nas calçadas.

Eu um caminhante da cidade, consigo olhar para quase tudo . Quando estou no carro, já não consigo. O motorista do táxi passa com o carro vazio, esse carro vazio vai buscar um passageiro. Ao mesmo tempo já tem outro táxi já com seus passageiros.

Muita vida passando diante dos meus olhos, quando me ponho a olhar, talvez tenha outra pessoa a me observar.

Tudo aquilo que eu estou vendo em um tempo que deixo de pensar nos meus problemas.

Esse movimento que ocorre quando olho são muitas vidas vivendo, defendendo, aprendendo.

Quantas coisas nossos olhos veem, mas passa despercebido até porque vejo pessoas montando pequenos barracos nas calçadas embaixo de pontes, algumas, só por uma noite, e outras dá para notar que mora ali, pois tem fogões de lenha fazendo comida. A cidade não é somente



prédios, elas também são pessoas. Percebe-se os adultos e as crianças, de pé ou sentadas no chão. Há dois grupos de crianças: umas brincam e outras trabalham (vendem bala e lavam carros) e pedem dinheiro. Pedem ajuda!

É muito triste quando só olhamos para frente.

Até vejo todas aquelas coisas, carros indo e vindo, as belezas de algumas casas, prédios, holofotes, belas lojas.

De repente! Pessoas pedindo uma moeda, no metrô do Maracanã. Uma mulher se sentou perto de mim quando olhei para ela! Nem foi para ela! Mas para a roupa dela, que estava com as mangas da blusa com manchas de sangue. Quando olhei novamente, a saia dela estava com secreção. Não me levantei, mas fiquei uma situação difícil.

Aí ela me pediu 10 reais, e disse que era para comprar fralda e ataduras para colocar em sua mão, e mostrou-me sua ferida sangrando e escorrendo secreção. Eu respondi: - 10 reais eu não tenho!

Nesse momento, ela se levantou e pediu para outras pessoas que estavam em pé na estação, eram cinco ou seis pessoas, que não deram nenhum dinheiro. Ela voltou e se sentou ao meu lado, peguei 3 reais que tinha no bolso, dei a ela. Ela pegou. Quando me levantei para embarcar no metrô, ela me devolveu e disse: - preciso de 10 reais e não de 3 reais.

Por fim, ao andar na cidade, são muitas coisas que eu vejo, algumas eu entendo, mas a maioria sem entendimento e compreensão. Ainda assim é interessante andar pela cidade.



A CARTA PARA JOÃO DO RIO

Robson de Oliveira Alves Júnior

Não consigo regular meu sono, já faz anos que durmo após a meia-noite, uma, duas, três da manhã. Isso começou quando eu tinha por volta dos 13 anos, e acredito que agora seja tarde demais para corrigir. A sensação que a insônia dá é de que o tempo passa diferente, nosso cérebro entra em modo de economia de energia, e tenho que admitir que gosto. É como diz aquela música do Rogério Skylab: “Eu durmo pouco pra ficar com sono / E ver um mundo totalmente estranho”. Queria que fosse como em alguns filmes, onde a insônia de repente concede ao protagonista um certo tipo de poder, como parar e viajar no tempo. Se a insônia me desse um poder, gostaria de me teletransportar, e eu me teletransportaria pelas ruas, por todas as ruas de todo o mundo. Começaria por Saquarema, um lugar que amei estar nos carnavais e finais de ano. Caminharia pelo centro e pela orla da praia. Depois iria para Copacabana, simplesmente por nunca ter ido a Copacabana. A lista é longa, penso em Nova Iorque de madrugada, Mônaco, o Vaticano, a rua mais *cyberpunk* do Japão etc. Tem alguma coisa sobre as ruas que eu ainda não consigo formalizar como ideia, acredito que as ruas são o mundo de verdade, e é uma pena que estejam ficando cada vez menores. Parece que tudo que tem sido construído recentemente são prédios, prédios pequenos e prédios gigantes, supermercados, shoppings e largos condomínios com estacionamento na frente. Eu particularmente não tenho carro, mas se tivesse não usaria ele para passar entre as ruas, prefiro mil vezes me associar ao culto a



caminhada. Tenho certeza de que Machado de Assis pelo menos uma vez decidiu caminhar, e sei que ele nunca teve que dirigir um Celta, e isso diz muito.

No último ano do ensino médio tive que escrever uma carta como trabalho de escola para João do Rio, e nela eu contei a ele as novidades do nosso tempo, coisas como Uber, Internet, redes sociais e mulheres nos mercados de trabalho, mas nunca recebi uma resposta, acho que ele não acreditou em mim, então decidi andar pelas ruas onde ele costumava passar, queria contá-lo pessoalmente e indagar por que não fui respondido. Achei que seria interessante começar pela Rua do Ouvidor, e lá fiquei por quinze ou vinte minutos apenas, me pareceu tão histórico que o ar cheirava a poeira, decidi então bater em partida, deixando a visitação aos cafés para outra oportunidade. Caminhei, então, até a rua Primeiro de Março e numa esquina entre um prédio deteriorado e outro mais deteriorado ainda, um cartaz azul me atraiu com os dizeres “Coragem para inovar”. Olhei para meus pés e percebi que estava usando duas meias diferentes — efeito da pressa ao sair de casa —, e assim como Deus, no livro de Gênesis, eu vi que era bom, ou pelo menos, inovador o suficiente. Tentei atravessar a rua sem ser acertado pelos “carros anti-semáforos”, e quando cheguei do outro lado (da rua, não do Cosmos) perguntei ao senhor das bancas de jornais, uma das únicas que ainda sobrevivem:

— Como eu faço para ter um carro desses que não precisa respeitar as leis de trânsito?



E ele riu por educação, e pensei que talvez fosse por isso que a banca dele ainda sobrevivera, ou melhor, vive. Dei uma rápida olhadela e pedi um Meia Hora, porque a capa me atraiu. Não achei muitas revistas, ou mangás, então pensei “bom para ele!”, o modernismo sempre me pareceu algo a ser evitado a todo custo.

Não me lembro quem foi que disse, mas aqui eu repito: o óbvio também precisa ser dito, e pasmem, fazia calor no Rio de Janeiro! Eu nunca tive o hábito de levar uma garrafinha de água comigo nos meus passeios, ou melhor, nas minhas buscas, então prontamente parei, concentrei-me nos sons ao meu redor e enfim pude captar o famoso “água, olha a água, Brahma, Antarctica, Coca, latão” a alguns metros de mim. Por isso optei, então, por realizar um pequeno desvio do meu objetivo e ir atrás do vendedor de água que me salvaria da sede quase nordestina no centro carioca. Aproximei-me do cidadão, esforcei-me para não parecer gringo e “lancei” a ele:

— “Coé, irmão, me vê uma água.”

No que me respondeu:

— “Tá três” reais.

“Perto de casa é um e cinquenta”, pensei, mas não iria pechinchar por uma garrafa de água. Pude finalmente parar um pouco, e decidi descansar na sombra. Bocejei pois não havia dormido. Acenderia um cigarro se eu fumasse, mesmo com o câncer de pulmão sendo o novo *sexy*.

Voltando a minha caminhada, entrei em ruas desconhecidas. Numa dessas ruas, estive parado frente ao sinal, esperando para



atravessar, quando observei uma linda vendedora de chip da Tim, e pensei no crime que é fazer mulheres bonitas sofrerem, algo tão antinatural, que chega a ser estranho, desconfortante ver uma mulher bonita correr para não perder o ônibus ou trem, por exemplo. Ao atravessar, perdi-a de vista na multidão. Em seguida saí de uma rua bem movimentada e atravessei o engarrafamento de uma avenida também movimentada. Distraí-me com árvores, porque gosto de fazer isso de vez em quando. Paulistas não têm essa oportunidade. Eu sempre penso muito enquanto ando, e dessa vez o devaneio era tanto que quase esquecia do meu objetivo, então voltei a prestar atenção a minha volta, tentando encontrar João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, “a.k.a”, João do Rio, o homem que no quesito tamanho de nome, só perde para Pedro de Alcântara Francisco Antônio (...) de Bragança e Bourbon. A minha esquerda, seguindo meu caminho, avistei uma antiga igreja católica, que parecia abandonada, dada a quantidade de pichações. “Ninguém picharia uma igreja que ainda estivesse em atividade”, pensei, “mas estou no Rio de Janeiro”, lembrei.

Perdido no Centro do Rio, decidi pedir por informações a um morador de rua, a única viva alma que havia por perto.

— "Irmão", sabe onde eu estou?

— Brasil, respondeu com mal-humor.

— Sabe o nome da rua?, insisti.

— Não.

E assim terminou minha conversa com ele. Pedi um Uber e voltei a missão principal: achar João do Rio. Coloquei como destino a



Rua Riachuelo, ou como era chamada antigamente, Rua de Matacavalos, a rua onde morou Bentinho e Capitu. Durante a corrida, o motorista que dirigia um Logan preto placa MSC9B44, perguntou-me se eu estava indo encontrar com alguém, e fiquei surpreso com a sabedoria daquele que provavelmente um dia foi taxista.

— Sim, estou procurando João do Rio, já o leu?

— Não, mas foi no táxi do pai de um amigo meu que ele morreu.

— Como assim?, perguntei.

— João do Rio.

— Ele morreu?

— Você não sabia?

Como já estávamos perto do destino, decidi seguir viagem. Eu mal conseguia disfarçar a expressão de desolação no meu rosto. Chegando na Lapa, saí do carro e ainda tive que ouvir a piadinha do motorista Celso:

— Quando encontrar João do Rio me fala — e saiu rindo.

Para não perder a viagem, decidi entrar num bar de esquina e tomar uma cerveja. Olhei o relógio, eram quatro horas da tarde. Sentei-me a uma mesa próxima a calçada e pedi uma Brahma. Observei mais uma linda moça que passava diante da minha mesa. Vi quando ela se afastou entrando numa rua logo a frente e perdi-a de vista. Observei uma outra, que vestia uniforme de trabalho, camisa pólo azul e calça *jeans*, e vi outra de vestido florido que voltava. Passou por mim e nossos olhares se cruzaram. O garçom chegou com a minha bebida, e ao me distrair, também a perdi de vista. Depois de alguns minutos, uma



algazarra começou a se formar, olhei para trás e vi que havia homem e mulher envolvidos, decidi não me meter. E a melancolia bateu. Pensei em pedir um vinho, mas não me pareceu condizente com o local. Num determinado momento um homem sentou-se na minha mesa. Ele usava um terno, gravata e um chapéu antigo, que me lembrou o “zé pilintra”. Suas olheiras me chamaram a atenção. Pensei que se tratava de um advogado, mas jamais saberia, aquele homem parecia ser do tipo que conseguiria se passar por descoberto em qualquer lugar.

— Ouvi que você está procurando por João do Rio.

— Estava. O burro aqui foi descobrir há uma hora que ele morreu. Morreu num táxi em 1921. — Ri da minha própria estupidez.

— Sempre preferi táxis. Experimentei Uber uma vez, um fã que me contou sobre, mas não tinha o mesmo charme, sabe?

— Uhum.

Depois disso, não me lembro mais de nada, e nem me pergunte se aquele senhor era realmente João do Rio. Cientificamente, é impossível. Graças a Deus nunca fui muito fã da ciência. “O verdadeiro João do Rio são os amigos que fazemos no caminho”, um amigo brincou. Mas não me importa o que falem, no meu coração eu tive poucos minutos como estrela de um filme do Woody Allen, e aquele realmente era João do Rio, respondendo a minha carta.



A CURIOSIDADE

Ivan Carlos Silva

Desde que deixei Paris para conhecer esta cidade, ela não para de me encantar. Existe a barreira linguística, é claro, meu português não é dos melhores. Mas nestes últimos dois anos tenho me apaixonado pelas pessoas deste local. Este povo me encanta com seu sorriso fácil e com sua solicitude. Parecem estar, na maioria das vezes, dispostas a ajudar um desconhecido amigo estrangeiro que caiu de paraquedas nessa festa e está cada dia mais curioso sobre o que fazer para pertencer a este lugar.

Meus amigos de Paris me mandam *WhatsApp* perguntando se as mulheres são mais gostosas pessoalmente, com quantas eu já dormi, mas eu não sou este tipo de gringo. As mulheres brasileiras realmente chamam nossa atenção, é um padrão de beleza e autocuidado diferente do que costumava ver anos atrás. Entretanto, elas são seres humanos e não um pedaço de carne para você comer e se satisfazer. Isso em qualquer lugar do mundo. Tento desconversar ao receber este tipo de mensagem, e digo que ainda não achei meu par (apesar de não estar necessariamente a procura), mas tem uma mulher que me intriga.

Divagar pela cidade quando não estou fazendo meus trabalhos como tradutor no museu é uma de minhas atividades favoritas. Caminho pelas ruas desta cidade e descubro a cada esquina um barzinho cheio de mesas e cadeiras postas pelas calçadas com gente que sabe se divertir independente do horário do dia. É uma cena até possível em certas partes de Paris, mas funciona totalmente diferente daqui,



principalmente pela música contagiante. Arrisco-me a dar um passo ou dois, mas não tem jeito, tenho dois pés esquerdos. É melhor permanecer sentado apenas batendo os pés no tempo da música. O ambiente também é local recorrente do meu almoço com a equipe do museu. Eles me chamam de “alemão”, vê se pode!

Já tem alguns dias nessas minhas últimas andanças por essas largas e movimentadas avenidas cercadas por vielas cheias de gente que eu descobri um bom lugar para tomar café. Eles já fazem até *croissant* do jeito que eu gosto e os deixam separados para mim. Meus amigos do trabalho inclusive tiram sarro de mim pois estou pagando o preço de um *croissant* que poderia estar recheado em um *croissant* à francesa. É o que eu pago para lembrar um pouco da minha casa.

Mas, é claro, a mulher que vem me intrigando há algum tempo já. Ela frequenta a mesma padaria que eu. É uma mulher linda, mas que parece estar frequentemente aflita com alguma coisa, me preocupo com ela. Será que tomo coragem para falar com ela? Ela tem uma energia que dá um pouco de medo de me aproximar, mas tenho muita curiosidade... tarde demais. Ela já foi. Espero vê-la amanhã, quem sabe não tão aflita.

A volta para casa tem suas surpresas. O ônibus vai lotado, e eu ainda não me acostumei a estar com o rosto tão perto de tantos desconhecidos. Não demora muito e boa parte desembarca perto de uma estação de trem. Às vezes consigo até um lugar para sentar, mas não foi dessa vez. Sigo minha viagem e após algumas paradas um vendedor entra. Achei que seria mais uma pessoa tentando ganhar seu



pão de cada dia através do “passatempo das nossas viagens”, como eles mesmo dizem. Mas o coitado apelou de forma que até eu me sentia culpado por sua situação. Ele ajoelha pedindo por ajuda. Ele tem uma caixa com balas, mas poucas pessoas fazem questão de pegá-las. Apenas o ajudam com moedas e notas baixas. É de partir o coração. Mas amanhã é outro dia, e pode ser outra pessoa, e com certeza vai.

Hoje estou na padaria, ansioso para ver aquela mulher e finalmente tomar coragem de falar com ela. Estou comendo meu *croissant* como de costume, e ela chega, pede seu *cappuccino*, e se senta à mesa. Observo-a. Ela parece mais calma, até receber uma ligação de alguém que eu gostaria muito de saber quem é. Será seu namorado, noivo, amante? Ela atende, troca poucas palavras, termina a ligação com um “OK” enraivecido e deixa o local assim que o seu *cappuccino* ficara pronto. Decido que vou falar com esta mulher, nem que eu a siga até onde ela vai. Pago por seu café e vou atrás dela.

Ela caminha bastante pelas vielas que circundam a grande avenida principal. Vira aqui, vira ali. E eu sigo atrás. Não posso perdê-la de vista. Finalmente ela chegou ao seu destino, e eu ao meu. Ela sobe umas escadas e entra em uma casa. Eu estou logo abaixo. Ouço o que parecem ser gritos, em uma discussão muito acalorada.

“Cadê o dinheiro da tua venda, Fabiana?! Tá achando que eu sou otário?” Ouço uma voz masculina por trás da porta. “Já te falei que eu não consegui a parada toda. Quando eu tiver com o dinheiro todo tu vai receber tua parte, Popó.” Ouço o que parece ser a voz da mulher da padaria.



O que tá acontecendo aqui?

“Tu vai aprender a não fazer os outros de otário, mulher!”

Preciso ligar para a polícia ou para alguém. Cadê meu celular...

“Pode largando esse celular, alemão. Dá ele aqui. Tu vem com a gente.”



ANDAR NA CIDADE ONTEM E HOJE

Luzia Angélica Alves Guimarães

Minha mãe é da roça e sempre gostou muito de andar a pé. Moro em São João de Meriti desde 1983 e lembro que desde pequena íamos para o centro comercial caminhando, o que levava cerca de 40 min. Herdei dela esse gosto por caminhadas. Andar em São João de Meriti, onde ainda moro, na década de 80 e na segunda década do ano dois mil é uma experiência completamente diferente. Inclusive faz romantizar uma certa falta de infraestrutura, característica de cidades da Baixada Fluminense, que era muito pior há 40 anos. Mas o que estou chamando de romantizar? Quando me mudei para essa cidade tínhamos esgoto a céu aberto, nenhuma ou quase nenhuma iluminação pública. Ruas de lama, terrenos baldios, mas não com lixo. Espaços repletos de árvores frutíferas como amoras, caju, abacates, goiabas que de vez em quando eu e as outras crianças da vizinhança gostávamos de pegar. Isso inclusive marca outra diferença. Uma cidade, um bairro, repleto de crianças na década de oitenta e muito vazio atualmente de infância nesse começo de milênio. Era uma cidade sem infraestrutura, porém com natureza marcante e muito espaço a céu aberto.

A experiência de andar por São João, que ia se modificando enquanto eu também ia crescendo e ganhando mais autonomia, era a experiência de andar entre árvores e reconhecer plantas, seus nomes e suas funções como remédios acessíveis num tempo em que nem o SUS existia. Olhar pelas calçadas e ver Quebra-pedra, que sempre me lembrava a doença renal do meu pai, que o deixou de cama durante



muito tempo. Ver Erva de Santa Maria (boa para expelir vermes) e Saião que servia para curar inchaço. E vários pés de Caruru. Caruru é meu mato preferido até hoje. É remanescente em tempos de pavimentação mais intensa. Para quem não conhece o Caruru é um mato com hastes cheias de bolinhas que saem facilmente ao toque e que me gerava, e gera ainda, um prazer enorme em espalhar essas sementinhas pela cidade. Eu sei que é uma praga invasora, mas em São João nessa época já não tínhamos plantações como roçados ou lavouras. Um estábulo com bois e vacas onde a gente comprava leite e queijo fresco tinha sim, porém roçados não.

São João na década de vinte do ano dois mil é outra experiência de cidade. É uma vivência de poucos espaços abertos, profusão de comércio, propaganda, carros nas ruas e nas calçadas, indivíduos isolados em suas casas, poucas crianças nas ruas, enxame de propaganda visual em postes e fachadas. Lixos pelas ruas e pressa.

Caminhar e experimentar São João de Meriti, município não central da baixada fluminense dialoga com a ideia do flâneur da modernidade, como apresenta Walter Benjamin diante de uma figura que experimenta a cidade refletindo a influência das mudanças provocadas pelo mercado. Talvez não seja possível pensar o flâneur numa cidade quase rural, vista pelo olhar de uma criança, mas com o decorrer do tempo, caminhar por essa cidade relacionando-a com as transformações característica de um local em processo de modernização, certamente em momento mais tardio do que ocorreu na Europa, na



época que Baudelaire e Walter Benjamin constroem a ideia do flâneur, seja possível sim.

O que uma cidade proletária, conhecida como dormitório, oferece de experiência subjetiva àquele que caminha por ela? Diferente do que Benjamin apresenta como o “desabrochar” de uma cidade moderna marcada pela abundância de materiais e serviços, proporcionado pela expansão do mercado, São João parece murchar em seus espaços apertados e poluídos. Caminhar pela cidade não é a experiência de caminhar por galerias, mercados e boulevares “cobertos de vidro e revestidos de mármore”, porém tem em comum com a nova Paris de Benjamin e Baudelarie a experiência de descobrir não somente a beleza do fenômeno urbano, mas também suas complexidades e contradições.

Se as relações sociais mudam com a explosão demográfica contribuindo com a caracterização da figura do flâneur sendo aquele que produz uma filosofia e uma crônica da multidão enquanto encontra--se circulando por ela, podemos considerar que em cidades periféricas pós-modernas, os *shoppings* tomam por excelência o lugar das galerias como espaços onde é possível caminhar distraído “através dos seus espaços fechados, iluminados, protegidos dos carros e das intempéries”. Ali é possível refletir sobre o mercado, sobre a alienação das massas entorpecidas pelos excessos trazidos pelo capitalismo, onde se deseja fetiches em exibição muito distantes do que o poder aquisitivo das massas possibilita alcançar.



São João do Meriti não tem mais tantos espaços abertos, mas tem um *shopping*. Suas praças públicas são quase desertas, mas os corredores do grande centro comercial lotam aos finais de semana. O flâneur ainda encontra seu lugar. Resta pensar se sua referência de local ainda é a cidade ou um espaço construído especialmente para servir de palco e templo do consumo.



ROTINA DA VIDA DUPLA: DUAS FACULDADES E NENHUMA VIDA

Stephanie Vieira Machado Dias

Chega a ser engraçado o quão diferente dois ambientes com a mesma finalidade são. Tudo se torna diferente quando se é friamente analisado, pelo menos foi assim que a jovem estudante pensou ao requestrar dois locais tão parecidos e (ao mesmo tempo) tão diferentes.

Acordar as seis da manhã, não conseguir tomar o café da manhã - porque é melhor dormir mais vinte minutos do que comer -, pegar o ônibus as seis e vinte e finalmente chegar na faculdade no horário da primeira aula. Observar as pessoas sempre foi mais divertido do que olhar para o quadro de qualquer forma, então passava das sete da manhã até a uma da tarde observando as manias e atitudes de cada um de seus colegas e professores.

Será que a diferença das pessoas era devido a escolha de curso? As atitudes talvez fossem as mesmas, se fossem de círculos sociais semelhantes. Não... os cursos são da mesma denominação, pois ela cansou de ver alunos desses cursos juntos, certo? Então por que teriam comportamentos tão diferentes?

Quanto mais olhava, mais percebia o quão era desajustada em ambos os nichos. Não conseguia se encaixar, não conseguia sequer entrar nas discussões iniciadas aleatoriamente, então por que continuava ali?

A resposta era simples: a paixão por ambos os cursos a cravava firmemente nas raízes. Um pé na música e o outro nos livros.



Desde então, a jovem decidiu deixar suas agonias para lá e simplesmente aceitou que seu destino iria brincar muito com ela até o fim de sua tortura infinitamente gostosa e desesperadora.



AMOR: DO INÍCIO AO FIM

Saenny Lucio de Araujo

Costumava passear com a minha amada esposa todos os dias pela manhã, conversávamos sobre tudo que conseguíamos ver. Nossos passos lentos nos davam tempo de analisar cada folha flutuando da árvore ao chão, os jovens correndo para a escola a cada soar do sinal, as crianças caindo depois de escorregar e se levantando em seguida para sentir aquela adrenalina outra vez e as mães olhando-as com expressão de orgulho ao observar o desenvolvimento de seus pequenos. O mesmo olhar que eu fazia ao encarar o lindo rosto cansado da minha esposa, depois de tanto tempo ela continuava me dando motivos para sorrir por não ter medido esforços por nossa família, porém eu sabia que o tempo de a observá-la estava chegando ao fim.

Depois de meses permaneci passeando pelas manhãs, mas agora como um homem solitário. Os passos continuavam lentos, mas os olhos mudaram de foco. Naquela praça não havia apenas crianças, também pude reparar nos diversos casais e seus olhares profundos. Presenciei o início de tudo, o pedido de namoro. Com as mãos trêmulas um jovem rapazinho tira uma caixinha do bolso, abre e direciona seu olhar apaixonado para uma linda garota, ao ver a caixinha ela pula de alegria e corre para beijá-lo. Naquele momento toda a praça olhava, alguns com aparência alegre, outros com decepção, mas para eles nada importava a não ser o brega momento de ternura. No mesmo dia pude encarar outro casal, eles conversavam de forma espalhafatosa, risadas, tapinhas e



abraços nos intervalos. Como é bom relembrar o amor através da vida das pessoas, voltar para a casa foi um alívio por esses acontecimentos.

Decidi sair mais um dia para um curto passeio ao redor da pracinha e logo me despertou atenção um casal com filhos, a mãe, levemente desengonçada, segurava um bebê com o braço direito e com o braço esquerdo empurrava o balanço para alegrar seu filho mais velho, enquanto ele gritava para o pai dizendo que era o Homem-Aranha, contudo o pai também estava com as mãos ocupadas, com a mão esquerda acenava para o filho e com a mão direita digitava em seu tecnológico *smartphone*. Sua expressão era de felicidade, mas não sei se era pelos movimentos do filho, afinal ele não tirava os olhos do seu aparelho. A partir desse dia pude perceber o porquê mães são tão fortes, possuem uma incrível capacidade de realizar todas as tarefas disponíveis de uma só vez, mas me pergunto se elas querem realizar ou apenas são sobrecarregadas com papel de ser tudo e os outros serem apenas um título. É, nem sempre é bom relembrar os erros cometidos no passado através da vida das pessoas, voltar para a casa se tornou uma reflexão.

Dessa vez o passeio não foi ao redor da praça, meu corpo já estava ficando cansado das minhas voltas pela manhã; fui a praça e me sentei nos velhos banquinhos de madeira. Não demorei muito para encontrar o primeiro casal, dessa vez o clima era diferente, o homem falava em baixo tom palavras ríspidas, enquanto isso a mulher tentava dizer algumas palavras com a voz trêmula e rosto franzido para evitar que as lágrimas rolassem e toda sua tristeza fosse exposta a um homem que, provavelmente, não se importava com sua fragilidade. Depois de seu



breve discurso, o homem se levantou e saiu andando sem olhar para trás, a mulher sentiu a leveza de poder chorar pelo fim daquilo que ela acredita ser o maior sentimento que já vivenciou. Assim como testemunhei o início feliz, pude testemunhar o triste fim de uma história e essa foi a minha deixa para voltar para casa pensando em como dói quando nosso amor decide partir sem avisar e nossa vida torna-se apenas esperar e observar o cotidiano.

Passei o caminho admirando o reflexo do sol encostando nas flores de diversas cores e nos galhos sem movimento algum, pois não havia um vento se quer naquele dia ensolarado; o brilho do sol fazia tudo parecer mais vivo, mas, de repente, o ambiente foi escurecendo como se o dia estivesse nublado, as pessoas que se exercitavam, agora corriam para cada vez mais perto, junto com elas a escuridão se aproximava, até que não consegui mais enxerga-las, apenas escutar gritos, sirenes, freios... Ao abrir os olhos, pude notar que o local já não era o mesmo, havia muita claridade e a beleza estava presente em cada canto, inclusive a dela, minha amada estava de volta e a única coisa que observarei eternamente é a graciosidade daquele sorriso.



UM DOMINGO NO LEBLON

Roberta de Moraes Correa

Há dias em que a nossa mente pede um descanso que vai além do simples ler um livro, ver um filme e ficar em casa, e o que pode ser capaz de promover esse descanso é sair e conhecer um lugar novo, capaz de renovar as energias que precisamos para descansar a mente. Pensando sobre isso recebo, em uma tarde de domingo, a mensagem de uma amiga me perguntando o que estou fazendo e quando respondo que estou em casa ela me chama para ir para o Leblon. Então eu saio de casa para conhecer um pouco mais da cidade do Rio de Janeiro.

Desbravando a cidade carioca, já começo minha pequena aventura observando o pôr do sol dentro do uber, já que havia um trânsito caótico para sair da zona norte e chegar na zona sul. Bom, pelo menos tinha algo belo para ser observado até eu chegar ao meu destino. Da janela do carro também observei as pessoas estressadas com o trânsito, perdendo a oportunidade de absorver aquele pequeno momento de ver o sol se pôr e o céu mudar de cor. Reclamamos tantas vezes que esses momentos são raros que quando temos a oportunidade, mesmo que parados em um trânsito, não as aproveitamos e preferimos nos estressar com o que está fora do nosso controle.

Ao encontrar minha amiga, fomos caminhando até a orla, observando a diferença do nosso bairro para esse da zona sul, contrastes muito assustadores. Pessoas são diferentes, andam de forma diferente, até mesmo a atmosfera do bairro é incrivelmente diferente. Vimos pessoas passeando com seus cachorros de noite e mexendo em seus



celulares como se não houvesse preocupação com os perigos noturnos da cidade. Coisa que não aconteceria se estivéssemos de volta em nosso bairro na zona norte. Não sei se é apenas uma falsa ilusão de que seria mais seguro ou se realmente é, não sei se não há preocupação em perder seus bens, já que serão facilmente substituídos.

Chegando na orla já observamos que às 19h ainda havia pessoas que estavam na praia desde cedo, aproveitando o calor do Rio de Janeiro o máximo que podiam. Se inebriando da maresia e sentindo a areia nos pés até a hora de precisar ir para casa. Andando pelo Leblon não há como achar essa cidade feia, nem pensar no quão perigosa ela é, a única coisa que se sente é uma vontade avassaladora de viver. De desbravar todos os cantos da cidade com as pessoas que amamos, descobrir novos restaurantes, visitar os mirantes espalhados pela cidade e contemplar a beleza da cidade grande. Caminhar de mãos dadas na noite carioca ou na companhia de uma amiga querida, são pequenas coisas que a cidade maravilhosa nos permite viver.

É inexplicável como um simples caminhar pela cidade nos faz querer viver o máximo da vida, o máximo que podemos, nos faz pensar em não deixar passar oportunidades por medo de falhar, amores por medo de fracassar e reencontrar velhas amizades que deixamos de lado por algum motivo da vida adulta. Quando observamos um casal de idosos dançando em um bar, por exemplo, vemos que a vida não para quando envelhecemos, ela continua, e os simples acontecimentos da vida ainda contam para somar a nossa felicidade.



Quem diria que um passeio no Leblon poderia trazer tantos pensamentos à tona, tanta vontade de viver e se sentir viva. A parte triste foi a volta do metrô para minha querida zona norte. Chegando aqui nos reencontramos com o medo de sermos assaltadas pedindo um uber na porta do Shopping Nova América, já que por aqui ninguém caminha às onze da noite com seus cachorros, olhando para as telas dos celulares. Mas eu não posso mentir, a zona norte tem um pedaço do coração da suburbana que sou.



CLARISSA DALLOWAY NÃO ACREDITAVA ABSOLUTAMENTE EM DEUS

Carolina Goldfarb Cobbett

Em meio a jornada da vida, percebi que estava numa selva perigosa, como também que tinha me perdido do caminho.

Quando jovem o meu grande desejo era achar esconderijo num campo aberto, onde pudesse ter uma conversa com deus. Longe de toda essa gente. Afastando todo o estresse.

Poderia passar a tarde toda ouvindo o farfalhar das árvores, em paz finalmente. Mas de repente me dou conta de que nesse campo não tem o burburinho que acompanha o café com pão que tomo na padaria. E nele também não mora a atendente que é um amor de pessoa. Inclusive, o filho dela passou no vestibular recentemente e vai cursar Serviço Social.

É verdade que num lugar tão ermo e vazio posso apreciar as coisas verdadeiramente divinas, não? A magnitude do mundo com suas enormes montanhas e céu tão azul. Difícil admitir que mesmo uma paisagem *toda tão tanto* alguma coisa parece faltar. Provavelmente deve ser aquele senhor que passa todo dia no mesmo horário com seu cachorro também já mais velhinho. Ele é tricolor, aliás. Sei disso porque é assim que o flanelinha o chama. Aparentemente o Flu está na sua melhor fase desde que fulano foi demitido e colocaram outro no lugar...

Num gramado que se estende até depois do horizonte eu poderia me deitar. Me conectar com a terra e o etéreo. E por mais que a sensação



da relva entre os dedos do pé e da mão seja algo maravilhoso, por algum motivo aquilo continua sendo só grama.

Gostaria de conseguir viver do cinismo, do mental e daquilo que Platão fala na República.

Queria odiar pegar o metrô lotado e não sentir tanto a humanidade de todos ao meu redor, em suas conversas, abraços, carinhos que parecem perdurar ainda depois de um dia corrido e suado. Sou incapaz de olhar para isso e não enxergar a mesma beleza do céu infinito sobre um campo sem fim.

São essas pessoas que passo pelo caminho, cujas vidas mal conheço, que abrem os atalhos na selva em que muitas vezes me encontro sem nem se darem conta.



AS RUAS, A CIDADE E EU

Fernanda Ginu Ribeiro

Andando pela rua encontramos diversas pessoas. Jovens, adultos, crianças, idosos... Cada um com sua história, nunca saberemos o que todos estão passando. Existem tantas pessoas, mas todos nós somos tão insignificantes; só que não percebemos isso já que estamos sempre preocupados com qual ideia vamos passar para a sociedade. A roupa que vestimos, a forma que falamos, como nos comportamos em diversas situações, e por aí vai. Na verdade, claro que comentamos sobre outras pessoas, mas no dia seguinte isso já cai no esquecimento. E muitas pessoas deixam de fazer seus sonhos por medo do que os outros vão pensar e julgar por alguns momentos. É claro que tem coisa que ouvimos que nos machuca, mas no final nada nem ninguém tem a ver com a nossa vida.

Às vezes me pego pensando nisso, nos meus sonhos, como vou estar daqui há 10 anos, se vou “vencer na vida” como dizem, se vou estar satisfeita com o curso que escolhi quando tinha apenas 20 anos de idade e nada ainda fazia muito sentido. Mas isso me deixa com muito medo do futuro. Medo de decepcionar os meus pais e a mim mesma. De que minhas expectativas sejam completamente frustradas...

Quando estou mal, costumo ir andar na praia. Respirar “novos ares”. Aqueles grandes edifícios, as praias, as árvores, tudo na área praiana e encanta. Vejo como uma verdadeira qualidade de vida, todos os ares lá, são diferentes (para mim), por isso, gosto de ir para lá relaxar, curtir, pensar no meu futuro e me idealizar lá.



Mas nem sempre isso me ajuda, na verdade, às vezes, muito pelo contrário. Fico triste. Ando por lá e vejo as pessoas “com dinheiro”. Aquela “elite da elite”. Pessoas que julgamos ter muito dinheiro apenas pelo jeito de existir. E aí vem aquele pensamento na minha cabeça de que nunca vou conseguir chegar naquele lugar, não como pertencedora daquele bairro, daquela praia, não uma moradora de lá, mas sim apenas uma visitante. Vem aquilo de “pobre nasce pra continuar pobre e rico nasce pra continuar rico”, “meritocracia não existe, por mais que se esforce ao máximo, nunca chegará ao topo” ...

Esses pensamentos acabam me deixando mal, com mais medo ainda do futuro. Para mim, morar na área praiana, em um apartamento com uma grande varanda de frente para a praia, é muito importante, uma vontade muito grande. Seria como realizar um sonho, uma conquista muito grande. Talvez por sempre ter morado em casa e sempre muito longe da praia. Adoro o mar, adoro a areia, adoro a vida noturna que acontecem naqueles quiosques em frente à praia. Acordar, abrir a janela, ver o mar, ir caminhar na orla, andar de bicicleta... é visto por mim como uma grande qualidade de vida.

Andando pela rua, vejo o quanto aquelas pessoas são extremamente sortudas e nem se dão conta. Tudo bem, todos tem problemas, então elas também com certeza têm. Mas quem mora ali, naqueles grandes prédios em frente à praia, muito provavelmente não tem que pegar um ônibus, um brt, um trem, um metrô ou qualquer outro transporte público extremamente cheio, literalmente “caindo aos pedaços”, principalmente em horário de pico, pra ir estudar, trabalhar



ou estudar e trabalhar; não tem que acordar 4h da manhã e passar 3 horas no trânsito só para chegar ao seu destino, é claro, eles também tem problemas, não estou diminuindo os problemas que eles possam vir a ter, aliás, cada um com sua realidade, todos tem suas angustias, mas é inegável que não ter uma rotina extremamente cansativa, além do trabalho e estudo, já é um grande privilégio e já te faz ter uma qualidade de vida melhor, onde, querendo ou não, melhora no nosso humor, no nosso dia... Às vezes o trabalhador da baixada já chega extremamente irritado e cansado no trabalho (e ainda são 8 horas da manhã) porque já pegou 3 horas de trânsito, em pé, espremido em um transporte, brigou com alguns motoristas por não ter parado para ela quando ela fez sinal, e por aí vai...

Andando pela rua penso em muita coisa, lembranças boas e ruins, penso na minha família e nos meus amigos, penso no meu passado e no meu futuro, penso em tudo... Minha cabeça fica um turbilhão; penso nas pessoas que estão passando por mim, fico tentando deduzir sobre a vida delas... Fico feliz; fico triste, muitos sentimentos, pensamentos, preocupações e dúvidas... Tudo isso à toa, já que tudo isso é passageiro... Logo, logo, ninguém estará mais aqui.



MEU TÊNIS E A CIDADE

Karolina Costa Mattos

Faz apenas poucos meses desde que comprei o meu tênis. Ele me serviu tão confortavelmente que se tornou meu companheiro preferido nas caminhadas rotineiras e necessárias. Não que caminhadas sejam um hábito do qual eu considero proveitoso, porém é impossível não olhar para o infinito ao redor e não admirar as belezas e os horrores que compõem a paisagem. Não me sinto nada além de uma solitária observadora, enquanto caminho pelo labirinto de ruas e avenidas que formam o Rio de Janeiro. Minha insignificância diante dessa movimentada metrópole é sufocante.

A cada passo me transformo em uma parte flutuante de um grande espetáculo cuja sinfonia é composta por sons, vozes e ruídos, que estão em constante transformação. E eu contribuo timidamente. Meus tênis, com as solas já gastas de tanto caminhar, acrescentam ainda mais sons para a composição. O pingente na minha mochila tilinta a cada movimento. Às vezes ocorre, em alguns casos excepcionais, de eu ser capaz de trocar alguma palavra com algum desconhecido que esbarrar por mim na rua. Mas, novamente, é uma exceção. Eu estou aqui apenas para observar.

O horizonte, até onde meus olhos alcançam, se torna palco e eu sou uma expectadora da existência urbana. Tudo isso emoldurado pelas janelas do ônibus do qual eu subo todos os dias e me leva um pouco mais adiante, porém a energia que emana da cidade é imutável em qualquer parte em que eu esteja.



Enquanto o sol se põe, a cidade se transforma em uma bela paisagem, bem diante dos meus olhos, e a energia frenética cria uma cacofonia de buzinas, conversas jogadas fora, passos e batidas distantes que se transformam em uma harmoniosa canção. Os prédios altos e as luzes que começam a brilhar de todas as direções parecem o cenário perfeito para desencadear um ataque de pânico em qualquer um. É justamente nesse momento do dia em que estamos perdidos na margem estreita entre o caos e a harmonia. Onde os assentos dos ônibus já estão completamente cheios enquanto as pessoas se espremem em seu trajeto. Onde o fluxo dos carros está tão intenso que é impossível vê-los andar em alta velocidade. Naquele momento, não há ninguém em casa. Estão todos aqui, nas ruas.

Há a bela imagem de uma criança voltando para casa feliz depois de um dia na escola, segurando a mão da sua mãe, enquanto conta algo incrível sobre o seu dia. Há o nervosismo do homem segurando o volante, esperando abrir o sinal de trânsito para avançar e tentar voltar para a sua casa e encontrar descanso em sua cama. E há também outras milhares de histórias que não conheço. As pessoas que passam diante de mim, para onde estão indo? Para casa? Para o trabalho? Estão somente indo a algum lugar, sem rumo ou objetivo? De todas essas incríveis histórias que compõem essa cidade, alguma delas observa como eu?



SERES DE LUZ

Marina Vale Ferreira

As ruas de Madureira são quase sempre cheias. Cheias de gente, cheias de vendedores ambulantes, cheias de barraquinhas, cheias de carros, cheias de conversas altas e gargalhadas. Cheias de samba, *funk* ou alguma música que está fazendo muito sucesso no momento. Acho interessante como essas ruas quase nunca estão cheias de silêncio. Mas é assim que eu gosto: com barulho, risadas e camaradagem.

O povo de Madureira é unido. Se alguém cometer um assalto aqui, o povo resolve. Se alguém tentar assediar uma mulher na rua, o povo resolve. Não é incomum você ver os camelôs oferecendo ajuda a quem passar mal ou a quem passou por uma das situações citadas.

Hoje caminho no calor desesperador do Rio de Janeiro. Como uma boa carioca em um dia com umidade baixa, ando abraçada ao meu copo de guaraná natural. Não gosto de mate, mas confesso que guaraná natural é meu fraco.

Sim, o dia está quente. Tão quente que as janelas altas dos prédios parecem produzir ondas de calor semelhantes à de um deserto, mas o calor não impede o povo de Madureira de trabalhar. Vejo uma movimentação em frente a Império Serrano. Não é um evento da escola de samba e sim um grupo de pessoas bebendo cerveja e comendo churrasco feito ali mesmo na rua. O samba toca alto e os pés batem no ritmo do som. Uma tenda verde e branca protege os festivos do sol. Todos riem, comem, conversam alto e alguns se entregam ao samba. Parece uma boa representação de Madureira. É encantador ver o povo



rir e sorrir mesmo diante de um dia que poderia ser desagradável para muitos por causa da alta temperatura.

As pessoas se abraçam, se divertem, combinam passos e curtem cada segundo de cada música tocada. Um senhor com uma belíssima pele escura permanece sentado na única cadeira de uma mesa branca de ferro. Ele parece sério com seu chapéu branco, mas presta atenção em tudo o que acontece e bate um dos pés no ritmo da música. Apoiando uma mão em uma bengala, levanta a mão e pede por uma cerveja sem falar uma palavra. Aos olhos de quem não conhece a malandragem, ele pode parecer irritado ou até mal-humorado, mas ele está se divertindo de seu jeito enquanto contempla a agitação do povo

Na mesma calçada do samba, uma moça simpática vende roupas enquanto desfruta de um espeto de carne com farofa. Ela dá informações sobre seus produtos para uma possível cliente com tranças longas nos cabelos e muitas sacolas nas mãos. Passo por elas e ouço uma das famosas negociações de preço desse bairro. São impressionantes as habilidades sociais do povo daqui.

Subo o famoso “minhocão”, a passarela que me permite atravessar Madureira de um lado para o outro. Chego perto do caminho que me leva ao Mercado de Madureira. Passo por trancistas angolanas com sorrisos enormes me chamando para ser uma de suas clientes. O vendedor da loja ao lado anuncia preços e promoções enquanto faz brincadeiras com quem passa. O calor não impede o povo de transitar pelas calçadas e pelas ruas.



É admirável a disposição de cada um que passa por mim. É como se não houvesse mau humor, brigas, negatividade.

Dentro do Mercadão há mil maravilhas. As lojas de artigos religiosos possuem atendentes simpáticos que vão ajudar a separar sua vela, suas guias e sua canjica. Não é preciso andar muito para entrar em outro tipo de energia e se deparar com incensos e imagens de divindades hindus junto de quartzos rosas e ametistas.

No mesmo corredor há lojas de apetrechos para festas. Percebo muitas fantasias de carnaval e decorações de carnaval também. Tudo isso enquanto diferentes músicas tocam em diferentes lojas. Os lojistas usam enfeites no cabelo e até maquiagens com purpurina. A energia é contagiante. Uma trabalhadora de uma loja conversa com o trabalhador da loja da frente enquanto fazem graça com um homem que vende salgados e café em um carrinho. Ele para, faz outra piada e todos caem na gargalhada. Até quem está apenas passando por lá acaba rindo.

A loja de flores atrai namorados, namoradas e religiosos que buscam as melhores flores para seus trabalhos. Os floristas são criativos. Há rosas pretas com brilho, rosas vermelhas e prateadas. Um cliente compra uma quantidade generosa de flores e recebe mais algumas de brinde como se fosse amigo há anos do dono da loja.

Logo sinto o cheiro de fritura. Os famosos salgados enfeitam a vitrine da lanchonete. Um pastel com caldo de cana ou com refrigerante é facilmente encontrado nas mãos das pessoas. Mas ainda há muito mais: coxinha, joelho, pastelão, pizza, hambúrguer de forno. Alguns



clientes ficam mais tempo olhando para os salgados do que comendo. A decisão é difícil. São muitas as delícias da lanchonete.

A atendente da gráfica come uma coxinha enquanto bebe um copo de mate. Ela, de pé, com uma perna dobrada encostada no lado do joelho ouve atentamente a uma história contada por uma colega de trabalho. O assunto parece interessante e curioso e justo quando acho que uma delas vai levar um susto, as duas caem na risada.

Madureira é isso. É gargalhada, é camaradagem, é amizade improvável, é samba, é religião, é ancestralidade, é beleza, é cultura. Arlindo Cruz foi cirúrgico quando disse que *“seu nome é doce dizer: Madureira”*.



FOI SÓ MAIS UM DIA

Meidson Mauro Cantalejo Da Silva Aguiar

Um clarão. Carregado de todas as minhas questões, saio pela porta da cozinha e a luz do sol parece iluminar mais do que o meu caminho: o clarão penetra também a minha mente e minhas emoções. Não só as cores se tornam mais vivas aos meus olhos, elas colorem também a minha mente. Um lugar frequentemente cinza, onde cada passo é perigoso, se torna um quadro vívido e o caminho entre um neurônio e outro se enche de luz. Isso evita o meu constante tropeço em pensamentos. A luz toca minha pele, queima, e é a sensação que mais gosto. É curioso como dor e prazer não são necessariamente antagonistas. Muitos se incomodam com a dor da luz solar queimando a pele... para mim é um evento. Ora, é uma das poucas vezes que chego perto de sentir algo real! A quentura apazigua o frio que sinto por dentro.

Continuo minha jornada, sempre com pressa. Talvez seja um erro me apressar tanto. Mas o caminho é longo e demorado. Por muito tempo eu acreditava que meu bairro era conectado com o mundo – ninguém precisa sair daqui. A menos que deseje algo melhor do que um emprego robótico. À medida que sigo, permaneço vigilante, mas ao mesmo tempo, tento filtrar as vozes externas – para que elas não criem vozes internas. Sabe... As ruas não são muito gentis com pessoas como eu. Só minha existência e feminilidade causam uma ruptura no tecido social. Logo, simplesmente andar nas ruas é um convite a hostilidade de



estranhos. Por isso filtro as vozes, as risadas. Eu não deveria me machucar com isso, porém só consigo evitar até certo ponto.

As apreensões são em diversas camadas: o medo de ser roubado, de sofrer uma agressão e o medo de como o trem me tratará hoje. Já aprendi que correr não adianta muito. Uma vez quase caí da escada da estação e a porta do trem fechou na minha cara. Foi humilhante na primeira vez. Entretanto, depois dos primeiros 100 dias, se torna apenas parte da briga que comprei. Sim, eu comprei uma briga. Afinal, nenhum dos meus amigos de Campo Grande faz faculdade pública. Eu que inventei de querer fazer isso. Todo dia é um constante lembrete de que meu lugar não é na UERJ – o sistema não foi construído assim. Existe agora a UEZO, que é a versão da UERJ para a Zona Oeste. Mas claro, os cursos ofertados são voltados ao mercado de trabalho robótico. Mas o que eu espero também? É a Zona Oeste! É o lugar de pobres! Pobres estudam na UEZO. Pobres não se ocupam com assuntos inúteis como o que é literatura. Logo, eu não devia também. Mas eu sou contrariador. Sempre fui. Então sigo a caminho da universidade que não me deseja. O trem às vezes é gentil. Como hoje. Estou sentado no ar-condicionado. O mau cheiro nem incomoda tanto. Estou sentado. Tem dias piores, onde minha coluna e pés são esmagados por quase duas horas, e não posso nem me mexer muito. Logo, hoje é um bom dia. É claro que eu penso em como é injusto ter que gastar quatro horas por dia só no trajeto. Eu sei que muitos colegas têm a vantagem do tempo – eles podem estudar em casa. Mas o que sobra para mim é estudar no trem. Mesmo que seja impossível na maioria dos dias. Todavia, aceito



tudo isso. Foi a briga que comprei. Esse lugar não era destinado a mim. Eu que insisto em ocupá-lo.

Assim que as portas do trem abrem, é uma corrida de diversas pessoas para subir a escada. Inclusive a escada rolante, que não funciona há muito tempo. Conforme sigo, o cheiro de urina se sobrepõe a qualquer pensamento. Ao descer a passarela, no entanto, não há paisagem que torne meus pensamentos menos violentos contra mim mesmo. O desejo de agradar e atingir expectativas sociais é compulsório. Até mesmo ir contra essas expectativas se torna uma performance. Tenho que não me importar..., mas de forma que ainda seja digestível a meus colegas. Sempre vejo livros sendo vendidos fora da universidade. Eu os fito como se fosse comprar algum. A verdade é que eu não me atrevo nem a perguntar o preço. Mas tudo bem. No meu bairro existe uma sessão bem barata, feita para pobres mesmo.

Enquanto espero o elevador, calculo o tempo que levará ir encher a garrafa de água em outro andar. O bebedouro do meu andar não funciona. Ao sair do elevador, torço para ver conhecidos, para que minha ansiedade social seja aliviada. Se eu estiver com outras pessoas, não parecerei tão solitário quanto sou em minha mente. É óbvio que eu não deveria me importar tanto com a ótica da minha existência. Entretanto, após tantos dias convivendo em uma instituição onde não me vejo representado em lugar algum, é difícil controlar o sentimento latente de não-pertencimento. De toda forma, assisto as aulas até dar a hora de ir embora.



A volta para casa nunca pode ser solitária, é muito perigoso andar sozinho a noite. No entanto, tenho apenas um colega que mora relativamente perto da minha estação. Quando ele não vai, o trajeto até minha casa é majoritariamente solitário. Me sinto apreensivo. Hoje, porém, ele está aqui. Conversando, o tempo passa mais rápido. De repente, as luzes desligam e o trem para forçadamente. Faltou energia? O que está acontecendo? A confusão nas expressões dos passageiros é levemente desesperadora, assim como a falta de clareza da empresa que comanda o trem. Já são quase meia-noite, e nenhuma resposta. O trem esvazia pela metade, à medida que as pessoas veem que o trem não voltará a funcionar. Então, meu colega descobre ao pesquisar nas redes sociais que não foi problema na energia... um caminhão caiu nos trilhos da estação seguinte. Sim, um caminhão. Não sei o que pensar sobre. A empresa não se pronuncia com clareza sobre o que está acontecendo. Decido, finalmente, pedir um táxi. Fui fortunado o suficiente de estar com internet no celular e ter dinheiro para pagar. Fico pensando nas pessoas que permaneceram lá. Fico pensando nas vezes que não tinha internet e nem dinheiro comigo. O que eu faria?!

Enquanto desço a passarela da estação, vejo os fuzis enormes dos militares que ficam nessa estação. Se trata de Vila Militar. Quando olho para baixo, meus olhos se cruzam com um dos soldados. Sinto um pavor. Um passo errado meu e poderia ser fuzilado naquele instante. Continuo descendo. Ao mesmo tempo que tantos armamentos me dão um certo nervoso, me vejo agradecendo por estar protegido de assaltos.



É um misto estranho. Se eu estivesse sozinho, provavelmente estaria bem mais assustado. O táxi chega.

Ao mesmo tempo em que o carro é confortável, a estrada está vazia e escura. Avenida Brasil. Lugar de muitos assaltos. É estranho viver nesse paradoxo de revolta e gratidão, mas essa é a minha experiência do Rio de Janeiro. Se eu pudesse definir a cidade com uma palavra, seria mista. Porque é sempre assim.

Essa experiência de Rio não seria tão isoladora se houvessem pessoas da mesma localidade que eu na universidade. Mas é raro. Isso foi inicialmente um choque para mim, pois o meu bairro é o mais populoso do Brasil inteiro. Mas hoje entendo a relação íntima do dinheiro com a educação superior. Por mais que eu quisesse me identificar com meus colegas de classe, isso só pode ser feito até certo nível. Campo Grande é uma realidade paralela. A Zona Oeste inteira é. E o mais insano disso tudo é que a maioria dos moradores não tem muita noção do quão embaixo estão na hierarquia social. Aqui tem *shopping centers* enormes e diversos cinemas. É um bairro-cidade. Logo, não é muito necessário sair daqui. Tem de tudo. Tudo o que é direcionado a classe pobre, é claro. Mas a maioria nem tem ciência disso. A maioria vota em políticas que favorecem a classe média e alta, vivendo na ilusão de que fazem parte delas.

Ao chegar em casa, dou até gorjeta para o motorista, estando grato por ele não ter me matado. Novamente, o paradoxo da gratidão e revolta. Mas já me acostumei. Não me sinto mal como me sentia nos primeiros cem dias. Suspiro aliviado de ver minha mãe, meu pai e meus



gatos, que saem para me receber. Não tenho tempo para processar muita coisa. Apenas agradeço por estar seguro e com minha família, que se sacrificou muito para eu estivesse onde estou e que lutou o dia inteiro para me manter onde estou... para que eu possa ter como pegar um táxi quando um caminhão cair nos trilhos do trem. Amanhã começa tudo de novo. Foi só mais um dia.



OS DOIS LADOS DA CIDADE

Maria Eduarda de Andrade Almeida

Depois de subir todas essas escadas, finalmente, chego à estação do metrô. Enquanto espero o metrô para seguir meu destino, observo as inúmeras manchas que a parede apresenta e como o forte cheiro de lixo está presente por toda estação. As pessoas a minha volta parecem exaustas e de algum modo todos apresentam o mesmo semblante. Depois de esperar por um longo tempo e observar a condição precária da estação em que estou, vejo o metrô, com uma luz muito forte vindo em minha direção. O motorista para e por conta da intensa vontade de que o dia acabe e eles possam finalmente chegar à suas casas os passageiros aguardam ansiosamente o momento em que as portas estarão abertas.

Durante a viagem, observo a paisagem e como o Rio de Janeiro parece ser perfeito nos dias de sol. A cidade parece mais alegre. No entanto, por conta da escuridão enquanto o metrô passa pelo túnel consigo ver o reflexo dos passageiros nas janelas. Ainda que o Rio de Janeiro pareça perfeito nos dias de sol, a escuridão parece combinar bastante com o semblante dos passageiros que é refletido nas janelas. Minutos depois entra um vendedor de água com uma oratória e capacidade de persuasão impressionante. Ele consegue vender três garrafas. A primeira para uma senhora com o cabelo curto. A segunda para um homem que usa um chinelo azul. A terceira, para uma criança que está acompanhada de sua mãe. Depois de realizar a venda ele sai e mais pessoas entram.



A viagem segue e apesar do vidro meio embaçado começo a observar prédios bem altos e quando olho para a direita vejo duas jovens. Uma está chorando e a outra parece estar tentando consolar a primeira. Elas conversam por um longo tempo e então ouço o motivo do choro da primeira jovem, ela perdeu seu emprego. É muito nítido sua preocupação, desespero e as perguntas que ela faz à segunda menina " como vou pagar meu aluguel?" "como vou ajudar meus pais?". Apesar de fazer as perguntas à segunda jovem, a primeira não sabe, de fato, como respondê-las.

Chegando na outra parte da cidade, o metrô começa a esvaziar e outras pessoas entram. Pela janela, observo como essa nova estação parece ser mais conservada. As placas têm o nome completo, há uma boa iluminação e as paredes estão pintadas. Dessa vez, quando olho para o reflexo da janela, o semblante dos passageiros não parece apresentar o mesmo aspecto de escuridão. Quase ninguém está em pé. Todos parecem acomodados nos bancos. Aparentemente, para eles estão sendo uma viagem tranquila.

As conversas também são diferentes. Uma jovem que conversa com sua amiga diz: "amiga, comprei o ingresso para o show de sexta por um preço muito em conta!". A amiga então pergunta: " por quanto você conseguiu comprar?" e a primeira responde: "por mil reais". Ninguém parece estar surpreso com o valor do ingresso. Na verdade, boa parte dos passageiros segue a viagem normalmente.

E depois de passar por tantas estações e observar atentamente não só os indivíduos, mas também, de certa maneira, a paisagem, escuto



uma voz anunciar meu destino. Levanto-me em direção a porta e quando olho para trás faço uma última observação. Dessa vez, ao sair o reflexo desses passageiros, que ainda pode ser visto através das janelas, é de tranquilidade. Saio do metrô e observo ele distanciar-se de mim como se fosse não só um simples meio de transporte, mas também um verdadeiro colecionador de história dos indivíduos.



DENNIS

Emmanuel Moura

Dennis gostava de sair pra caminhar, o fazia se sentir livre, ver coisas, pessoas, cores, longe do cinza e silencioso tom de seu quarto nesse horário do dia e por esse exato motivo, preferia não sair. Esse era o mundo dos vivos, ou dos que assim mereciam estar, não dele, não dos que tinham parado no tempo, dos que só serviam para coletar poeira como um livro nunca escolhido na biblioteca de um velho rico que já não tinha mais visão para ler.

O sol se pondo pintava as paredes brancas de laranja cítrico e alongava as sombras por onde Dennis se esgueirava, lentamente se locomovendo a passos rápidos, não demais para chamar atenção nem devagar para se manter à vista. Sentia sua aparência péssima, cabelos embaraçados não cortados há muito tempo, a melhor de suas roupas de caminhar já manchadas por tanto tempo ter sido esquecidas no fundo do armário.

Qualquer olhar de um estranho na rua o penetrava, o atravessava como uma lança pelo coração, uma troca de olhares era como uma flecha pelo olho, sua expressão nunca agradável ou amigável para aqueles com quem o atravessavam, rezava mesmo que sem religião para ninguém que o conhecesse, das tão poucas pessoas o conheciam no momento, o vissem assim. Ou o vissem de qualquer forma, de qualquer maneira, por isso mal saía do quarto.

Não gostava de ser visto, porém, em suas caminhadas adorava observar. Atravessar praças pelos caminhos menos movimentados, olhar



para dentro de lojas que nunca entrava pois nunca saía de casa com qualquer dinheiro, com qualquer posse além de suas chaves, ver as frutas e verduras de cores vibrantes em hortifrutis prestes a fechar, passar por bares de esquina já lotados com o pagode a tocar.

Tudo isso lhe passava em sua frente como a vida que não podia ter, como a vida que não se permitia aceitar, então dava voltas, quanto mais tempo passasse andando mais da vida poderia absorver, mais do mundo poderia ver, sem fazer parte dele. Era quase voyeurístico sua caminhada, ouvindo risadas, brigas, cantadas ruins, música boa, as repetitivas também. Não sabia o que fazia sucesso esses dias, o mundo se limitava aos confins de suas quatro paredes não decoradas.

Não sabia que bandas gostar, que músicas ouvir, que filmes assistir, que personalidade ter, preferia deixar o quarto vazio desde que se mudou, deixar o branco do amanhecer até que as sombras da noite chegassem para engolir sua visão do nada. Manter o mistério até a manhã seguinte onde se revelasse tudo que possuía; o nada.

Diferente de tudo que via, na todos pareciam ter algo, uma vida para viver, motivos para sorrir, motivos para se irritar, motivos para chorar. Dennis não tinha motivo para nenhum dos três, seus dias eram vazios de motivo e significado, mas era frequente seu choro e pior era sua raiva, raríssimos eram seus sorrisos. Todos os três sem motivo, sem explicação, sem razão e os dois últimos iam embora tão rápido como chegavam, pouco duravam. Sua tristeza era sua companhia.

Quando ela ia embora nada sobrava, ficava sozinho no quarto branco que a qualquer momento estava prestes a se tornar escuro sem



ninguém, sem nada, pensamentos tão brancos quanto suas paredes, tão sem clareza quanto a noite na cidade onde há poucas estrelas. Nesses momentos era necessário sair.

Precisava ocupar a mente fora o vazio pior que a raiva e pior que a tristeza, quase tão perigoso quanto a felicidade. Precisava ver pessoas reais com motivos e razões, sentimentos fundados em verdades, em atos, em ações, não fantasias fabricadas pela mente com o único sentido de entretê-la. Todo seu mundo vivia dentro de sua mente, precisava expandi-lo para fora dela.

Na rua transversal a sua um casal brigava, aos gritos a mulher dizia;

"Tu não te sustenta e ainda quer trazer outra mulher pra dentro de casa!" As roupas do homem voavam pela porta enquanto as crianças ainda de uniforme observavam dentro de casa. Um motivo válido para ter raiva.

Dennis pensava o que faria se fosse a mulher, se fosse o homem, mas sua mente voltava para as crianças. Os coadjuvantes dessa briga, quase figurantes, sem voz e sem poder para tomar decisões. Tão irrelevantes para a história de amor e de traição do casal quanto o próprio Dennis e as vizinhas e vizinhos fofoqueiros que quase se jogavam de suas janelas para ter uma visão melhor dos dois personagens. Porém seriam eles aqueles a arcar com as consequências.

Dennis atravessaria a rua e chegaria na próxima, os vizinhos quando tudo se acalmasse fechariam suas janelas, trariam suas cadeiras de plástico de volta para seus quintais, o pai quase sem roupa iria embora



também, acharia um amigo que o acolhesse, mas as crianças permaneceriam com a mãe irritada, a mãe traída, a mãe sozinha. Tão mudos e inocentes pelos atos quanto todos os outros membros do público não pagante desse espetáculo doméstico.

Talvez eles também desenvolvessem raiva mais tarde, do pai que não só traiu a mãe como a eles, da mãe, como muitos outros o faziam, pela vergonha que os fez passar já nessa idade. Talvez não um motivo plausível para ter raiva, mas um motivo com certeza.

Seus passos aceleraram, mais rápidos, mais longos, a vida das crianças se afastando, sua raiva ainda em semente sendo esquecida no fundo da mente de Dennis. Mais pessoas na rua aparecendo, menos paradas, mais andando, olhos cada vez mais presentes, nenhum realmente olhando para ele, mas passando por. Os grandes, arregalados, os pequenos, tímidos, os caídos, os atentos, os bêbados já nesse horário, há pouco os bares abriram, mas isso não faz diferença, não aqui pelo menos.

O cheiro de óleo usado, de carne, de salgados, de camarão, de cerveja, de cachaça dos bares junto com o algodão doce, o açaí, o sorvete das vendinhas pelo meio da praça. Era bastante coisa, bastante gente, para Dennis nesse estágio tão recluso de sua vida era como a *Times Square* no fim do mundo de um subúrbio do Rio de Janeiro. Muitas luzes, muitas cores, gostava de passar por ali em dias de pouca movimentação, mal sabia que dia era esse para o seu azar.

Era um campo minado para achar alguém conhecido, todos se reuniam ali daqueles que já não tinham se mudado, era estranho ver



tantos adolescentes em idade de colégio agora que não era mais um. Eles o faziam se sentir ainda mais desconfortável, mas velho e ainda assim menor, talvez exatamente por esse motivo. Os esquivou, indo para a calçada do outro lado, em direção aos bares. Não esperava, ou pelo menos se convenceu de que não, ver alguém conhecido.

Carlos o viu e pareceu não ter esperado, o que quer que conversasse morreu em sua boca como o vinho que se torna areia. Dennis não sabia quem eram aqueles que com ele estavam e nenhum deles pareciam conhecer ele quando passava. Tanto por um fantasma. Tinha ouvido que Carlos foi um dos mais chocados com o incidente de janeiro com Dennis, sua mãe o disse que ele e sua família tentaram visitá-lo no hospital. No final a única coisa que chegou foi uma carta junto com um caro buquê de flores que Dennis nunca abriu.

Talvez tivesse sido melhor se tivesse morrido do que visto tantas mentiras e recebido tanta pena por sua vida. Desde então não tinha tocado em uma gota de álcool sequer, o vinho devia sentir sua falta muito mais que Carlos e todas as palavras boas, más e confusas que para ele havia falado. Talvez esse também fosse um bom motivo para ficar triste, não para Dennis pois ele não podia com isso menos se importar.

Mas Carlos havia perdido algo também, não? Com certeza se o perguntasse a resposta seria sim ou um texto ainda mais longo que a carta não lida que o entregou junto do buquê já morto. Suas pétalas ao menos serviram para adubar as plantas do quintal. O máximo que um jacinto roxo pode significar para Dennis nesse momento, muito mais que as palavras de Carlos em sua carta.



Continuou a andar para longe de Carlos, para longe da praça, do movimento, do povo. Onde as luzes eram menos claras, as cores menos vibrantes. Agora poderia chamar isso de noite, os postes que variavam de laranja e branco sendo a única luz do seu caminho. Seus lábios secos, sua chave balançando no bolso, contou as moedas que há anos recebia de troco e entrou na padaria.

Tão pouco que quase não rendia, os preços aumentaram demais desde a última vez que esteve aqui e todas as atendentes mudaram. Era o último do balcão, havia esperado por ele, sem falar apontou para o que queria e pagou a atendente, deixando o troco e esquecendo a nota fiscal, para ele nada significava.

Voltou correndo para casa com o saco plástico na mão, a chave no bolso, o lábio seco sangrando da mordida de felicidade em que estava. Esperando por ele, esperando por ele, esperando por ele. Buzinas de carro, quase foi atropelado, o caminho oposto de volta para casa, tudo diferente, dessa vez ao seu redor nada o interessava, estava feliz.

Abriu o portão e o trancou, subiu as escadas e entrou em casa. Deixou o pão doce na mesa da cozinha e foi abraçar sua mãe que cozinava, surpresa ela sorriu.

"Trouxe algo pra você." Dennis disse e como se isso fosse tudo foi para o quarto.

Escuro, mas diferente, seu vizinho havia consertado a lâmpada do quintal que estava há muito quebrada. Luz entrava pela janela, não era o começo de nada, muito menos o final, mas algo dentro do quarto de Dennis mudava.



DESSALGUE

Julia Cussa Peixoto Mello

Sentia a correnteza gelando a sola dos meus pés à medida em que me aproximava das pequenas ondas. O cheiro salgado da maresia acalentava um pouco o sentimento ruim que já fazia parte de mim, porém, meu coração continuava acelerado. Pensei em olhar para trás por precaução, mas a vista dos prédios frios já com suas luzes apagadas, a fumaça que descoloria todo o ambiente e as ruínas que o ser humano havia deixado não se comparava em nada com a vista das formosas ondas que se levantavam ao fundo da baía. Nenhuma luz visível, nenhuma vida sequer, apenas as águas escuras que ainda carregavam um aspecto natural com o qual já não estava acostumado.

Lembro-me de quando não era incomum pessoas se reunirem na areia da praia. Um semicírculo, um violão e vozes para acompanhar uma melodia já obtida através de um conhecimento vulgar, eram o suficiente para garantir a diversão. Serei incapaz de retornar àquele tempo. As relações já não eram as mesmas. As prioridades concentravam-se em sobreviver. Já conseguia respirar normalmente e sentir um pouco menos a angústia que me assolava. Por um momento, um sentimento de pertencimento. Meu corpo fazia parte daquela cena que recriava em minha cabeça enquanto encarava o mar. Lembrei-me do sentido de estar aqui, do nosso papel nesse ciclo imenso e equilibrado. Recordei-me do quanto deixamos o ego nos guiar até o presente fim.

O formigamento na sola dos meus pés não me impedia de continuar avançando. A água salgada já cobrira minha canela, quando



ouvi um barulho ao fundo que me fez gelar a espinha. Uma turbina. Penso em me esconder, mas chego à conclusão de que seria tarde demais. Encaro aquele céu avermelhado como uma casca de cereja e uma luz invade minha retina. A corda de rapel pairava perto da minha cabeça enquanto homens com trajes pesados a desciam.

Olhei com ternura pela última vez aquela vista espetacular, sinto a brisa da maresia acariciar meu rosto. Nada tiraria de mim aquele momento. Ouço um estrondo antes de tudo escurecer, seguido das seguintes palavras:

“Foi identificado contato com a água contaminada”.



A ESSÊNCIA DO RIO DE JANEIRO

Juliana da Silva Ferreira

Caminhar pela cidade do Rio de Janeiro pode revelar diversos Rio de Janeiros dependendo do ponto de vista de quem caminha. Um turista, por exemplo, sempre enxergará a cidade com deslumbramento. Sua experiência com a cidade é cheia de vida, de alegria e todo o clichê da cidade maravilhosa: o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, o samba, o carnaval, as praias, as paisagens de tirar o fôlego, o contraste entre as favelas e os bairros de novela, e o próprio jeito carioca, tudo isso no meio do caos, porém, é um caos alegre, que diverte, seduz e conquista. Já para um morador da cidade, a experiência é totalmente diferente, aliás, diferente também entre os próprios moradores da cidade. Podemos classificá-los em duas categorias distintas: suburbanos e moradores da zona sul. Porém, todos são cariocas. Para um carioca, caminhar pela cidade tem sempre um motivo. Ninguém caminha só por caminhar e, se for apenas uma caminhada, o objetivo pode ser por saúde física, não caminhamos para observar, estamos sempre indo a algum lugar fazer alguma coisa. O caos da cidade é tão inerente que nos acostumamos a ele, ele se torna confortável até. Assim, com a rotina, entramos no modo automático e nada à nossa volta nos chama mais a atenção, como uma espécie de torpor. Todos os dias vivenciamos uma excentricidade, o que no começo é algo chocante, mas com o passar do tempo, se torna comum. O torpor, eu diria, é algo que precisamos para sobreviver na cidade e no caos. Dito isso, o carioca por vezes se choca com algo que o tira do torpor. Nesses momentos fugazes, uma imagem, um som, uma



cena ou um acontecimento qualquer chamam a sua atenção e geram nele um sentimento. O sentimento de contemplação, de aquilo ser tão absurdo que ele ou se sente parte daquilo, ou se sente extremamente escandalizado, ou os dois ao mesmo tempo. A cidade do Rio de Janeiro é muito complexa, tem muita coisa boa e também tem muita coisa ruim e estamos todos tentando sobreviver nela, cada um na sua luta diária, nesses momentos de contemplação do absurdo e da comunhão com ele, encontra-se a verdadeira essência da cidade. Por isso, para efetivamente conhecer a verdadeira essência da cidade, o observador que caminha por ela, precisa encontrar um equilíbrio entre o deslumbramento do turista, onde tudo que vê e vive é extraordinário, e o torpor do morador, que está acostumado a toda excentricidade.

Eu morei no subúrbio carioca desde que nasci. No subúrbio, a vida anda mais devagar, todas as pessoas do bairro se conhecem e vivem uma vida cotidiana simples, sem grandes mudanças, eu sempre estranhei o fato de que ninguém se incomodava por fazer a mesma coisa todos os dias para sempre. Quando eu comecei a trabalhar no centro da cidade, eu vivi a experiência de quase todo carioca suburbano que trabalha longe e depende de transporte público para se locomover. Pegar ônibus, trem e metrô lotados - e sucateados - todos os dias muda a vida de uma pessoa. No começo, você fica perplexo com a rudeza das pessoas e se sente superior àquilo tudo. Conforme o tempo vai passando, você vai se tornando parte daquilo porque você também está cansado depois do trabalho e também quer um lugar para sentar-se no trajeto de uma hora e meia para casa. Aquilo vai se tornando parte da sua rotina e você



nem se importa mais com o vagão lotado, o ar-condicionado quebrado num calor de 40 graus, os ambulantes passando entre as pessoas e gritando seus produtos, nada disso incomoda mais, até que o trem quebra entre duas estações e você tem que descer e ir caminhando em plena linha do trem até a próxima estação. Nesse momento, você acorda do torpor e sente um misto inexplicável de sensações, cansaço, humilhação, desespero, raiva..., mas então sente também união, com as pessoas que estão na mesma situação que você, e consegue até se divertir com a absurdidade do momento que está vivendo. Essa complexidade de sentimentos controversos e a habilidade de contemplá-los num momento inimaginável é onde reside a essência de se viver na cidade do Rio de Janeiro.

Depois que eu saí do subúrbio e fui morar na Lapa, o bairro mais boêmio da cidade, eu vi e vivi diversas situações completamente inimagináveis que só poderiam acontecer no Rio de Janeiro. Uma vez, eu estava passando pelos Arcos da Lapa e aconteciam três eventos ao mesmo tempo: uma fila gigantesca para um show de metal no Circo Voador com muitas pessoas vestidas de preto e, em menos de cem metros à frente, um culto evangélico com louvores e pregações, e do outro lado, como se formasse um triângulo, uma roda de baianas para uma cerimônia de umbanda. O que mais me marcou foi ver como todos estavam ali se respeitando mutuamente. Na Lapa, há a maior concentração de bares, restaurantes e boates da cidade, estabelecimentos de todos os estilos - do mais humilde ao mais requintado - e pessoas de todos os tipos transitam por ali. Lá, por entre as ruas Mem de Sá e



Riachuelo paira uma atmosfera de descontração como em nenhum outro lugar, não importando a hora do dia. Todas as vezes que eu ia fazer compras no mercado e passava por ali, eu observava as pessoas nos bares conversando, dançando, rindo, às vezes sozinhas refletindo, e isso me fazia pensar que o carioca está sempre encontrando meios de parar, mesmo que por pouco tempo, a rotina caótica em que vive, para se distrair e assim nunca deixando de encontrar um alívio fugaz para sobreviver no Rio de Janeiro.



UMA ESCRITA E VÁRIAS VOZES

Izabelli Cristine Aguiar Barbosa De Azevedo

Flâneur:

Na crônica do João do Rio, A Rua, o flâneur é um vagabundo, mas um vagabundo que reflete. O cotidiano das ruas da metrópole são seu objeto e os bares e cafés são o seu escritório.

O alarme dispara tão forte quanto o acelerado que sua mente sempre está. Seus olhos abrem rapidamente, o corpo se levanta como uma máquina na fábrica já programada para repetir os mesmos movimentos até ser desligada. Vai ao banheiro, nem se olha no espelho para não deixar o peso afetá-la logo cedo, gira a torneira e deixa a água gelada cair em seu corpo por inteiro como se aquilo fosse a esperança de que talvez aquele dia pelo menos fosse ser “perfeito”, isso é o que ela emanava ao sair pelo portão de casa.

Até o caminho para a estação, enquanto descia pelos becos da favela onde reside, a sua mente não consegue pensar em outra coisa senão os problemas em casa e como vai tentar resolvê-los assim que voltar do trabalho. Ela observa a fome e miséria que fazem parte do seu cotidiano já de uma forma revoltante, porém conformada, pois todos os dias na real são sempre iguais e talvez nada mude. Seus vizinhos, a olham com orgulho indo trabalhar todos os dias bem cedo de manhã, como quem diz “Quem corre atrás consegue tudo que quiser!”, mas ela mesma não via dessa forma. Se questionava todas as vezes quando teria que parar de andar para algum lugar, quando poderia ir em direção a algo que realmente quisesse, suas pernas não aguentavam mais correr



para pegar o trem para depois correr até o metrô e logo após andar mais até chegar no hotel onde trabalhava.

Após quarenta minutos de espera, quando finalmente o trem chega, ela empurra os que já estão dentro para conseguir um pequeno espaço e como porcos num chiqueiro ela fica ali quietinha meditando em seus pensamentos, se orbitando. Subseqüentemente, passam-se duas estações então entra uma amiga a qual as duas sempre se encontram nesse mesmo horário e vagão para irem juntas ao trabalho, ela e Carmen são grandes amigas de trabalho como também, ironicamente, de caminhada, como costumavam dizer. Carmen percebe que sua querida amiga não parece estar muito bem e assim pergunta o que tanto afligia ela naquela manhã e ela responde desabafando:

_ Carmen, eu estou lendo um livro bem interessante que uma passagem dele me deixou um pouco intrigada. - ela olha pela janela e vê percebe que ainda faltava para chegar a Central do Brasil e assim prossegue com seu pensamento - nela dizia assim *“E acho que, quando gostamos de ser quem somos é, um sinal de felicidade”*, você gosta de quem você é?

_ Amiga, eu acho que gosto sim de quem eu sou..., mas eu não entendo o porquê desse pensamento, como chegou nisso?

_ Às vezes sinto que estamos tão no automático e não percebemos nem se quer o tempo passar. Isso fez eu me questionar de como eu posso saber se gosto de quem sou se nem assimilar o que faço todos os dias na minha vida monótona eu consigo. Carmen, será que caminhar até o trabalho e voltar para casa será o nosso “sinal de



felicidade”? O mundo não para por causa dos nossos problemas, mas sinto que temos sempre que andar depressa para conseguir acompanhar a correria que é o mundo, não acha essa troca injusta? Não quero mais viver dessa forma, sem rumo nenhum, não aguentando mais a cada passo. Tentando conciliar meus questionamentos existenciais com uma vida profissional instável que me sufoca, péssimo transporte público e relações afetivas desastrosas.

_ Olha, querida, talvez esteja muito cansada por conta dos problemas com Reginaldo e está começando a imaginar coisas. Pare de pensar tanto! Isso é só a nossa rotina, faz parte da vida, o que mais você pode fazer? Largar tudo? Viver debaixo de nenhum teto?

_ Não tem nada a ver com ele, minhas crises existências não são baseadas nas consequências das atitudes de nenhum homem...só penso que...talvez no fundo, bem no fundo todos nós poderíamos ser bem mais do que essa rotina e essas tais “obrigações” que na real o dinheiro nos obriga.

Segue ela e sua amiga Carmen então para a mesma rotina de sempre, como máquinas já programadas numa fábrica, para o mesmo serviço...



AGOSTO NO RIO DE JANEIRO

Marcelo Barbosa Rebello

A manhã está fria em mais uma sexta-feira de agosto no Rio de Janeiro, sigo meu caminho diário. São esquinas, ruas, vielas e avenidas conhecidas a muito tempo, algumas eu sei o nome, outras não. Ao sair portão afora, vejo alguns vizinhos, os cumprimentos, mas não sei seus nomes e nem suas profissões, nem o quanto estudaram ou crenças. Alguns vão buscar o pão nosso de cada dia, as padarias estão ativas, o café pingado, a média para outros. Mas quase todos querem o pão fresco, queimando as mãos de tão quente. Vivemos em contradição. Hoje o ônibus veio rápido e logo chego ao meu destino. Tijuca. Bairro mais espetacular que existe no Rio de Janeiro, suas ruas com lojas, bancos, óticas, bares, lanchonetes, salões de beleza e supermercados. Em alguns prédios há consultórios médicos e dentários, advogados e arquitetos, contadores e lojas de mágica. Se procurar bem, podes encontrar serviços dos mais diversos para pessoas com corações tristes e solitários. Suas galerias ligam uma rua a outra, oferecendo produtos e mais produtos. Ao entrar em uma delas, a lojista te atenderá com um sorriso no rosto, não sem antes o escrutínio para saber se és um cliente ou apenas um curioso que não vai gastar. São pessoas, são negócios, são lojas, são serviços. Não preciso da maioria deles, mas lá estão eles. Esfregando na minha cara o quanto eu preciso de bugigangas desnecessárias. São amigos interesseiros que nunca vi antes, só querem garantir o faturamento e bater a meta de cada dia. Em cada fachada bonita, um ser miserável e sujo está sentado querendo ser visto e



atendido como os outros. Na ebulição urbana há os visíveis desconhecidos e os invisíveis constrangedores. Alguns vendem balas, outros querem engraxar os sapatos, algumas mães pedem com crianças no colo algum trocado em nome da piedade e misericórdia. Falando em misericórdia, a Paróquia do Sagrado Coração está ali, mas sagrado para quem? Não para esses que são mais invisíveis do que eu. E quantas igrejas, seitas, confrarias, centros espíritas e outras instituições da fé esse bairro abriga? Parece-me que podemos colocá-los todos na categoria SERVIÇO.

Onde por uma módica oferta em dinheiro é possível adquirir as bem-aventuranças do mundo espiritual. É um bairro privilegiado, tem muitas opções de transporte: Metrô, ônibus, táxis, ubers e até mototáxi. É fácil chegar, é fácil sair. Muitos prédios para moradores orgulhosos e algumas casas, poucas sobraram. Apesar dessa imponência arrogante, o bairro está cercado por comunidades carentes, feias e violentas. Essas comunidades periféricas são fornecedoras de mão de obra barata, muitos trabalhadores das lojas e domésticos vem desses ambientes que não deveriam existir, não ali nas fraldas da Tijuca, poderiam estar localizados em outros bairros menos glamurosos como Bangu ou Senador Camará. Agora eu chego perto do Shopping, sua entrada imponente com seguranças sisudos diz sem emitir nenhum som para os maltrapilhos “não-povo”, “Vocês não podem entrar no templo do consumo!”. Eu entro, eu posso entrar, sou povo, sou invisível, mas sou consumidor. Tenho cartão de crédito que me permite esbanjar e me endividar dez vezes sem juros.



O *shopping* é uma cidade dentro do bairro, mais lojas, mais serviços, o ar não é fresco e nem poluído como das ruas tijuicanas, é filtrado e refrigerado. O Rio de Janeiro passa a ter clima de Petrópolis. Tudo é bom no *shopping*. Após voltas e mais voltas em um círculo sem fim, não saímos do lugar. Todas as pessoas são estranhas, algumas me olham com desconfiança, outras com admiração. Porém a maioria não me vê, sou apenas mais uma pessoa sem identidade, sem rosto e sem alma. Hora do almoço. Buscar o lugar para almoçar é uma aventura. São muitas opções com preços variados e qualidades duvidosas. Aproveito e olho as barracas na Praça Sans Pena. Temos acessórios de couro, pulseiras, roupas íntimas e artigos de bazar. Não sabemos a procedência e não há nota fiscal. Mas a forma como os comerciantes agem não é diferente de como os lojistas fazem. Sorriso no rosto e a análise rápida do possível freguês. Mais um dia de trabalho se foi, chegou a hora de voltar. Anoi-teceu, Tijuca com seus muitos bares e restaurantes ferve. Um caldeirão de gente misturada. Mulheres balzaquianas querem homens, estão desesperadas por atenção, amor e talvez sexo. São muitas mulheres se oferecendo, “mais cerveja para perder a inibição” e nesse jogo de caçar e ser caça, suas vidas tristes e vazias encontram algum conforto passageiro na noite de sexta. Os homens querem sexo fácil e grátis, mas a competição é pesada. As tijuicanas mais bonitas são as mais disputadas, não basta ser belo, não basta ser charmoso. O tilintar do chaveiro com a marca que um carro caro ajuda nessa hora. As roupas de marca compradas no shopping são ótimos chamariz. A sorte está lançada. Como em uma pesca esportiva, que todos querem o peixe



maior, quase sempre quem ganha é quem tem as melhores iscas. Está na hora de voltar, a cidade não dorme, mas para alguns como eu, o horário da condução marca o horário de voltar para casa. Alguns dormirão por ali mesmo: nos motéis, nos apartamentos, alguns em casa, mas muitos ficarão e viverão ali, nas ruas, esquinas e vielas do bairro mais chique da zona norte.



RIO DE JANEIRO, UM DIA QUALQUER DE UM MÊS DO ANO DE 2023

José Maria Gomes da Silva Júnior

Desde que fora despedido do seu último emprego por conta de uma vaga que conseguira em uma faculdade pública, sua vida tinha se tornado bastante pacata: acordava cedo, tomava seu café, estudava, ia para a universidade, voltava para casa, dormia e iniciava esse ritual novamente no dia seguinte. Nos primeiros dias, transbordava de gratidão por tudo aquilo que estava vivendo e por isso tentava aproveitar ao máximo toda aquela experiência, porém, com o tempo, começou a sentir uma certa estranheza em relação a tudo aquilo.

Assim como todo movimento de mudança que surge repentinamente na vida de qualquer ser humano, tudo aquilo começou a causar uma certa estranheza. Nos últimos dias, vinha tomando gosto pela observação das coisas ao seu redor devido ao tempo livre que tinha rotineiramente. Essa atitude, surgida do desassossego, não era leviana ou surgira espontaneamente, mas era fruto das situações as quais se submetia e ao somatório de forças que não lhe era permitido o controle. Detestava ser ou parecer mal-agradecido por todas as conquistas que teve até aquele momento, mas também odiava não ser sincero consigo mesmo a ponto de ignorar aquele sentimento que andava de mãos dadas com ele cotidianamente.

Por várias vezes tentou compreender o âmago da coisa, mas não obteve sucesso. Conforme iam passando os dias, a situação agravava-se a ponto de não conseguir mais se concentrar em seus estudos e



continuamente perdia-se em seus pensamentos. Quando estava imerso no caos e com os pensamentos em níveis altíssimos de negatividade, decidia sair e dar uma volta nas ruas de onde morava. Não era o melhor dos passatempos, mas funcionava para afastar aquela coisa estranha que vinha sentindo.

Esse *hobby*, se assim pudesse chamar aquilo, fez com que se habituasse a reparar no local em que vivia: Perto de um dos becos de sua casa sempre tinha um vendedor de óculos e acessórios junto com seu filho; os bares, mesmo no horário da manhã, sempre tinham clientes em vários níveis de embriagues; mais ou menos por volta das dez e meia da manhã, o caminhão do hortifruti abastecia a loja que fica próxima a principal via de sua comunidade; a noite, sempre tinha gente na rua e as barracas de lanche sempre estavam lotadas de gente; os garotos, que trabalhavam nessas barracas, sempre estavam comentando sobre as “manobras sexuais” que praticavam com as garotas com que se relacionavam (gerava estranheza o fato de alguém se interessar por qualquer um deles). Mesmo que nunca parasse ou trocasse nenhuma palavra com algum deles, considerava-os seus colegas. Aquele exercício era sua terapia matinal e eles, mesmo sem saber, faziam parte de todo o processo de ajuda.

Porém, como tudo na vida, as coisas começaram a mudar mais uma vez. A comunidade onde morava era comandada por milicianos e, recentemente, criminosos de facções rivais começaram a tentar tomar o controle daquela área. Fotos de homens armados, corpos desovados e boatos de invasão eram constantemente enviados para ele via redes



sociais. Não existia mais horário seguro. A todo momento surgia um novo boato de que um corpo foi largado sem a cabeça em determinada área, que homens fortemente armados estavam circulando pela comunidade ou que membros de facções criminosas estavam ameaçando invadir.

Em meio a toda essa mudança repentina, sua terapia teve que mudar. Não era mais seguro passear por qualquer local ou a qualquer hora como fazia antes, a liberdade que tanto gostava virara artigo de luxo. Dentro dos limites, tentou lidar com seus pensamentos turbulentos trancado na segurança de sua casa.

Em um dia como outro qualquer, por volta das três e meia da tarde, ouviu barulhos de tiro enquanto se arrumava para a faculdade. Por um momento, pensou que poderia ser algumas bombinhas lançadas pelos seus vizinhos, mas em poucos minutos recebeu a notícia de que haviam matado um rapaz perto do beco de sua casa. Em tempos passados, acontecimentos como aquele gerariam uma onda de reflexão gigantesca de sua parte, mas devido a tudo que vinha acontecendo, acabara por se acostumar com a presença da morte. Desejou uma boa passagem para o morto e continuou a arrumar-se.

Na saída de seu beco, se deparou com um aglomerado de pessoas. Olhando mais atentamente, reparou em um pedaço de lona azul cobrindo a forma do que um dia pode ser sido uma pessoa cheia de sonhos e metas. O cadáver estava caído próximo a barraca de óculos e acessórios que passava em suas andanças. Em meio aquelas pessoas, estava o filho do vendedor que tinha presenciado toda a ação... pobre



garoto! Olhou mais uma vez para a barraca e uma curiosidade tenebrosa veio a sua cabeça: será que algum desses óculos se sujou com o sangue desse indivíduo? Parando por um segundo, teve noção do absurdo que havia pensado e pediu perdão a Deus.

Prosseguindo com sua observação. Percebeu que nada em volta comungava com aquilo. As pessoas estavam indo para os seus trabalhos, os bêbados estavam tomando sua cerveja e o pessoal do hortifruti trabalhava normalmente. Por um momento começou a indignar-se com a falta de humanidade das pessoas e culpou as redes sociais por isso (por mais que não fizesse o menor sentido aquela acusação no momento). Próximo a ele, uma senhora balançava a cabeça continuamente. Falava, mesmo sem ninguém perguntar, que chegara ali quando o rapaz ainda se encontrava agonizando.

Não aguentou mais toda aquela áurea de morte e saiu em direção ao ponto de seu ônibus. No meio do caminho, avistou a sua prima e resolveu informá-la do que havia acontecido e sugeriu que tomasse cuidado. Em meio a risos, ela consentiu e continuou o caminho que seguia. Toda aquela apatia lhe assustava.

Assim que pegou seu primeiro ônibus, pôs seus fones de ouvido e tentou continuar a focar em seus problemas. Por mais que estivesse incomodado com toda aquela situação, aquilo não era nada mais do que um dia qualquer de um mês qualquer daquele ano. Após se dar conta que não podia fazer nada para mudar aquela situação, deu play em seu aplicativo de música e começou a tentar relaxar.



MAIS UM DIA DE AGOSTO

Raphael Miguel da Silva

_ Bom dia! Bem, prefiro acreditar que seja um bom dia. Apesar do que, o que me resta é a esperança em mais uma rotina de trabalho.

Ah! O trabalho. Mas que trabalho mais complicado. Que rotina de atendimento repetitiva. Que mesmice cotidiana. Às vezes acredito estar em uma vida que se comporta como um barco à deriva, em um mar sem movimento, sem vento para mover a embarcação.

Acordo de manhã bem cedo, levanto, escovo os dentes, bebo meio copo com água – não bebo mais para não dar vontade de ir ao banheiro dentro da condução -, assisto um pouco as notícias, tomando café da manhã e logo em seguida sigo em uma caminhada até o ponto de ônibus. Essa caminhada não é tão simples, pois para compensar meu sedentarismo caminho a passos apressados com a intenção de queimar calorias, acreditando desta forma que contribuo para uma rotina fitness, ou me enganando.

Mas de qualquer maneira, todos os dias de manhã ao sair de casa encontro o vizinho aposentado que para ter uma rotina sempre caminha dando voltas pela praça e sempre o encontro vindo a minha direção, que exclama em som retumbante:

_ Raphael, está atrasado!!! Ele fala isso em tom de brincadeira, mas eu respondo a mesma pergunta com a mesma resposta:

_ Eu vou já no ritmo *fitness*!

Fico a pensar, como eu estaria atrasado, já que chego com duas horas de antecedência do horário de trabalho. E há motivo para isso.



Sou metódico. Não posso quebrar uma rotina, funciono tão bem com ela. Acordo às 05:20 e já às 06:00 da manhã estou descendo para chegar ao ponto final das vans com destino à Pavuna e assim, pegar o metrô.

E já para pegar a van é uma questão. Gosto de ir sentado em um lugar específico da van, e eu pego ranço de quem se senta no “meu lugar”. Por que vai se sentar no meu lugar? Isso me faz pensar em ser político, para criar uma lei que estabeleça que ninguém sente no meu lugar na van e no metrô. Apesar que no metrô, depois que entra, é sorte colocar o pé no chão e quando se sai desse metrô, não se sai, mas se é expelido como que um movimento peristáltico, sendo que o passageiro é o produto fecal.

Lá vai eu adentrar mais um dia no terceiro vagão do metrô, de trás para a frente. Não sei o porquê, mas sempre escolho este vagão. Sinto-me confortável nesse lugar específico, próximo a porta e do lado de saída da estação que eu solto. Minha entrada no trem segue um sistema logístico, com toda uma estratégia que facilite não somente minha entrada, mas principalmente, minha saída na estação desejada.

E nesse coletivo encontro rostos conhecidos, não que eu os conheça de fato, pois nem os nomes eu sei. E a impressão é que uma galera fixa sempre pega o mesmo vagão e no mesmo horário, mudando em centímetros suas respectivas posições.

Fecham-se as portas ao som de alerta para se ter atenção que as portas estão sendo fechadas. Que som difícil de se acostumar! Um piii!!! Estridente. E assim com o povo todo acomodado, o trem parte e para cada parada nas estações seguintes encho-me de espiritualidade e oro a



Deus para que não entrem no “meu vagão”. Clamo ao senhor para que não encha mais do que já está. Que sofrimento! E lembro que houve viagens, em tempos que eu não tinha maturidade para andar de metrô, que eu não conseguia colocar os dois pés no chão, pois não tinha chão disponível.

Com o passar do tempo, percebi que em alguns locais específicos do vagão havia uma densidade demográfica mais intensa e outras menos povoadas. A parte da porta sempre é a mais densa de pessoas, enquanto no meio do vagão há mais espaço a ponto de alguém poder se dar ao luxo de mexer no celular.

Certa vez, em um desses dias em que o vagão estava como de costume entupido de corpos diversos, vivenciei uma experiência nova e completamente diferente de todas as experiências que já havia tido até então. Devido a aglomeração, é bem comum não haver espaço entre as pessoas e os indivíduos se encostam, sem maldade, pois não há como evitar tal situação. E foi nessa conjuntura que essa coisa diferente aconteceu. Estou acostumado que eu seja encoxado no transplante público, mas até então sempre sem nenhuma surpresa. Naquele dia algo diferente aconteceu. Como de costume estava no lugar que é "meu por direito" e em alguma estação, que não me recordo qual, um passageiro adentra ao veículo e se posiciona atrás de mim. Até aí, nada de diferente. Mas com o balançar da condução e as repetidas freadas dadas pelo maquinista, algo incomum aconteceu. De repente, sinto alguma coisa tomar volume atrás de mim. Algo grande, muito grande. Mas pesava eu que fosse um braço, uma perna, uma mochila pelas dimensões que eu



sentia, entretanto só tive noção do que se tratava quando chegou a estação de descida.

O pobre brasileiro não tem um dia de paz.



PAVÃO PAVÃOZINHO E CANTAGALO

Nicolly Costa Martins

Atento-me ao relógio na parede, já são 15h em ponto, o sol do Rio de Janeiro ainda brilha intensamente, lançando seus raios sobre os becos e casas da favela. Saio de casa esperando minha vizinha que mora logo abaixo do meu prédio. Juntas, descemos a “escada colorida”, conhecida assim como ponto de referência por ser toda pintada, passando pela padaria que sempre exala o mesmo aroma irresistível de pão doce. A ladeira do morro, com suas marcas e cores, revela a cada passo a ausência do estado, as lixeiras transbordam pois a Comlurb só passa uma vez na semana para recolher os lixos, a fila do postinho é grande e quase nunca tem médico o suficiente, as valas são a céu aberto e o cheiro não é tão agradável, é impossível não notar como a estética do lugar é afetada pela falta de atenção do poder público, porém tem a parte “boa” e bem nostálgica para mim, com as crianças brincando descalço e rindo no meio da rua, o diferente tipo de gosto musical com o som ligado que sai de diferentes casas, cada marca contando uma crônica própria da vida aqui. Mais à frente, vejo a escola "Solar meninos de Luz", onde estudei, um lugar que, em meio à realidade dura da comunidade, oferece uma oportunidade e leva como lema “educar para libertar”. A ladeira é repleta de bares e nunca falta clientes, mas não se compara com o fim de semana cheio, que proporciona uma forma de lazer e união entre os moradores. Ao chegar no "pé da ladeira" podemos ver os meios de transporte que existem para subir a comunidade; kombi e mototáxi, que é bastante utilizado depois de um dia cansativo de



trabalho ou para facilitar com o peso das compras de supermercado, fazendo chegar mais rápido em casa, porém não é barato e nem todos tem acesso. Em mais ou menos 10 minutos de trajeto, estou no ponto de ônibus na rua Nossa Senhora de Copacabana, uma avenida que corre paralela à praia de Copacabana, as ruas são planas e bem iluminadas, sendo um bairro bastante privilegiado da zona sul por se concentrar vários tipos de comércio; lojas de roupas, supermercados, farmácias, restaurantes, bancos, salões de beleza e outros. Espero pelo ônibus 457, que me levará até o Maracanã, passando pelos bairros; Botafogo, Laranjeiras, Santa Teresa, Cidade Nova e São Cristóvão, cada um mostrando sua própria estética e contando sua própria história. No ônibus, enquanto observo a paisagem, reflito sobre a minha cidade, o barulho do trânsito, os camelôs nas ruas, as situações cotidianas que revelam a dura realidade de muitos de nós, cariocas, e de muitos necessitados esquecido pelo sistema tentando de alguma forma sobreviver. Lembro-me dos confrontos, dos momentos de tensão e da luta diária, nunca é fácil morar em lugar periférico, mas a gente luta tentando, a insensibilidade do mundo lá fora é notável, mas dentro de mim e de outras pessoas, a resiliência e a esperança são ainda mais fortes. Depois de 50 minutos de trajeto desembarco no Maracanã, na rua São Francisco Xavier, vejo a UERJ e sinto uma mistura de gratidão e determinação. Sei que cada aula, cada aprendizado é uma conquista. e apesar dos desafios, acredito que a educação é a chave para um futuro melhor. Com essa convicção, sigo minha jornada, carregando comigo as histórias da minha favela Pavão Pavãozinho e Cantagalo.



MESA TREZA

Murilo Ruy de Souza Menezes Almeida

Algo devia estar errado pois eu mal acordava de uma soneca no trabalho e já estava escutando o metre chiar. Alguma coisa sobre a mesa treze estar fora do lugar e sem *buffet* preparado não dava para reabrir para a tarde. Não é problema meu, não trabalho à tarde, mas não podia falar isso então fui lá com os cacos do meu corpo ajudar quase simbolicamente de tão exausto.

Liberado as duas da tarde como de praxe eu tinha perdido o ônibus, o mesmo que devia passar as duas, mas certamente o motorista do dia estava com pressa para almoçar. Não julgo, mas acho antiético. Dobrei o uniforme, guardei minhas coisas e fui a pé para o outro ponto. Esse outro ônibus me deixou longe de onde moro, mas dá para ir o resto do caminho a pé. Subi a escadaria do morro, dessa vez, comi o que sobrou do outro dia e me arrumei para a faculdade. A roupa não foi passada, mas também não há norma de vestimenta. Acontece, nem todo dia foi feito para ser vencido.

Na faculdade é diferente, no trabalho todo mundo está ralando e você precisa por comida na mesa, você ri com os clientes e com os outros garçons, as vezes prepara um prato pra mostrar serviço e debocha do cozinheiro. Todo mundo sabe a dor um do outro, mesmo assim as vezes puxam os tapetes e acontece uma dança de cadeiras. Na faculdade não.

Lá ninguém puxa tapete, ninguém liga para o que você fala, mas isso é meio ruim, lá é onde estão as pessoas mais amadas, lá é onde as



coisas deviam fazer sentido, mas é um monte de gente mais bem de vida do que eu quase tendo algum tipo de exposição psicológica com Burnout. No pedaço que eu tenho que ir andando até lá eu via vários anúncios de show na mureta da estação São Cristóvão. Eita que saudade eu tenho de ir em um sambinha meu Deus! Só fim de semana que eu descanso agora.

Chegamos, agora sim posso falar que o pior dia de todos ainda está por vir. Eu já ouvi pessoas falarem que caminhando na cidade a noite elas se sentem melancólicas, por Deus, que isso nunca aconteça comigo, é o único momento em que sinto paz. É menos ansioso andar pela rua, é menos desgastante estar com desconhecidos, não existe o medo de que o compromisso trás, eu não preciso temer estragar tudo que vai bem, digo, o que me resta de algo que vai bem.

Eu podia pelo menos ter um sofrimento esteticamente cinematográfico, mas um dos elevadores está quebrado, vou chegar no meu andar espremido por pessoas três vezes maiores que eu e com alguém certamente levando uma mala lá pra dentro. Dito e feito, é exatamente o que aconteceu. Entrei no elevador e de repente meu corpo enfraqueceu, sinto que consumi um terço das proteínas que preciso para sobreviver.

Eu não sei mais o que é bom, não sei mais ser feliz, não consigo compreender qual a necessidade de o metrô estar tão lotado justo no dia em que eu tinha que ir buscar minhas coisas na casa de mais uma pessoa que não era a certa, alguém passou com um saco de lixo e deixou uma



latinha cheia de chorume cair na minha mochila e eu acho que é proposital, não da parte do rapaz, mas da parte de Deus.

Não há nada mais angustiante que uma interação incompleta, não a interação ruim, na verdade as interações “mais ou menos” me fazem refletir sobre o quão ruim uma interação ruim realmente é. Muitas vezes ela é, somente uma briga, ela é produtiva, ela leva você a colocar coisas para fora. Mas interações idiotas como as que tive hoje, não, elas não servem para nada, na verdade eu acho que as outras interações riem delas na hora do recreio.

No final do dia, falando com a pessoa que secretamente amo, tive que me despedir antes de concluir. Me chamaram para um afazer. Eu tinha que fazer um trabalho, imprimir uma parte de um projeto, sei lá, acabei não o fazendo de tanta ansiedade. Isso deixa tudo pior, aquela conversa horrível se deu atoa. Eu poderia agredir quem me chamou, mas também amo esse meu amigo e saber que ele me viu com tanta má vontade não fazer o combinado é ainda mais um motivo para a tamanha irritação.

Você sente a garganta secar e a saliva embrulhar a boca, exaurido pelo cansaço de um dia de trabalho, de estudo, coloca toda a sua energia restante na esperança de ao menos chegar em algum lugar com alguém, jogar um papo fora e fazer algo que te faça bem.

Depois de perder o ônibus, chegar cansado no ambiente, depois do seu corpo sentir os reflexos do seu trabalho árduo repetido como nunca dia após dia, mesmo depois disso tudo você não é recompensado com o sorriso de quem você ama, na verdade é sorumbático o momento



em que você termina de falar, é doloroso estar perto de quem te ouviu, é uma crucificação a resposta.

Talvez você não tenha entendido o que eu disse, que dia tão ruim é esse que está por vir, então vou resumir: o pior dia de todos é aquele que se vive igual todos os dias, e nada muda, no máximo te dá um tempo. Nada é muito gostoso de se falar, nenhuma palavra faz bem dizer, não existem muitas razões para ficar feliz, não existem razões sequer pra tentar ou querer ser feliz.

No final, tudo acaba igual. Ir dormir e tentar se convencer que só deu errado por causa do cansaço, pedir pra Oxóssi acertar uma flechada e sua vida voltar a ser feliz. No fim é ter esperança no próximo dia e quase sempre se decepcionar.



ENSAIO PARA SER UM FLÂNEUR

Max Luciano dos Santos

Segunda-feira 03 horas da manhã me ponho de pé para partir, daqui preciso me ir a trabalhar. Uma cama quase vazia nem sequer um bom dia. Precisei ir à padaria e já eram quase 04 horas da manhã, quando as pessoas saíam “bom dia vizinho, bom trabalho, boa semana”. E a fila da padaria enchia, e enquanto o pão saía quentinho, sorrisos. Chegando em casa parecia que ali apenas o silêncio existia, pois era o que ele mantinha pela eternidade em que dormia. O alarme desperta e já é a hora de saímos para trabalhar, nem um bom dia, nem um sorriso, mas sim uma frase que pegou até mesmo todo universo de surpresa: “não dá mais para nós, acabamos aqui”. Nem um sorriso, nem um bom dia, nem “dormiu bem meu bem?”. Chegávamos ao fim daquela relação. Ao irmos para o ponto de ônibus, nos deparamos com ambos pegando caminhos diferentes, um para a esquerda e o outro pela direita. Nosso primeiro adeus do dia, sem choro, sem lágrimas, sem tentativas de impedir o que já estava ali “o fim de nós”. Céus! Céus! Por que está começando a chover agora? Era a única frase que vinha em minha mente. Os céus choravam sobre nossas cabeças, marcando aquele momento: a ruptura de nós. Seguir viagem era a única opção. Minha última viagem naquele horário, naquela linha, foi o começo de um adeus e meu reencontro com as ruas. Quem me via no ônibus inicialmente dizia “olha lá o moço está triste”, quem falava comigo e me via sorrir dizia “moço que sorriso lindo”, teve aqueles que ficaram a me observar a distância tentando me decifrar, como também fiquei a observar



aqueles e aquelas que ali estavam. No início parecia um enterro aquela viagem, até que o motorista ligou sua vitrola e nos concedeu canções de 90's que remontavam um passado bem distante, uma nostalgia invadia a todos naquele ônibus. Havia os que cantavam, os que dormiam, os que reclamavam, os que mexiam em seus aparelhos telefônicos, e havia eu que estava ali observando a vida passar na minha frente, todos vivendo à sua maneira com seus problemas e compromissos, alguns sorrindo e já outros bem aborrecidos. Deveria eu decidir o que ser a partir dali, já que as mudanças na minha vida, não bateram na porta da minha relação, ao contrário, invadiu sem nem sequer pedir licença. O sentimento de abandono e solidão já era escasso, mesmo que o meu coração não tenha embarcado naquela viagem. A conexão entre jovens, crianças, idosos e adultos era comum... todos nós estamos ali procurando chegar em algum lugar. Ao olhar pela janela só se via a escuridão das metas e o escuro da madrugada misturado com uma eterna melancolia do silêncio do universo e todos aqueles que dormiam. Me perguntei como ficaria a minha vida após sair daquele ônibus. Uma viagem que começou no mais preto e branco de uma manhã com céu cinzento, o que aquilo tudo estava significando, se ali eu não estava por hora triste? Próxima parada Estação de Trem. Segui para o próximo passo e ao entrar no trem me deparei com as pessoas e seus olhares intensos e fixos sobre os outros, tantas conversas atravessadas, pessoas entrando e saindo, vendas acontecendo dentro do vagão. Ouvei o relato de uma senhora que conversava com a outra sobre seu filho que adquiriu dívidas de jogos e desapareceu do mapa por não ter como pagar, colegas reunidos no vagão



e conversando sobre os momentos divertidos e travessos do final de semana, casais que saíram para o trabalho juntos e desceram em estações diferentes. O sol do lado de fora começa a dar um sinal de vida, e seus raios alcançam aquele trem. A sensação que pairava sobre meus olhos é que eu precisava apreciar aquilo tudo, os movimentos estavam acontecendo, as pessoas com todas suas dificuldades e cansaço, estavam indo para seu trabalho, seus estudos, consultas médicas mesmo contra seu gosto. Sempre fui aquela pessoa de apreciar os movimentos que a vida traz e todas as circunstâncias que se apresentam, e ali estava eu como observador da vida. Todos os dias ao descer do trem, cortava caminho por dentro de um parque e tinha um sabor tão doce e sorridente, mas naquele momento que cheguei para atravessar aquele parque, a sensação era de liberdade, me senti liberto, o canto dos pássaros, os patos nadando, e todas aquelas pessoas indo e vindo se tornavam um momento muito que precioso, afinal, eu estava vivo. Mas por pouco tempo... Pois ao entrar para o trabalho, foram as 14 horas mais agoniantes que já tive na vida, a sensação de liberdade desapareceu e ficou a enorme sensação de que eu precisava me libertar dali, e apreciar o que o mundo lá fora estava me oferecendo. Chorei, chorei, foi grande a instabilidade emocional naquele dia. Bati meu ponto, fim do expediente, vamos para casa! Consegue imaginar o processo de volta? Uma longa viagem de trem e ônibus, para que meu amor e eu pudéssemos nos despedir definitivamente. A ansiedade era forte, mas havia muitas pessoas felizes e muito barulho nessas duas viagens, mas não foram bastantes para afastar a melancolia que se aproximava. Após



o cenário badalado do trem, enfim depois de aguardar muito no ponto, consegui pegar o ônibus. Me sentei ao lado da janela, o tempo já estava nublado, propício para o fim. Pessoas com seus casacos, jaquetas, toucas, botas se protegendo do frio que vinha dos céus e das matas escuras. A hora passava e a friagem chegava e, mais uma vez, os céus decidem que se eu não chorasse, ele faria aquilo por mim. Ao meu lado um homem que havia chegado, chorava como se houvesse perdido um familiar e do lado fora caía a chuva, ali estava eu mergulhado em lágrimas ao meu redor. Desci, cheguei em casa molhado e o final era precisar partir, pegar a estrada que tanto me acompanha todos os dias, fazer o retorno para as encruzilhadas da vida. Me pego molhado no ponto de ônibus, no meio do nada tudo escuro, enquanto os céus caíam e relâmpagos dançavam, a noite era de choro e então me pus a chorar. Peguei a minha condução e ali estavam pessoas variadas, jovens voltando de seus estudos e sorrindo, pessoas cansadas e foi tão bom aquele momento, pois tudo apreciar que como aquela chuva que caiu e parou, a vida é feita dos seus variados ciclos, está tudo bem quando um ciclo acaba, porque quer dizer que outro vai começar. No outro dia uma nova linha de ônibus, outras pessoas, outros lugares, outras situações, tudo se fazia novo e belo de se observar.



UMA MULHER E UMA CIDADE

Raquel Silva dos Santos M. Goulart

Era uma vez uma mulher, seus quarenta e dois anos e uma história de vida repleta de desafios e superações. Desde pequena, enfrentou as adversidades da vida no Rio de Janeiro, cidade marcada por violência. Infelizmente aos doze anos, perdeu sua mãe vítima desse mesmo cenário. Foi uma perda dolorosa que deixou marcas profundas em seu coração.

A convivência com seu pai não era uma das melhores e então aos quinze anos conhece uma pessoa que mudaria toda sua história. Namorando, decidiram se casar e aos dezesseis confirmaram essa união. Aos dezessete se tornou mãe de um menino lindo e aos dezenove deu um irmão a ele. Aos poucos parecia que a vida ia seguindo seu rumo. Enquanto seu marido trabalhava, a esposa cuidava da casa, dos filhos e o dia a dia eram praticamente iguais. Com o tempo a rotina foi tomando conta dessa relação, o marido foi crescendo profissionalmente e a esposa foi sendo deixada para trás. Já não era tão importante assim, os problemas aparecendo, as brigas se tornando cada vez mais frequente e então a primeira traição foi descoberta. E no meio daquele caos, com dois filhos pequenos, sem uma profissão, dependendo completamente do marido, como conseguir sair dessa situação e dar um basta em algo que estava te fazendo sofrer?

Aquela menina aparentemente frágil tinha que crescer, tinha que tomar as rédeas de sua vida e só ela mesmo poderia construir um futuro melhor. Comprou a folha dirigida e uma apostila e começou a estudar



para os próximos concursos que abririam naquela época. E passou em alguns, pois é, passou, mas aconteceram tantas coisas que ela não conseguia concluir as etapas. Até que em 2008 passou em um concurso e assumiu um cargo e a partir daí parecia que tudo iria dar certo. Resolveu também dar uma chance para o marido infiel e continuou zelando pela família e achando que tudo ficaria bem. Mas algumas coisas não mudam e o marido não mudou. E foram sucessivas crises, brigas e traições. Até ela dar o basta, o grito de independência e depois de dezesseis anos chega ao fim o casamento que ela imaginou ser pra vida inteira. Com dores, mágoas, brigas e muitas confusões e no meio de tudo isso dois adolescentes que não tinham culpa de nada. Foram dias difíceis e decisões mais ainda. Ainda assim não desanimou. Tentou refazer sua vida, ela merecia e precisava se encontrar. Alguns anos depois conheceu alguém, um homem simples, mas trabalhador e se tornaria ali um incentivador para suas conquistas. O sonho de criança renasce e ela decide tentar o vestibular. Ela passa. Ela vibra. Ela comemora. Quem diria que aos 40 anos o sonho de ser professora começaria a ser posto em prática. A vida dela era pintada de emoção e sensibilidade. Essa nova etapa trouxe um ânimo novo para ela.

Ela lutava diariamente para construir um futuro melhor para si. Ela enfrentou obstáculos com coragem, determinação e uma fé inabalável. Sua paixão pela educação e sua vontade de ser professora a motivavam a continuar trilhando seu caminho, mesmo que as circunstâncias fossem desafiadoras. Enquanto trabalhava durante o dia, cursava a faculdade à noite e apesar de cansativo ela não desanimou.



A cada dia de aula na faculdade, ela se esforçava ao máximo para aprender e absorver todo o conhecimento que podia. Estava determinada a realizar seu sonho.



AS RUAS DA CIDADE... AS RUAS DA VIDA

Ricardo Luiz Ferraz Almada

As experiências de perambular pelas ruas em busca de algo é uma das atividades que mais me satisfaz em dias de folga. Não que seja pela falta de algo, mas certamente é pela falta de alguma coisa. O que é que será que falta? É quase impossível responder essa pergunta, já que nas poucas sessões de terapia que fiz a pergunta que me era feita era exatamente a mesma. Eu achava que a resposta podia vir do terapeuta, assim como sempre acho que a resposta pode vir da cidade. Só que não. É o diálogo de mim comigo mesmo. O tal do solilóquio.

Conforme caminho, centenas de pensamentos vazios cruzam a minha mente, as vezes brotam algumas inseguranças: deixei a torneira da pia aberta? Deixei o gás ligado? E se eu voltar e tiver uma nota de despejo na minha porta? Mas eu paguei o aluguel, ou não? Isso não quer dizer que, parado, não teria tais pensamentos.

No passado, minha mãe berrava 'Ricardo, para de flunar!' e mal sabia eu que levaria 42 anos para entender que o que eu estava fazendo tinha nome. Mal sabia eu que o que fiz a minha vida toda tem um nome. Eu ando à noite, de dia, de tarde, no interior, nos centros urbanos, no meu bairro, no bairro dos outros, na beira da praia, na beira do Rio, entre os prédios, entre as casas, entro em vilas, entro em ruas fechadas, mas não entro em condomínios. Detesto a ideia de construir algo nababesco num espaço público e ter a audácia de pedir documento de quem ousa invadir o espaço de ricos. Me causa extrema felicidade



caminhar sem um destino certo. Mas eu sempre quis caminhar por lugares distintos.

A minha maior audácia foi decidir investir um dinheiro que recebi de herança em uma andança. Andei por 6 meses. Foi-se todo. Mas como podia eu, um professor de inglês como língua estrangeira nunca ter andado num lugar de língua inglesa. ‘Mas, Ricardo, você foi a Miami!’ Sim. Como podia, eu, um professor de inglês, nunca ter andado num lugar de língua inglesa? Desculpe o preconceito, mas é preconceito mesmo. Detesto Miami. Aliás, hoje, adoraria andar por lá, pois fiquei sabendo que os imigrantes hispanos e latinos estão contribuindo tanto para a cultura local, que um dialeto pode estar surgindo na região. Mas, vamos seguir caminhando.

Em 2016, decidi flunar em Londres por 6 meses. Decidi porque podia e sabia que flunar de pouquinho em pouquinho até meu dinheiro acabar não me traria uma satisfação intensa. A satisfação de associar cheiro a lugares, sons a experiências. Mas toda experiência que traz êxtase, também deixa marcas.

Fiquei com depressão profunda em Londres, o que se chama em inglês de ‘Champagne problems’¹⁴. Mas não fiquei parado e decidi andar até ficar com mais depressão ainda. Andei por 6 meses. Andei por todos os bairros. Ouvi inúmeros sotaques, ouvi inúmeras conversas alheias. Andei no tempo. Andei até pela Londres de 1666, numa exposição cultural que levava as pessoas pra Londres do grande incêndio. Vaguei

¹⁴ ‘Champagne problems’ é o nome de uma música da Taylor Swift e um termo para evitar o uso de ‘white people’s problems’, mas que também remete à ideia de problemas que atingem aqueles que, teoricamente, não deveriam ter problemas ou que sequer são problemas.



pelos becos, vielas e ruas de paralelepípedo entre casas de madeira que estavam prestes a serem destruídas em um dos maiores incêndios urbanos da história. Andei pelo Barbican². Até o Caetano Veloso já cantou lá, mas eu só andei mesmo. Tem uma Floresta Tropical lá dentro, é superinteressante. Se fosse no Rio de Janeiro, pediriam minha identidade para me deixar entrar, e eu, automaticamente, me sentiria oprimido e iria embora. Não que eu não tenha identidade, apesar de achar que as vezes nem tenho mesmo. Mas deixa eu te levar pela minha caminhada.

Caminhei por bairros pobres, bairros ricos, bairros do centro, bairros de comunidade muçulmana, jamaicana, hindu e muitas outras origens. Era incrível vivenciar toda aquela quantidade de informação em inglês, com influência de todos os cantos. Os prédios lá são como molduras e o interior dos apartamentos nos bairros ricos pareciam quadros saídos de um programa de decoração que passa na tv fechada. Na verdade, em Amsterdam é mais assim, porque lá dificilmente os moradores possuem cortinas. Dizem que é falta de educação andar olhando para a casa dos outros, mas eu olhava mesmo. Era tudo muito diferente do que eu já tinha visto.

As cozinhas impecáveis, as famílias felizes, pareciam tiradas de um comercial de café da manhã, morando em barcos com janelas sem cortinas ou em apartamentos estreitos, mas impecáveis, sempre sem cortinas. Foi nessa jornada que descobri dois *hobbies*, talentos, paixões,

² Barbican é um complexo em Londres que possui uma arquitetura ímpar, que possui no nível térreo e subsolo um conjunto de livrarias, cinemas, áreas para concerto e nos outros andares áreas de lazer, cafés, atrações para a comunidade local e prédios residenciais.



chame como quiser, mas descobri dois trens – eu herdei essa expressão dos dois anos que morei em Minas Gerais e, por lá, andei bastante, e mais tarde te conto desse conto – que me deixam louco: quarteirões padronizados e edifícios velhos.

Os edifícios velhos também servem de molduras de quadros antigos, assim como a borda da terra plana³. Se não tivesse moldura não teria quadro, se não tivesse borda, a terra plana não teria água, se não tivesse edifício, não teria apartamentos, nem cortinas, nem pessoas. Não existe *hobby* mais prazeroso que caminhar pela cidade e olhar para dentro das casas das pessoas, com discrição, claro. Inclusive, porque observar a convivência das pessoas do lado de dentro de suas casas é entediante, repetitivo, enfadonho ou qualquer outro sinônimo de chato que você deseja usar. Já observar fachadas de prédios, detalhes de molduras das janelas, formatos de portas, formas dos edifícios, as diferentes cores dos materiais usados, estilos únicos de cada prédio, é algo igualmente enfadonho para alguns, mas não para mim. Não que eu seja arquiteto, ou interessado por períodos históricos, mas cada prédio completa meus pensamentos de uma forma única. Pensamentos que não coloco num papel, que nem falo sobre que não dizem absolutamente nada, que não passam de uma contemplação melancólica e vazia e se torna uma meditação sem propósito algum: a famosa caminhada que me ajuda a controlar a tal da ansiedade e a completar minhas lacunas

³ Terra plana é um conceito arcaico de que o Planeta Terra seria de fato um disco e que a Antártica seria, na verdade, uma borda de gelo que, supostamente, circundaria o disco, evitando que a água escorra para fora do Planeta. Esta teoria já foi refutada há mais de 2 mil anos pelos gregos e depois por Galileu Galilei, no século XVII.



cognitivas sobre raciocínios lógicos que futuramente irei tecer sobre qualquer um dos assuntos em que eu decida me engajar.

Flanar me ajuda a interagir. Me fornece elementos sociais, elementos críticos, componentes essenciais para a compreensão de problemas maiores, chaves para desbloquear questionamentos profundos sobre comportamento coletivo, que, por fim, me levam a produzir linguagem. No meu campo profissional, isso me fornece material suficiente para produzir na língua adicional. É uma ferramenta útil e racional.

Se queremos chegar a um lugar comum, numa conversa, os caminhos precisam convergir. Os quarteirões padronizados são ligados por ruas que vão se cruzar, mas não em sentidos opostos – que é o que geralmente acontece em qualquer interação social, a discordância -. As razões pela qual flano são vazias, ausentes de qualquer propósito fixo ou objetivo. Assim como as razões pela qual parei para escrever esse texto. Faz total sentido andar sem saber para onde irei, escrever sem saber como terminarei.

Por isso, adorava andar no interior de Minas Gerais. Podia repetir o mesmo caminho toda hora. Todo dia. Sempre me ocorriam diferentes pensamentos, sensações, bem-estar e até uma leve dose de esperança de um mundo melhor. As cores dos ladrilhos antigos nas fachadas, as calçadas sem padrão algum, as ladeiras íngremes, as pessoas nas janelas saudando os conhecidos com o famoso ‘Bão?!’ numa sonoridade única.



As janelas como molduras. As pessoas como pinturas. A cidade como um museu. A vida como uma exposição. É bom eu parar de escrever, porque chegou a minha hora de flamar.



A CAMINHADA

Rebecca Vitoria P. Veiga de Freitas

Ao sair de casa pela manhã em direção ao trabalho, mergulho em um trajeto caótico que desafia minha paciência e habilidades de navegação. A cidade desperta em um frenesi de carros, buzinas e pessoas apressadas. A primeira etapa é enfrentar o trânsito intenso nas ruas estreitas do bairro, onde veículos disputam espaço e pedestres se esgueiram entre eles.

Conforme me aproximo do centro da cidade, o caos se intensifica. O tráfego congestionado faz com que o tempo pareça se arrastar lentamente. As ruas se transformam em um labirinto de engarrafamentos, onde é preciso ter paciência e habilidade para encontrar os atalhos mais eficientes. Os semáforos parecem conspirar contra mim, alternando entre o vermelho e o verde em momentos inoportunos.

Enquanto atravesso as avenidas movimentadas, sou cercado por uma cacofonia de sons. Buzinas estridentes, sirenes de ambulâncias e o barulho constante dos motores compõem uma sinfonia urbana caótica. As calçadas estão repletas de pessoas apressadas, cada uma com seu próprio destino e pressa.

Apesar do tumulto ao meu redor, observo com curiosidade a diversidade da paisagem urbana. Prédios altos e modernos se misturam com construções antigas e desgastadas pelo tempo. As fachadas coloridas dos estabelecimentos comerciais competem pela atenção dos transeuntes.



Após superar obstáculos e desvendar os enigmas do trânsito, finalmente chego ao meu local de trabalho. Sinto um misto de alívio e realização por ter sobrevivido a essa jornada caótica. Adentro o edifício, onde a atmosfera frenética da cidade dá lugar a um ambiente profissional e tranquilo. O trajeto de casa para o trabalho, embora desafiador, me lembra da resiliência necessária para enfrentar os imprevistos do cotidiano urbano. É aqui que começo mais um dia de desafios e realizações, sabendo que o trajeto de casa para o trabalho é uma jornada que me conecta com a cidade e me prepara para enfrentar o mundo profissional.



CENTRAL DO BRASIL, REALIDADE BRASILEIRA

Vitória Machado da Costa

De lá para cá percebi umas coisas, dentro do VLT as neuroses batendo na minha cabeça e eu só querendo que esse sentimento ruim que sucumbia o meu peito parasse. É uma sensação de desgosto, sabe? Como se eu fosse impotente, essas coisas de acreditar que nada vai dar certo, falta de esperança... pô, mas uma vez me disseram que esperança é esperar, e eu não espero.

Para te ser sincero, não tem nem como esperar ou vou ficar de bonde. Maior ralação, um empurra-empurra, o povo subindo na condução de R\$ 7,80! Não tem como não ficar pistola, é tudo trabalhador vindo com a mochila pesada na frente, a segurando bem perto do peito com medo de perder os R\$ 1.320,00 depois de 30 dias trabalhados... não, me desculpe! Que engano o meu. R\$1.000,00, por aí, caso não chegue mais de um dia atrasado. É que da Baixada para o Centro é chão.

Olha a canjica do outro ali, sorrindo à toa, né? Claro, com os 1.000 contos no bolso e ainda pegou um lugar para ir sentado, até eu. Mas como para o pobre todo castigo é pouco, tomo uma suvacada na venta, o suor do trabalhador invade minha narina de tal forma que fico cambaleando. Também não sei se é o solavanco da senhora que vem ao meu encontro, mesmo assim sou arremessado ao próximo vagão. Ouço o: "Ohh! Qual foi? Tá de sacanagem?" e um soprão no pé da orelha: "Ôôô! O amendoim é 6 por 3, hein?! 6 por 3!"



Me recomponho. Não sou trabalhador, mas tô ligado, já sei a manha do celular dentro das calças e a mochila apertada na frente. Reconto a grana que não gastei no Centro, vejo o quanto ainda me resta pra fazer um lanche. Levei o sanduba de casa e tinha passado no mercadinho em que o Guaracamp é R\$1,00. Levei congelado, caso contrário, chegando em Cordovil, já não daria mais para beber. Coisa no Centro é cara! Um coroa veio me vender umas bijuterias bonitas, até que eu queria comprar, mas não dá não, R\$15,00 a pulseira mais barata. Fiquei logo apreensivo, né? Já saí fazendo os cálculos: as passagens ida e volta, o petisco do trem, é... não tem como. Hoje não, senhor.

Senti a tristeza dele em mim. Dei dois passos em frente ao Museu do Amanhã. Uma senhora me abordou com a estratégia marqueteira na ponta da língua: "Filho, estou vendendo uns doces, você não tem interesse, não? R\$4,00 o pequeno, R\$8,00 o grande". Doce bonito, coisa fina. Interesse eu até tenho, não tenho é o dinheiro. Cheguei até a salivar, toquei o fundo do bolso e senti o osso da bunda, o saco que formava do sobrado da calça, mas o "faz me rir" que é bom... nada! Não sei quem sentiu mais dó de quem, eu, por não poder ajudar, ou a senhora que se constrangeu com a cena.

Falando em Museu, reparei que estava lotado! Colei, exposição bacana, caraca! Algo ali me incomodava: o fenótipo. Olhei para os lados e vi dez pessoas brancas, nesse mesmo rolê, somente três eram pretos, uns pretos gastando onda e grana, mesmo assim em minoria.

Ingresso: R\$4,00, resolvi ver qual era daquela parada ali, som no talo com umas batidinhas de eletrônica, o povo esbanjando o



clareamento dental e as minas no *hippie style*. Só coloquei minha blusinha de sair que comprei por R\$10,00 em Caxias.

Gostei das mesas, teve a ilustre Conceição Evaristo e a Vera Eunice (filha da Carolina Maria de Jesus), um monte de gente da hora representando a minha gente, mas minha gente ali não estava vigente, quatro pretos (contando comigo), para dez brancos. É que não contei com a parte de fora, vários parecidos comigo que moram ali perto, nos morros, crianças em um dia quente de setembro se jogando na Baía de Guanabara, na mesma Baía que é afetada pela poluição, com lixos e mais lixos.

E eu pensando: E se pega uma bactéria? Oxalá que os proteja! Não estava bem ali, não sei do trabalho de base que rola com o pessoal carente que vive nessas margens, mas vi os que não eram os meus (os brancos) encantados, e fiquei pensando: se a fala de Conceição, ouvida por aquela molecada, não transformaria pelo menos a realidade de um dos meus?

O povo batendo a tal da *selfie*, provavelmente com a legenda da moda e esquecendo dos moleques com cabelinho na régua platinado. Vai falar que não é a cara do Rio?

O ar fica até mais leve quando saio da Baixada para o Centro, pode ser coisa da minha cabeça, mas a atmosfera é um pouco mais cruel, bem mais estampada e você vê as pessoas com grana assim de perto, não é igual na quebrada.

Nos intervalos das apresentações o povo se concentra logo no *Mc Donald's*, não sei o que me enjoa mais: o cheiro gorduroso ou a divisão



social. Mas só fui ali mesmo esticar a perna e usar o banheiro. Tô doido para ver a Elisa Lucinda, queria ficar até o final, mas não dá, do Centro pra Baixada é maior chão! E ali na Pavuna fica tudo escuro por falta de iluminação, é complicado até para chegar no mercado Rio Sul, se for uma garota então... é brabo.

Sou fã das batalhas de poesia que rolam aqui na Baixada, nas pracinhas. Tem a do Teatro Raul Cortez e da Praça do Bilac. O povo coloca logo a realidade exposta, soltam no gogó, queixam-se das faltas de oportunidade, por exemplo como se tudo que é bom fosse somente no centro! Os shows, os rolés da hora e tal..., mas se esquecem do que rola aqui, saímos daqui pra ir pra lá, e quando vão vir pra cá, ver a verdade? A Baixada é um local de cultura e multiplicidade, eu não quero sair daqui e gastar maior grana até chegar ao Centro da Cidade!



PRÓXIMA ESTAÇÃO: DEODORO

Rafaela Barroso

As portas se abrem e a multidão se empurra para entrar. As pessoas de dentro do trem começam a fazer corpo duro. “Não entra mais ninguém”, gritou um vendedor ambulante, mas não parou de entrar gente. “Segura a porta” disse uma senhora, aos berros, por mais que a porta não conseguisse mais fechar. São apenas 05h30.

Para todo o lugar que eu olho, vejo um padrão se repetindo: pessoas cansadas, espremidas, olhares desconfiados, corpos exaustos, mentes que não sabem mais o que é o silêncio. Olho para frente e vejo um grupo de colegas de trabalho. Todos estão com o mesmo uniforme, espremidos entre si, murmurando uma palavra ou outra, tentando encontrar ânimo sem ainda terem tomado sua cafeína diária. Provavelmente ficarão o dia inteiro no trabalho que mal os pagam, e só voltarão para casa quando estiver anoitecendo. Desvio o olhar e analiso os meus arredores. Se enfiando pelas brechas entre corpos e mochilas, anda um pedinte, magro e com a barba por fazer, implorando para que alguma alma bondosa o ajudasse a comprar a refeição daquele dia. Ninguém olha. Toda aquela cena já se tornou corriqueira para os passageiros do trem.

Ainda faltam mais de quinze estações até a Central do Brasil. O pedinte foi tentar a sorte em outro vagão. O sol já estava subindo no céu e a cada segundo ouvia-se um bocejar ou um resmungar no meio do emaranhado de vozes. Estávamos todos tão apertados que sairíamos dali com torcicolo. Estávamos todos no trem, transitando por uma cidade



que se alimenta de nós e que nos corrompe cada vez mais. São apenas 05h50.



FLANANDO PELOS DIAS NO RIO

Tadeu Franco da Fonseca

Saio de casa. Fecho a porta. Verifico se fechei direito. Dou alguns passos. Volto. Verifico de novo. Está tudo bem, agora posso ir. Abro o portão e ele range. Um barulho que meus cachorros reconhecem de longe. Ando vagarosamente para o ponto. A monotonia dos dias reflete meus passos. Ando devagar quase que sem rumo. Meu único destino é a faculdade. Chego no ponto. O trânsito intenso como sempre. Espero meu ônibus. Sentado. Minhas costas já doem só de ficar em pé. É o peso da meia idade. Já sou um velho de quase 30 anos. Já sofro dos males de uma geração que nasceu cansada. Em um mundo que só adoce mental e fisicamente. De longe avisto meu ônibus. Faço sinal. Entro e procuro um lugar para me sentar. Ando até o final do ônibus e me sento no canto da janela. Vejo pela janela os carros, as pessoas, a vida rotineira acontecendo. Estou aqui pensando em por que é que vivemos? Para onde as pessoas estão indo? Qual o destino da vida? É sempre tudo tão igual. Quando acontece algo de diferente, geralmente, é para o mal. É a bala perdida que acerta a mais doce das criaturas, é a facada nas costas indo comprar um cigarro na esquina, é o assalto à mão armada quando você só queria comprar umas guloseimas com amigos de madrugada. É a morte de seu marido por latrocínio quando você está voltando de viagem e ele esperava pegar você no ponto para te levar para casa. É a violência cotidiana que nos desperta da monotonia nessa cidade. A novidade mais costumeira é o cadáver encontrado, é a explosão de uma agência bancária, é a guerra entre



milícias, polícia e traficantes. Cidade feita de sangue. Sigo o fluxo. Salto do ônibus. Desço. Me deparo com esse gigante cinza. Sempre olho e sinto falta das cores vivas. Tanto espaço para um grafite que faça ver o mundo mais colorido, que nos faça refletir sobre a vida de maneira mais positiva. Mas não, só temos o cinza. Na frente os dizeres: EU S2 (coração) UERJ. Tenho uma relação um tanto complexa com essa frase. Eu amo e odeio essa universidade. Já faz mais de 10 anos que passo todos meus dias (in)úteis aqui. Não sei ainda a serventia, mas não sei viver sem ela. Na segunda, já torço para chegar sexta. Tomara que sábado dê sol, quero pegar uma praia. Olho a previsão. Oba! Vai ter sol. Combino com uma amiga para ir à praia. Bora, conto os dias. Amanheceu tão claro esse sábado. Estou indo como um bom carioca à praia de chinelo. Pego trem e metrô. Passo o caminho divagando sobre os últimos acontecimentos. Ouço tantos outros da minha amiga. Chegamos. Estendo a minha canga, abro o guarda-sol. Hoje vou só descansar. Reparo no céu, no mar, tudo azul e tão claro. Meu humor está ficando melhor. De repente, um arrastão. Pegamos as coisas rápido e saímos. Fim de praia. Voltamos famintos. Paramos no Méier. Comemos aquele hambúrguer e batata frita do Méqui. Nada é tão bom quanto o que nos mata aos poucos. Depois tomo um sorvete. Caminho até o ponto. Sempre cheio de gente. Pego o ônibus e volto para casa. Salto na Clarimundo. Olho para o entardecer. O céu cheio de cores e as árvores balançando. Ando devagar para apreciar esse momento. Novamente o ranger do portão, seguido por latidos, avisa que já cheguei ao meu destino. Um sentimento agridoce me toca. É bom chegar em



casa, para o aconchego do meu lar. Saudades da minha cama. Contudo, queria aproveitar mais o dia. Só que meu cansaço não permite. Agora é hora de hibernar e acordar e recomeçar tudo outra vez. Já é segunda, o fim de semana passa como um piscar de olhos. Parece que não fiz nada. Volto para a rotina. Hoje faz um calor dos infernos e ainda nem é verão, mas para um carioca só temos uma estação do ano. Vou por todo o caminho desidratando. Ônibus sem ar e lotado. Parece que estou pagando meus pecados nesse inferno do Rio. Chego rápido. Entro na fila do bandeirão pra comer algo e sustentar mais um dia. As aulas passam vagorosamente, enquanto eu penso apenas em ter um ar-condicionado no meu quarto. Por que não tenho? Falta dinheiro, mas se comprar será que funciona ou vai desarmar que nem faz o chuveiro. Só tem um buraco ali me encarando, deve estar me perguntando quando vou preenchê-lo. Talvez me mude daqui ou passe para uma melhor antes disso. Aquelas promessas que me faço e que jamais saberei se conseguirei cumpri-las. Último tempo de aula e eu conto os minutos torcendo para acabar ou a professora liberar mais cedo pra eu partir pra saga da volta de casa. Finalmente, me liberou vinte minutos antes. Ando no corredor até o elevador. Nossa! Nenhuma alma viva. Parece um filme de terror. Paredes cinzentas e tudo mal iluminado. Pego o elevador. Mesmo reformado recentemente, sem nenhum ventinho para refrescar. Chego no hall do queijo. Disparo para a saída. Despeço-me de mais um dia de universitário. Nem olho para trás. Vejo meu ônibus. Saio a todo vapor, correndo, sem olhar pro lado. Ponto vazio e escuro, a cara do assalto. Felizmente, hoje não espero nele sozinho. Ufa, peguei o ônibus.



Droga! Sem ar de novo. Ainda bem que tem um lugar vazio. Vou sentar e descansar. Aff, está molhado. Vou sentar assim mesmo. E o pinga-pinga continua, até minha blusa inteira ficar encharcada. Vou o caminho todo com o vento na cara e água pingando. Vou descer. Aperto o sinal. Vixi, não funciona. Puxo a corda. Também não funciona. Vai ter que ser do jeito antigo. Ô motorisssta, vou ficar no próximo. Vai descer, hein! Finalmente desço, comércio todo fechado. Até o barzinho que ficava aberto até de noite não fica mais aberto depois que foi assaltado. Só o posto iluminado, já cansado de tanto ser assaltado. Vou andando correndo até em casa. Esgueirando pela escuridão das sombras, rente às paredes das casas. Atento a qualquer sinal de moto para me esconder atrás de um carro, tentando apagar minha mísera existência dos olhos maldosos dos assaltantes. Estou chegando ao meu destino. Tomara que não seja assaltado logo na porta de casa. Finalmente, abro o portão da vila. Caminho até a porta de casa, olhando para a rua e prestando atenção se não tenho nenhuma companhia indesejada me seguindo. Pego as chaves correndo, abro a porta e entro. Fim de mais uma saga noturna até em casa.



PRINCIPALMENTE, ME SINTO CANSADO

Yuri do Nascimento Marques

No epicentro vibrante desta cidade, onde o tempo corre como um rio desenfreado, encontro-me a vagar como um espectro moderno. As pessoas aqui, apressadas em suas rotinas incessantes, parecem ser meros fantasmas de si mesmas. Seus esforços diários são como gotas em um oceano sem fim, perdidos na vastidão do anonimato. A busca incessante pelo lucro, como uma febre incontrolável, se espalhou por todos os cantos e becos deste lugar. Nesta cidade que clama pela meritocracia e dedicação, é irônico como o simples trabalhador raramente tem tempo para saborear as doçuras da vida. Passo pela praça central, um oásis de concreto onde as árvores lutam por espaço contra os arranha-céus, e encontro uma mulher negra retinta que vende açaí sob o sol escaldante. Seu sorriso é uma pérola rara, brilhando com uma determinação inquebrável.

Apesar das dificuldades que a vida lhe impõe, ela persiste, servindo tigelas de esperança a todos que dela se aproximam. Cada colherada é uma pequena pausa na corrida frenética, um lembrete de que a vida pode ser doce, mesmo nas circunstâncias mais amargas. Um pouco a frente deparo-me com mais uma obra municipal destruindo o verde local, e assim avisto um senhor pedreiro, seu esforço incansável, apesar do cansaço que pesava sobre seus ombros, era uma sinfonia de amor e responsabilidade. Continuo a minha jornada pela cidade, e me deparo com uma jovem dos cabelos alaranjados, de sacola em sacola, entrando de loja em loja. Seus olhos brilham com a excitação do



consumo, como se cada compra fosse um pedaço de identidade. É como se nascesse para acumular, uma busca frenética por pertencer através de mercadorias brilhantes.

Nesta cidade, o fetiche da mercadoria tomou conta das almas, onde o valor de uma pessoa é medido pelo que ela possui, não pelo que ela é. A ética e a moral, outrora pilares da sociedade, estão sendo distorcidas e corroídas pela ganância desenfreada. As pessoas se transformaram em marionetes nas mãos do capitalismo voraz, dançando ao som de uma música que só beneficia uns poucos privilegiados. O sol se põe sobre esta cidade implacável, lançando sombras sobre rostos cansados e enrugados. Por baixo da máscara de esperança que muitos usam, escondem-se as marcas da luta diária. Nesta cidade injusta, a ascensão social parece um sonho distante, um horizonte que se afasta com cada passo dado. 2 Enquanto continuo a minha jornada, observo as vidas que se desenrolam nesta sociedade corrupta, neoliberal e capitalista. É um drama humano em que todos somos atores, presos em um palco onde os valores se inverteram e a busca pelo lucro pessoal obscureceu a verdadeira essência da humanidade.



O CENTRO DA CIDADE

Pollyana Bevilaqua

Hoje nessa manhã de sol, é dia de voltar para a cidade do Rio de Janeiro, falo isso pois moro da baixada fluminense, especificamente na cidade de Magé, e há muitas diferenças entre essas duas partes do estado. Saio da minha casa para o ponto de ônibus por volta das nove da manhã, é horário que o ônibus costuma passar, e uma coisa que costumo reparar no trajeto entre essas duas cidades são as pessoas, os lugares e as construções.

As diferenças entre a cidade da baixada e a cidade do Rio de Janeiro são gritantes. Geralmente na baixada há poucos prédios, as pessoas são mais humildes, tanto é questão financeira quanto de comportamento, sinto que o cheiro desse lugar é um pouco mais leve, deve ser pela falta de fábricas, e um movimento de carros menor do que da cidade do Rio, principalmente na cidade de Magé que fica mais próximo da região serrana, tem mais a presença de Mato e cachoeiras, não chega ser uma cidade de interior, mas não é tão movimentada quanto o Rio de Janeiro capital.

Quando começa a chegar na Avenida Brasil, a diferença fica mais evidente, pois passa muitos carros, de todos os tipos, pessoas de todos os jeitos também. Nessa avenida tem muitas favelas, galpões, comércios, o cheiro é uma mistura de fumaça que sai do escapamento dos carros. Lixo, suor, perfume de vários tipos, é uma mistura louca de cheiros, mas é o típico aroma do Rio de Janeiro. Chegando no terminal rodoviário Central, a movimentação de pessoas é muito grande, e elas estão sempre



com pressa, apreensivas, pois muitas delas imagino estão indo trabalhar ou resolver algo importante em algum lugar no Rio. O cheiro é de sujeira e comida. Pois há muitas lanchonetes e, infelizmente, muitas pessoas em situação de rua, por isso essa mistura de cheiros.

No centro da cidade, especificamente na Cidade do Samba, eu vejo que tem muitos galpões que parecem abandonados, neles guardam-se os carros alegóricos dos carnavais passados, bonecos gigantes que foram utilizados nessa festividade, é um pouco assustador confesso. Chegando na Tijuca que é onde fico durante a semana por conta da faculdade, também é bastante movimentado, mas percebo que apesar de toda a pressa, movimentos, carros, buzinas, há algumas ruas residências que são mais tranquilas, os idosos passeiam, crianças vão para a escola, pessoas passam com mais calma, pelo menos é o nesse ritmo que os bairros Maracanã e Vila Isabel funcionam, não sei os outros, pois só círculo por esses lugares.

PARTE II
P O E S I A



FLANERIE

Álvaro Claro De Paiva Dias Negrão

Sinto que a rua é bem mais que um caminho,
é o espaço que cessa o meu lamento.
Observar os passantes é o que eu tento.
Quem olha a multidão não é sozinho.

Há tantas coisas vãs que eu escrevino,
tantas águas me deixam mais sedento.
Contudo, há no vagar um livramento
e os meus passos vão d'água rumo ao vinho.

Sempre que eu flano viro o rei da rua;
recupero a perdida mente nua.
Na escuridão do dia, sei que brilho.

Fica todo senhor o meu olhar.
Pés livres são de quem sabe flunar.
A felicidade é bem de andarilho.



O EXTINTO RAMAL DEODORO

Luiza Firmino Coelho



Na charmosa estação de Marechal Hermes
Me lanço novamente
Numa espécie de encontro entre o novo e o ultrapassado,
Vejo a casinha sumir gradativamente.

O trem sacode, os vagões balançam,
Pelos bairros do subúrbio, a cidade se lança,
Nas janelas, um quadro em constante mudança,
Cenas urbanas se desdobram na bonança.

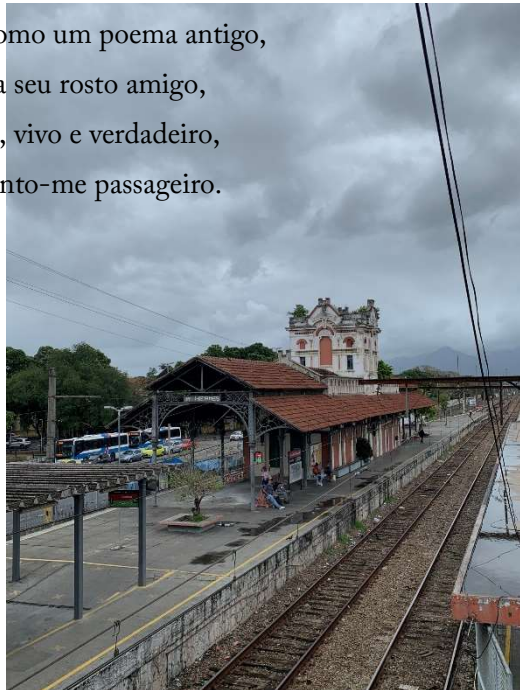
Vejo a vida acontecer em Madureira,



A calma tomar conta em Quintino,
O concreto da UERJ desaparecer ao fundo e,
Ao passar por São Cristóvão,
Penso no encontro do velho e do novo no encantador estádio São
Januário.

Amendoim torrado é um real.
Olha a pele, olha a pele.
Um é dois, três é cinco.
Tem latão de Brahma, tem água e tem coca.

O som dos trilhos ecoa como um poema antigo,
Enquanto a cidade desfila seu rosto amigo,
Nas estações, o Rio pulsa, vivo e verdadeiro,
E no balançar do trem, sinto-me passageiro.





CIDADE

Gabe Carvalho Falci

Calçada rachada
Buracos no chão
Conforme o ônibus passa,
muda a visão
A rua fica arborizada
Biblioteca, museu, praia
mas ao voltar pra casa
Só resta a falta de acesso
à cultura e educação



ANSIEDADE

Caio Fialho Barros Silva

Por que eu fui decidir escrever um poema? Nem sei o que é um flâneur...
Como que eu escrevo sobre esse tema? Não tem trabalho se eu não
souber...

Ah, é um cara que anda pela rua, No meio da multidão.
Fica meio quieto, na sua, Sem dar muita opinião.

Acho que sou meio parecido, Prefiro mais ficar na minha, Andando
perdido por aí

Por mais difícil que tenha sido, Sentado nessa escrivaninha... Não é que
eu consegui?



TRANSUMÂNCIA

Emilly Menezes Gomes

Deixei minha terra pra viver num lugar
que promete carreira e estabilidade.
Porém de pensar eu morro aos poucos
na saudade da minha cidade

Enquanto um emprego não arranjo,
o tempo tem me sobrado.

E de observar e escrever me ocupo
Sobre o céu cinza e o chão de asfalto
Sobre o qual eu tenho andado.

Falando em céu, me recordo agora
Do mundo azul que abrigava soltos
Os pássaros que pairavam por lá.
Porém na poeira se esvaiu o azul-celeste
E na tamanha poluição do progresso,
morreu de desgosto o Sabiá.

Vejo um homem correr contra minha direção,
lembro-me de uma cena recorrente, acontecia todo verão.
Em minha terra, na lagoa, as crianças corriam do quero-quero,
Aqui no centro um homem de terno



é quem corre atrás do busão.

Ônibus, Metrô, prédios e outdoors
hoje preenchem a minha vista,
os vagões frios do trem, vendedores agitados,
um velho comprando cigarro na banca de revista

Finalmente alguém sem pressa,
esse idoso é um retrato.
Precisei parar para olhar,
me imagino aposentado.

Contudo, mesmo desempregado,
farei diferente quando, enfim, jubilar.
Diferente daquele velho,
sei bem pra onde voltar.

Com netos e aposentadoria no bolso,
descansarei em minha cidade,
com minha lagoa e meus pássaros,
dos quais sinto tamanha saudade.



CAMINHADA DA ESPERANÇA

Carlos Gustavo Camillo Pereira

Muitas vezes ando pela estrada,
Agoniadamente observo a falta de calçada.
Raros sorrisos, muitas labutas e resistências.
Incessante esforço por sobrevivências.
Andando todos os dias a um local de escrevivências;

Escola é teu nome e educar razão de tua existência.
Diariamente marcada pelo estigma e tristeza,
Urgente necessidade de resignificar a tragédia.
Andando vi teu corpo desfalecido em vermelhância,
Rápida e dolorosa partida diante de uma violenta plateia.
Daniel Piza, apesar das adversidades, teu futuro é a relevância:
Amor acolhedor e transformador marcam tua diária (sobre)vivência.



FACETAS DA CIDADE

Julia Hela Schorr de Oliveira Lima

No centro fervilhante, quente e barulhento
O transeunte parte, sempre em movimento
 Caminha pelas ruas, multidões a rodear
No tumulto urbano, não tem como respirar
No bairro que é casa, onde o refúgio se encontra
 Casas baixas, o céu tão azul que encanta
Poucas almas vagam, em paz e silêncio a viver
 Na serenidade, tudo que pesa se esquecer
 A cidade grande com seu peso e clamor
 Oprime a alma, todos sempre a correr
No bairro que é casa encontra se um doce sabor
 Há tranquilidade, beleza sem medo e temor
 Nas vielas estreitas, à beira do mar
 Barquinhos dançam, sob o brilho da água
 Contempla com coração a vagar
 O recanto de cidade intocada
 Algazarra de gaivotas e maritacas
Crianças brincando na rua soltas, despreocupadas
 Ritmo leve de ser, viver
Anonimidade no pertencer da comunidade
 De volta ao centro histórico da cidade
 Lugar inebriante, trajeto recorrente
A multidão se faz como coração pulsante



E eu, só mais um viajante
No bairro que é casa e no centro que já foi também
Observo a cidade, onde quer que eu vá e além
Na pele de um transeunte,
Viajante no mar de gente
Cada canto explorado e desvendado

Por aqui, onde tudo se constrói e acontece
Do famoso, ao passageiro até o indigente
De pessoa a pessoa, a cidade se tece
Cada passo, uma história, um poema que emerge
Multidões e Multitudes de gente



MINIANTOLOGIA POÉTICA

Victoria Mariana Oliveira

I. O Corpo

De carne e osso passeia o corpo,
passeia e vagueia no compasso dos pesos-morto.
Lentidão ao atravessar multidões inteiras
e mesmo que não queira, ver perdido outros rostos.

Ao pé que anda, as memórias se dissolvem,
andar longas distâncias não o distraem,
já não mais resolve.
No fim das contas, não há escapatória, sem rotas de fugas, sem pontos
finais nessa história.

As lembranças tornam-se outras distâncias, não convém.
e de onde vem não há poesia na rua
só há esgoto a céu aberto,
ratos escalando tetos e carniças alimentando os pássaros do inferno.

As vistas são sempre tristes, o corpo queria ser cego.

Levou-se por onde seus pés quiseram e sente que ainda não chegou.
Conforme o dia passa e a noite cai, sente que deixou algo para trás,
mas ao olhar aquilo que quer, sabe, não se encontra mais.



Essa angústia que não cessa é sintoma dessa chaga que a cidade o passou.

II. A Chaga

Quando cheguei, trouxe comigo cinco malas,
um bocado de incertezas, meia dúzia de falácias
E não acreditei quando vi que é verdade: essa cidade nunca para.
Por outro lado, as pessoas nela, correm paradas.

Rostos opacos, barulho de carros, o vidro do ônibus embaçado.
Todos ao redor se movendo, esse movimento todo deixou-me solitário.

O que eu vim fazer aqui?
Nem eu sei, eis um fato.

O discurso é sempre o mesmo
Busco novas esperanças, oportunidades de trabalho
mas lá onde me alojo, todos estão desempregados.
Descobri aos trancos que não importa o que faço, desde que cheguei
aqui, sou mais um dos
outros e enquanto sou os outros
somos fracos.

Eu diria enfraquecidos, toda a cidade está doente e essa chaga é a vida intermitente.



III. A Vida

A vida é poesia, é lírica,
é esperança rebelde, é música animada de armadilha
o que não esperava era que virando a esquina
eu não a atravesssei, algo me atravessaria.

Era a verdade nua e crua,
calçada sangrenta,
corpo na guia.
Um morto na rua.

Sem autópsia, a causa da morte, por sua cor, e por onde estava o
corpo, já se sabia.
Bala perdida.
Pensei: Por essas vielas e esquinas a vida é um sopro,
não conheço o morto mas sua morte me compadecia.

Olho seu corpo, que parece o meu corpo
e que, por pouco, poderia ser confundido entre as balas perdidas.
nunca me esquecerei de que nessa cidade não importa o que é a vida,
ou de quem é a vida
Um instante anterior poderia ser eu, mas fora dessa vez outra vítima.

A vida é um instante que se dissipa com a ida.



SOMENTE SONHADORES

Rute Nascimento de Macedo

Esses discursos que fazem o seu coração borbulhar
são os mesmos que me fazem me revoltar,
discursos enganadores que são feitos por “eles os sócios e sociais”
que mesmo assim deslumbram a maioria

Essa maioria acredita que tudo irá mudar quando um desses “sócios”
se elegerem, porém, nada é resolvido pelo fato de não cobrarem
devidamente, por isso simplesmente a sociedade decorre dia após dia
ao mesmo patamar de inseguranças em todos os lugares, e do
desserviço de todas as áreas

Apesar de tudo em seus olhares nunca se perdem
a esperança na “mudança” que pode ocorrer
aquele trânsito caótico, aquela superlotação, aquele descaso na saúde, e
na educação, enfim, no final de tudo

Todos somos “sonhadores” somente
que partem cada um para o seu destino e com os seus
sonhos que querem ancorar, “desabrocham”, sobretudo
pelo que ocorreu e ocorrerá, infelizmente
da maioria nunca irá se concretizar.



ÁGUAS QUE SE ESCONDEM

Maria Claudia Silva

Do outro lado da poça existe uma cidade,
pouco se conhece e pouco se sabe,
mas o seu apelido sorriso é o cartão de passagem.
A vista é mais bela do que se pensa,
avisto museus e monumentos.
Na praia escuto as ondas refrescando aquele momento.
Passando por Boa viagem também temos tempo,
De jogar aquele futevôlei em Icaraí.
O difícil mesmo é saber a hora de partir.

Para as crianças temos o Campo de São Bento.
Para os surfistas Itacoatiara,
tem diversão a todo o momento e
gente esperando o pôr-do-sol na praia.
O que nos banha é a baía de Guanabara,
navego em suas águas com tristeza.
Vendo todo aquele lixo flutuar,
agredindo a mãe natureza.

A violência também existe aqui,
assalto a mal armada, furto nas calçadas,
homicídios em plena luz do dia.



E ainda tem o trânsito que já acaba com nossa alegria.
E as ruas que nunca estão vazias?
Circular no Centro é uma agonia,
Ainda mais enfiada naquele ônibus cheio, parecendo uma
lata de sardinha!

Minha cidade possui diversas classes sociais,
do empresário ao morador de rua.
Tem uns mais alegres e outros aborrecidos,
os trabalhadores e os menos favorecidos,
Outros procurando algum sentido,
de viver a vida traçando um futuro garantido.

Foi fundada por um índio de nome Araribóia,
Guerreou com os portugueses e,
Vencendo os franceses fez história.
Ganhou sua estátua de protetor localizada nas barcas,
Próximo temos lojas, *shoppings* e praças,
Cidadãos de todos os tipos se encontram em massa,
Para o auto consumismo dessa cidade fantástica.



VAMPIRO FLÂNEUR

Álvaro Claro De Paiva Dias Negrão

Esse vulto famélico que vaga
compartilha comigo igual projeto;
caminhamos com falso passo reto,
flanando ocultos pela rua maga.

A via, para nós, é boa paga.
Olhando as gentes, versos locupletos.
Já ele vê no povo um caro objeto;
tal liberdade minha pena afaga.

Nas incontáveis coisas citadinas
(sinfonias, perfumes, lamparinas)
ele se refestela e eu respiro.

Nossos olhos têm dentes não malsãos.
Acredito que somos dois irmãos
porque todo flâneur é um vampiro.



A ALMA DA ANDARILHA

Anna Gabriella Dias de Moura

A cidade tão sombria, tão apressada e tão pesada,
Em dias ensolarados
Aqueles que não dá para usar casacos
Tudo fica mais alegre e leve
Tanto que reflete a alma da andarilha nas paredes pichadas
Isto não é um poema, é mais um sopro de agonia
Que parece poesia
É mais saudade da estação que preenche um buraco
No meu coração
Tempo primaveril, tão bonito aqui no Brasil



SOBRE A ORGANIZADORA

Taís Turaça Arantes nasceu em 1991 no estado do MS e sempre foi apaixonada pelo conhecimento, por isso graduou-se em Pedagogia, Letras - Espanhol, Letras - Inglês e Recursos Humanos, especializou-se em Língua Latina na UERJ, mestrado em Letras, e se mudou para a capital do RJ para cursar o seu primeiro doutorado em Psicologia Social na UERJ. Também é doutora em Ciência da Literatura pela UFRJ. Autora de “A Andarilha do Bosque de Lírios” e “Os segredos da Mata”, livros de fantasia. Também organizou e escreveu artigos acadêmicos.

